



Lonely Hearts Club

PORQUE NINGUÉM PRECISA
DE NAMORADO PARA SER FELIZ

ELIZABETH EULBERG

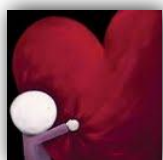
"Leitura imperdível para qualquer pessoa que já esteve apaixonada... ou que jurou nunca mais passar por isso."

STEPHENIE MEYER, autora de **Crepúsculo**





*Para meu amado EEC.
Especialmente Dav Pilkey,
que foi o primeiro
a me incentivar a escrever.
Tudo isto é culpa dele.*





Eu, Penny Lane Bloom, juro solenemente nunca mais namorar enquanto viver.

Tudo bem, talvez eu reconsidere essa decisão em dez anos, ou algo assim, quando não estiver mais morando em Parkview, Illinois, nem frequentando a escola McKinley, mas, por hora não que mais saber de garotos. São todos a escoria da humanidade, mentirosos e traidores.

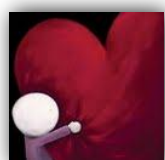
Sim, todos eles. A essência do mal.

Claro que alguns parecem ser legais, mas, assim que conseguem o que querem, dão o fora e você e partem para o próximo alvo.

Então, cansei.

Chega de namorar.

Fim.



Yesterday

“Love was such an easy game to play...”

O amor era um jogo tão fácil de jogar...





QUANDO EU TINHA 5 ANOS, caminhei até o altar com o homem dos meus sonhos.

OK, era um menino. Ele também tinha 5 anos.

Eu conhecia Nate Taylor praticamente desde o dia em que nasci. Meu pai e o dele eram amigos de infância, e todo ano Nate e seus pais passavam o verão com minha família. Meu álbum de bebê estava cheio de fotos minha e de Nate tomando banho juntos quando éramos crianças, brincando em nossa casa da árvore no quintal e, a minha favorita, vestidos de noivos em miniatura no casamento do meu primo. (Logo depois, essa foto, em que estou de vestido branco e Nate está de smoking, foi orgulhosamente pendurada na parede do meu quarto.)

Todo mundo sempre brincava que um dia nos casaríamos de verdade. Nós também achávamos. Pensávamos que éramos o casal perfeito. Eu gostava de brincar de guerra com Nate, e ele até brincava com as minhas bonecas (embora nunca admitisse). Ele me empurrava no balanço, e eu o ajudava a organizar seus bonecos. Ele me achava bonita de tranças, e eu o achava fofo (mesmo durante o breve período em que foi gordinho). Eu gostava dos pais dele, e ele, dos meus. Eu queria um buldogue inglês, e ele, pug. Macarrão com molho de queijo era o meu prato favorito, e o dele também.

O que mais uma garota poderia querer?



Para mim, esperar ansiosamente o verão era o mesmo que esperar ansiosamente por Nate. Consequentemente, muitas das minhas memórias giravam em torno dele:

♥ Meu primeiro beijo (na casa da árvore quando tínhamos 8 anos; dei um soco nele e depois chorei).

♥ A primeira vez que ficamos de mãos dadas (quando nos perdemos durante uma caça ao tesouro no terceiro ano da escola).

♥ Meu primeiro cartão de Dia dos Namorados (um coração de cartolina vermelha com meu nome escrito).

♥ Meu primeiro acampamento (quando tínhamos 10 anos, Nate e eu armamos uma barraca no quintal e passamos a noite inteira lá, sozinhos).

♥ A primeira vez que enganei deliberadamente meus pais (fui de trem sozinha até Chicago para ver Nate no ano passado e disse a eles que ia passar a noite na casa da minha melhor amiga, Tracy)

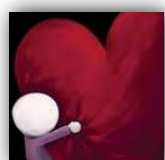
♥ Nosso primeiro beijo de *verdade* (14 anos; dessa vez não reagi com um soco)

Depois daquele beijo, minha ansiedade em relação ao verão aumentou. Não estávamos mais brincando de faz de conta. Os sentimentos eram reais, eram diferentes. O coração envolvido não era de cartolina — estava vivo, batendo... era de verdade.

Quando pensava no verão, pensava em Nate. Quando pensava em amor, pensava em Nate. Quando pensava em qualquer coisa, pensava em Nate.

Eu sabia que naquele verão ia acontecer. Nate e eu ficaríamos juntos.

O ultimo mês de aulas foi insuportável. Comecei a contar os minutos para que ele chegasse. Sai com minhas amigas para comprar “roupas para Nate”. E até comprei meu primeiro biquíni pra aquele verão pensando nele. Coordenei meu



horário de trabalho no consultório do meu pai com o trabalho de Nate no country Club. Não queria que nada nos atrapalhasse.

Então aconteceu.

Ele chegou.

Estava mais alto.

Ele estava mais velho.

Ele não era mais fofo — era sexy.

E era meu.

Ele me queria. E eu o queria. Parecia tão simples.

Logo estávamos juntos. Finalmente, juntos de verdade.

Mas não foi o conto de fadas que eu tinha imaginado.

Por que garotos mudam.

Eles mentem.

Eles esmigalham seu coração.

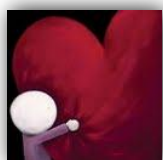
Eu descobri do jeito mais difícil que contos de fadas e amor verdadeiro não existem.

O cara perfeito não existe.

E aquela linda foto da inocente noiva em miniatura com o garoto que um dia partiria seu coração?

Também não existia mais.

Eu assisti enquanto ela era engolida pelas chamas.



Dois

Tudo aconteceu muito rápido.

Começou como qualquer outro verão. Os Taylors chegaram, e a casa virou um alvoroço. Nate e eu não parávamos de trocar olhares... Era nossa rotina nos últimos anos. Só que dessa vez havia algo por trás dos olhares. Havia desejo. Havia o futuro. Havia sexo.

Tudo com que eu tinha sonhado começou a acontecer. Nate era perfeito pra mim. O cara com quem eu comparava todos os outros. Quem sempre fazia meu coração disparar e meu estômago se contorcer.

Esse foi o verão em que meus sentimentos finalmente foram correspondidos.

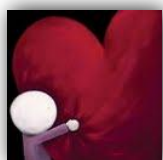
Começou com alguns encontros, nada demais. Só cinema, jantar etc.

Nossos pais não faziam idéia do que estava acontecendo. Nate não queria contar para eles, e eu concordei. Ele disse que eles provavelmente iriam pirar, e eu não discuti. Mesmo que soubesse que nossos pais queriam que ficássemos juntos um dia, não tinha certeza se eles já estavam preparados para isso. Especialmente quando Nate estava dormindo lá em baixo, em nosso porão à prova de som.

Tudo ia muito bem. Nate dizia todas as coisas que eu queria ouvir. Como eu era linda e perfeita, e como o fazia perder o fôlego quando nos beijávamos.

Eu estava no céu.

Nós nos beijávamos. Depois nos beijávamos e nos beijávamos. Então nos beijávamos mais. Mas logo isso não era mais suficiente. Logo mãos começaram a



deslizar, roupas começaram a ser tiradas. Era tudo o que eu tinha esperado... mas pareceu rápido. Muito rápido. Não importa quanto eu cedesse, ele sempre queria mais. E eu estava relutante. Tudo o que fazíamos se tornava uma disputa constante sobre quão longe eu estava disposta a ir.

Tínhamos demorado tanto para chegar àquele ponto, que eu não queria apressar as coisas. Não entendia por que não podíamos simplesmente curtir o momento, curtir o fato de estarmos juntos, sem nos precipitarmos a dar o próximo passo.

E quando digo próximo passo, quero dizer fisicamente.

Não havia muita discussão sobre o próximo passo no que dizia respeito ao nosso relacionamento.

Depois de algumas semanas. Nate começou a me dizer quanto ele sabia que eu era única, seu verdadeiro amor. Poderia ser tão incrível, ele dizia, se eu apenas deixasse que ele me amasse como queria.

Era o que eu sonhava havia tanto tempo. Era o que eu queria. Então pensei: *Sim, vou fazer isso. Porque vai ser com ele. E é isso que importa.*

Decidi fazer uma surpresa.

Decidi confiar nele.

Decidi ir em frente.

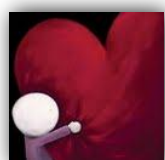
Eu tinha planejado tudo, tudo estava arranjado. Nossos pais iam ficar fora até tarde, e teríamos a casa só para nós.

— Tem certeza de que quer fazer isso, Pen? — Tracy me perguntou naquela manhã.

— Sei que não quero perder o Nate — respondi.

Esse era meu argumento. Eu faria aquilo por Nate. Não tinha nenhuma relação comigo ou com o que eu queria. Era tudo por ele.

Queria que tudo acontecesse naturalmente. Queria que ele não desconfiasse



de nada e que fosse surpreendido com quão perfeita eu era. Ele nem sabia que eu estava em casa; queria que Nate pensasse que eu ia passar a noite fora, para aumentar ainda mais a surpresa. Queria mostrar a ele que estava pronta. Disposta. Que era capaz. Eu tinha pensado em tudo, menos no que vestiria. Entrei escondida no quarto da minha irmã Rita e vasculhei as gavetas até encontrar um corpete de seda branca que não dava muita margem a imaginação. Também peguei um robe vermelho rendado.

Quando finalmente estava pronta, fui em silêncio até o quarto de Nate no porão. Comecei a abrir o robe, sentindo um misto de excitação e puro nervosismo. Mal podia esperar para ver a cara dele quando me visse. Mal podia esperar para provar o que eu sentia, para que ele finalmente sentisse a mesma coisa.

Sorri ao acender as luzes.

— Surpresa! — gritei.

Nate pulou do sofá com cara de pânico.

— Oi... — disse suavemente enquanto deixava o robe cair no chão.

Então uma segunda cabeça surgiu do sofá.

Uma garota.

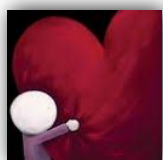
Com Nate.

Fiquei paralisada, sem conseguir acreditar no que via. Eu olhava de um para o outro enquanto eles tentavam colocar as roupas, sem jeito. Finalmente, peguei o robe e o vesti, tentando cobrir o Maximo de mim que conseguia.

A garota começou a dar risadinhas.

— Pensei que você tivesse dito que sua irmã não ia dormir em casa.

Irmã? Nate *não tinha* irmã. Tentei dizer a mim mesma que havia uma boa explicação para o que eu estava vendo. Nate não ia fazer uma coisa daquelas comigo, de jeito nenhum. Especialmente em minha própria casa. Talvez aquela garota tivesse sofrido um acidente de carro bem em frente à casa e ele a tivesse



levado para dentro para... hum, consolá-la. Talvez estivessem apenas ensaiando uma cena de uma montagem de verão de... *Romeu e Julieta nus...* Talvez eu tivesse pegado no sono, e aquilo fosse só um pesadelo.

Mas... não.

A garota terminou de vestir as roupas, e Nate, evitando de me encarar, levou-a até o andar de cima.

Que cavalheiro.

Depois do que parece uma eternidade, ele voltou.

— Penny — disse, enlaçando minha cintura. — Sinto muito por você ter presenciado isso.

Tentei falar, mas estava sem voz.

Ele colocou as mãos em meus ombros e começou a me acariciar por cima do robe.

— Sinto muito, Penny. Muito mesmo. Você precisa acreditar em mim: isso foi uma idiotice. Eu sou um idiota. Um completo idiota.

Balancei a cabeça.

— Como você pôde? — As palavras eram quase um sussurro, minha garganta estava apertada.

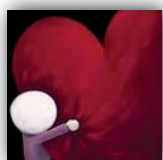
Ele se aproximou mais.

— Sério, nunca mais vai acontecer. Bem, *nada* aconteceu. Nada. Não foi nada. *Ela* não é nada. Você sabe como é importante pra mim. É com você que quero ficar. É você que eu amo. — Ele passou as mãos por minhas costas. — Talvez isso faça se sentir melhor. Diga o que devo fazer, Penny. Eu nunca quis magoar você.

O choque passava lentamente, dando lugar á raiva. Eu me afastei.

— Como você pôde? — perguntei. — COMO PÔDE? — Gritei esta última parte.

— Olhe, eu já pedi desculpas.



– Você PEDIU DESCULPAS?

– Penny, sinto muito.

– SENTE MUITO?

– Por favor, pare de fazer isso me escute. Eu posso explicar.

– Ótimo, então. – Sentei-me no sofá. – Explique.

Nate me olhou inquieto – claro que ele não esperava que eu realmente fosse me sentar e ouvir o que ele tinha a dizer.

– Penny, aquela garota não significa nada para mim.

– Não parecia ser nada. – Apertei a faixa do robe peguei uma almofada do sofá para cobrir minhas pernas.

Nate suspirou. Um suspiro bastante profundo.

– Pronto, vai começar o drama – disse ele. Então se sentou ao meu lado de braços cruzados. – Tudo bem. Se você não vai aceitar as minhas desculpas, não sei o que mais posso fazer.

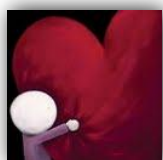
– Desculpas? – Eu ri. – Você acha que pedir desculpas vai apagar o que aconteceu? Pensei que você tivesse dito que eu era especial. – Olhei para o chão, com vergonha do que acabara de dizer.

– Penny, você *é* especial. Mas, pense bem, o que achou que iria acontecer? – O rosto de Nate ficou vermelho. – Quer dizer, é o seguinte: você e eu... nós somos... nós somos... Bem, é isso...

Não podia acreditar no que estava ouvindo. O Nate de alguns dias antes tinha desaparecido e algum... *monstro* tinha tomado o lugar dele.

– O que *isso* quer dizer?

– Jesus Cristo. – Nate se levantou do sofá e começou a andar de um lado para o outro. – É exatamente disso que estou falando. Olhe pra você, sentada aí como fazia quando éramos pequenos e não conseguia o que queria. Bem, eu quis você durante muito tempo, Penny. Durante muito tempo mesmo. Mas mesmo que



pense que me quer, você não *me* quer. Você quer a sua versão de namoradinho de infância. O Nate de-mãos-dadas-e-beijo-no-rosto. Então, este Nate cresceu. E talvez você devesse fazer o mesmo.

— Mas eu...

— O que? Você o que? Pôs a lingerie da sua irmã? Isso é brincadeira de criança, Penny. Na sua cabeça, é uma eterna cerimônia de casamento, só que sem lua de mel, sem tirar o vestido da noiva, nada. Mas adivinhe só: as pessoas fazem sexo. Não tem nada de mais.

Meu corpo começou a tremer. Finalmente eu compreendia.

— Eu não devia ter me envolvido com você. O que eu posso dizer? Estava entediado, e era muito mais fácil ceder a sua fantasia que lutar contra ela. E, admito, você tem esse lindo jeitinho suburbano a seu favor. Mas eu nunca tinha pensado que no final você ia ser só um aborrecimento.

Fiquei enjoada. Lágrimas começaram a rolar por meu rosto.

— Ah, por favor. — Nate se sentou e me abraçou. — Grite mais um pouco comigo e vai se sentir melhor. Então poderemos superar isso.

Eu me livreí do abraço dele e corri para o andar de cima.

Para longe de Nate.

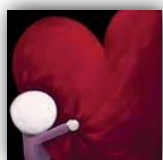
Para longe das mentiras.

Para longe de tudo.

Mas eu não podia fugir. Ele ficaria hospedado na nossa casa por mais duas semanas. Todas as manhãs teria de acordar e dar de cara com ele. Vê-lo sair e saber que provavelmente iria se encontrar com *ela*. Sabendo que ele tinha procurado outra pessoa porque eu não era boa o bastante. Ele nunca me veria “daquele jeito”.

Tios os dias era lembrada do fracasso que eu era. De como o que tinha desejado durante anos acabara por me magoar mais do que eu poderia imaginar.

Minha irmã mais velha, Rita, foi a única pessoa da família para quem eu



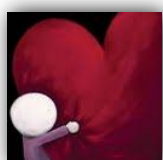
contei tudo, e a fiz jurar que guardaria segredo. Eu sabia que isso poderia prejudicar a amizade mais antiga e profunda de nossos pais, e não parecia justo deixar que Nate destruísse isso também. Além do mais, eu estava com vergonha. Não suportava a idéia de meus pais descobrirem como eu tinha sido idiota.

Rita tentou me consolar. Ela inclusive ameaçou matar Nate se ele chegasse a três metros de mim. Mas mesmo trinta metros seria perto demais.

— Penny, vai ficar tudo bem — prometeu Rita enquanto me abraçava. — Todo o mundo encontra alguns obstáculos pelo caminho.

Eu não tinha encontrado um obstáculo. Tinha batido de cara com em uma parede.

E nunca mais queria sentir aquela dor.



Três

EU ME SENTI PERDIDA, PRECISAVA me esconder. Fugir.

Só havia uma coisa que eu podia fazer para aliviar a dor. Recorri aos únicos garotos que nunca tinham me decepcionado. Os únicos caras que nunca partiram meu coração, que nunca me desapontaram.

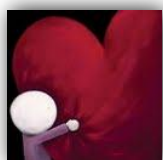
John, Paul, George e Ringo.

Qualquer um que já tenha se agarrado a uma música como a um bote salva-vidas vai entender. Ou alguém que tenha colocado uma canção para fazer aflorar um sentimento ou uma lembrança. Ou que tenha uma trilha sonora tocando em sua mente para embalar um diálogo ou uma cena.

Assim que voltei para o quarto, arrasada com o fora que levava de Nate, aumentei tanto o volume do som, que minha cama começou a tremer. Os Beatles sempre foram meu porto seguro. Eram parte da minha vida mesmo antes de eu existir. Na verdade, se não fosse por eles, eu nem teria nascido.

Meus pais se conheceram em um santuário improvisado em um parque de Chicago na noite em que John Lennon foi baleado. Ambos eram fãs de carteirinha dos Beatles e, mas tarde, sentiram que não tinha escolha a não ser batizar suas três filhas em homenagem às canções da banda: “Lucy in the Sky with Diamonds”, “Lovely Rita” e “Penny Lane”.

É claro que minhas irmãs mais velhas tiveram sorte de ganhar nomes mais normais, mas meus pais me deram serviço Lennon/McCartney completo: Penny Lane. Nasci, inclusive, no dia 7 de fevereiro – aniversário da primeira visita dos



Beatles aos Estados Unidos. Não acreditava que tivesse sido coincidência. E não me surpreenderia se minha mãe tivesse se recusado a fazer força só para que eu nascesse naquele dia.

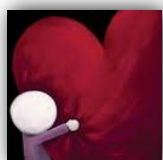
A maior parte das nossas férias em família era passada em Liverpool, nas Inglaterra. Todos os cartões de Natal que mandamos na vida tinham uma foto nossa recriando a capa de um dos álbuns dos Beatles. Para falar a verdade, eu deveria odiar os Beatles. Essa deveria ser a minha revolta. Mas, em vez disso, eles se tornaram parte de mim. Se estivesse triste ou feliz, era confortada por suas palavras, suas músicas.

Agora, eu estava abafar as palavras de Nate com “Help!”. Enquanto fazia isso, peguei meu diário. O caderno de couro pareceu pesado em minhas mãos, os anos de sentimentos dentro dele vindo à tona. Eu o abri e folhee as anotações, a maioria era letras dos Beatles. Para qualquer outra pessoa pareciam associações absurdas, mas, para mim, as letras significavam muito mais que apenas palavras. Eram instantâneos da minha vida: os momentos bons, os ruins e os relacionados com garotos.

Tanto sofrimento. Comecei a analisar meus relacionamentos anteriores.

Dan Walker, mais velho e, de acordo com Tracy, “incrivelmente gostoso”.

Namoramos durante quatro meses no começo do segundo ano. As coisas começaram a relativamente decentes — se a sua definição de decente for ir ao cinema e depois à pizzaria toda quarta-feira à noite com todos os outros casais da cidade. Em certo momento, Dan começou a me confundir com uma personagem do filme *Quase Famosos* que também se chamava Penny Lane. Ela era um fã sem limites, então Dan enfiou na sua cabeça oca que se tocasse “Stairway to Heaven” no violão eu ia me entregar. Aprendi logo: ser bonito não significa que você vai saber tocar violão decentemente. Quando Dan se deu conta de que eu não ia tirar a roupa, mudou o tom.



Depois teve Derek Simpson, que tenho quase certeza de que só saiu comigo porque achou que minha mãe, farmacêutica, pudesse arranjar drogas para ele.

Darren McWilliams não foi muito melhor. Começamos a namorar um pouco antes de a obsessão desse verão por Nate se instalar, ele parecia um cara gentil, até que começou a sair com a Laura Jaworski, que Ra muito minha amiga. Acabou marcando com nós duas no mesmo dia. E nem imaginou que nós compararíamos nossa programação.

Dan, Derek e Darren — e isso foi apenas no segundo ano, Fui traída, enganada e usada. A lição que aprendi? Ficar longe de caras cujo nome começasse com a letra D, já que era todos o Demônio.

Talvez o nome de Nate fosse Dante Destruidor de Devaneios. Porque ele foi dez vezes pior que os três *Ds* juntos.

Larguei o diário. Eu estava com raiva de Nate, de verdade. Mas estava muito mais furiosa comigo mesma. Por que tinha me permitido fazer aquilo? O que conseguira com todos aqueles relacionamentos, além de um coração partido? Eu era mais inteligente que isso. Não devia ter caído nessa.

Eu realmente queria continuar sendo usada? Havia alguém no mundo que valesse a pena?

Achava que Nate fosse a pessoa, ma estava errada.

Levantei algo me chamou atenção. Fui até meu pôster favorito dos Beatles e comecei a passar os dedos pelas letras: *Sgt Pepper's Hearts Club Band*.

Banda do Clube dos Corações Solitários do Sargento Pimenta.

Eu olhara para aquele pôster todos os dias nos últimos sete anos. Escutara aquele disco, uma única e longa palavra para mim, *SgtPepper'sHeartsClubBand*.

Mas agora três palavras sobressaiam, e algo completamente novo.

Lonely

Hearts



Club

E foi então que aconteceu.

Algo naquelas palavras.

Lonely. Hearts. Club.

Na teoria, podia ter soado deprimente. Mas não havia nada deprimente na música.

Não, esse Lonely Hearts Clube r ao oposto de deprimente. Era alegre.

A resposta estava na minha frente o tempo todo. Havia uma maneira de parar de ser atraída, enganada e usada.

Eu ia parar de me torturar namorando otários. Aproveitaria as vantagens de ser solteira. Pela primeira vez, iria me concentrar em mim. O terceiro ano seria o meu ano. Giraria todo em torno de mim, Penny Lane Bloom, única participante e fundadora do Lonely Hearts Club.



Come Together

“... you’ve got to be free...”
... você têm de ser libertar...



Quatro

Os garotos estavam mortos para mim. A única questão era: Por que eu não havia pensado nisso antes?

Eu sabia que a idéia era genial. Mas seria legal se minha melhor amiga parasse de me olhar como se eu tivesse fugido de um hospício.

— Pen, você sabe que eu te amo, mas...

Lá vamos nós.

Estavas em uma reunião de emergência (acompanhada de batatas fritas com queijo derretido, necessárias para se recuperar de um fora) na lanchonete perto de casa, menos de uma hora depois de meu surto de inspiração. Tracy tomou um gole de seu milk-shake, absorvendo meu longo discurso sobre todos os problemas que os garotos me causaram ao longo dos anos. Eu ainda nem tinha chegado a parte sobre o clube e a decisão de nunca mais namorar.

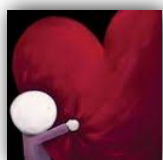
— Sei que você está chateada, e tem toda razão de estar — disse Tracy. — Mas nem *todos* os caras são maus.

Revirei os olhos.

— Ah, é? Será que devo repassar suas listas dos dois últimos anos?

Tracy afundou na cadeira. Todo ano ela fazia uma relação dos caras que queria namorar. Passava o verão inteiro comparando as opções antes de finalizar a lista para o começo das aulas, com os caras assinalados em ordem de preferência, com base em notas para beleza, popularidade e beleza.

Definitivamente a lista causava mais sofrimento do que valia a pena. Tracy



ainda não saíra com nenhum dos candidatos. Na verdade, ela nunca tinha tido um namorado. Eu não entendia por que. Ela era bonita, engraçada, inteligente e uma das amigas mais leais e confiáveis que alguém poderia ter. Mas, como se eu precisasse de outro exemplo de por que os garotos não prestam, nenhum dos caras da McKinley parecia achar que ela era uma menina para namorar.

Sorte dela, pensei. Mas Tracy não via as coisas dessa forma.

— Não sei do que está falando — disse ela.

— Tá bom. Então quer dizer que você não tem uma nova lista pronta para ser avaliada?

Tracy colocou a bolsa na cadeira ao lado da sua.

É claro que ela fizera uma nova lista. Só tínhamos mais alguns dias de férias antes do início do terceiro ano.

— Tanto faz. — ela bufou. — Acho que deveria simplesmente jogá-la fora, pois, de acordo com você, todos os homens são idiotas.

Eu sorri.

— Agora estamos fazendo progresso. Vamos queimar a lista!

Tracy gemeu.

— Você está definitivamente louca. Pode falar sério por um segundo?

— *Estou* falando sério.

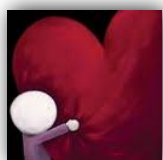
Agora foi Tracy quem revirou os olhos.

— Ah, vá!, Nem todos os homens do planeta são seres humanos horríveis. E seu pai?

— E Thomas Grant? — devolvi.

Tracy ficou boquiaberta.

Ok, talvez eu tenha pegado pesado. Thomas estava na lista do ano passado. Ela passou o semestre inteiro dando mole para ele na aula de química. Finalmente, ele perguntou se ela estava livre no fim de semana. Tracy ficou superempolgada...



até ele mandar uma mensagem de texto uma hora antes do horário em que deveriam se encontrar dizendo que tinha “rolado” algo. Então ele a ignorou pelo restante do ano. Sem explicação, sem desculpas, nada.

Típico dos homens.

— E Kevin Parker? — pressionei.

Tracy cravou os olhos em mim.

— Bem, não é minha culpa se ele não sabe que eu existo.

O nome em primeiro lugar nas listas de Tracy era sempre o mesmo: Kevin Parker, o maravilhoso jogador de futebol americano do ultimo ano. Infelizmente, Kevin nunca em sequer notara a existência de Tracy. Quando eu namorava Derek, convidava Kevin e seus amigos para irem a minha casa com o único propósito de fazer com que ele a conhecesse. Mas ele nunca deu a mínima para ela. Uma das únicas razões pelas quais aturei Derek por tanto tempo foi porque Tracy precisava de sua dose diária de Kevin Parker.

Pensar naquela lista e em como ela ditava a felicidade de Tracy me fez querer arrancá-la de sua bolsa e rasgá-la em pedacinhos. Porque eu sabia que — um por um — ela teria de riscas os nomes, e que terminaria aos prantos.

Tracy suspirou e se recompôs.

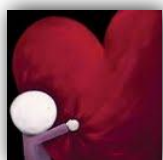
— Este ano vai ser diferente — ela jurou. — Não sei, estou com um pressentimento muito bom.

Ela pegou a lista e começou a olhar com esperança para os candidatos.

Eu tinha mesmo acreditado que Tracy entenderia minha necessidade de nunca mais namorar? Ela não pensava em outra coisa que não fosse namorar.

Desisti... por enquanto.

Tracy não era a única que tinha um bom pressentimento em relação ao ano.



Cinco

O PRIMEIRO DIA DE AULAS. Eu nem havia chegado e já tinha de encarar o inimigo. Não Nate — ele fora embora. Mas um dos seus.

— Dá pra acreditar que meu irmãos já está no ensino médio? — Tracy gesticulou em direção ao banco de trás do carro, no qual seu irmão Mike ouvia musica no ultimo volume no iPod. — E sabe, não estou vendo chifrinho no alto da testa dele.

— *Ainda não.* — Sorri para ela.

O jovem Mikey Larson estava no primeiro ano... um garoto... um *deles*.

Fiquei imaginando quando ele começaria a agir como todos os outros da McKinley. Será que havia algum tipo de aula secreta em que eles aprendiam se transformar em cretinos?

Enquanto Mike saia do carro de Tracy, não pude deixar de notar que eles estavam mais parecidos que nunca: os cabelos louro-escuros, os olhos castanhos e o rosto em formato de coração.

Tracy me olhou de cima a baixo.

— Pen, esses sapatos são *lindis*. Você está um *arraxo* hoje. — disse enquanto se olhava no espelho retrovisor e aplicava uma camada de gloss. — Está querendo impressionar alguém especial?

Suspirei.

— Não. Só queria ficar bonita para mim mesma.

Tracy me dirigiu um olhar que deixava claro que não acreditavam em nem



uma palavra do que eu disse.

Não me importei. Ia ser o começo de um ano incrível. Abri a porta e sai para a escola, animada com a perspectiva de um novo começo, sem toda aquela maluquice de garotos.

O sorriso em meu rosto desapareceu rapidamente quando a primeira pessoa que vi foi Dan Walker, usando a jaqueta que eu tinha “pegado emprestado” quando estávamos namorando. Era mesma apropriadamente que eu fosse recebida com uma lembrança de meu traumático passado amoroso,. Fiquei muito grata por Nate estar a quilômetros de distancia, em Chicago. Virei no corredor para desviar de Dan e vi Kevin Parker, que aparentemente ainda era descolado demais para perder tempo notando Tracy.

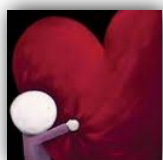
Minha frustração aumentou enquanto continuava a examinar meus colegas de escola. Tinha andando pro aqueles corredores milhares de vezes, mas era como se só agora meus olhos estivessem abertos. Tudo o que eu via era garotas tropeçando nelas mesmas para dar mole para os caras, casais andando de mãos dadas, garotos agindo... bem, como garotos: ruidosos, desprezíveis, egocêntricos. Eles não iam ate as garotas; as garotas iam até eles.

Minha mochila vibrou e peguei o celular. Parei de repente, e Brian Reed desprezo.

Ai de quem os impedisse de ficar de mãos dadas vinte e quatro horas por dia!

Voltei do meu aturdimento. Tinha certeza de que devia haver algum engano. Mas não — o celular confirmava cruelmente a verdade: era uma mensagem de Nate. É claro que ele iria encontrar um jeito de me torturar mesmo sem estar por perto.

Bom primeiro dia de aula.



O quê? Primeiro: Nate sabia que eu não estava falando com ele. Segundo: tinham se passado apenas duas semanas — ele pensava que eu tinha esquecido? Terceiro: ele poderia ter sido mas patético? Apaguei a mensagem e joguei o celular de volta na mochila.

Eu me recusava a deixar que Nate Taylor arruinasse mais um dia que fosse da minha vida.

— Você está tão ferrada, Bloom!

Ryan Bauer estava encostado em seu armário, com os braços cruzados e um sorriso malicioso no rosto.

Sensacional. Eu não estava com a mínima paciência para lidar com aquela chatice.

— O que foi? — perguntei, impaciente, enquanto abria meu armário, a três portas do dele.

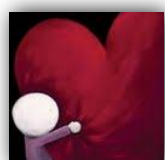
Ryan olhou para mim, confuso.

— Hum, deixe pra lá. — ele pegou meu cronograma de aulas na minha pilha de livros.

Ryan Bauer era um daqueles garotos com uma namorada grudenta cuja vida girava em torno dele. Ele era um chichê enorme em nossa escola: um ótima atleta com boas notas e ainda por cima lindo. Tinha mais de 1,80 metros e corpo definido, incríveis olhos azuis, e estava passando a mão por seu cabelo preto ondulado. Naturalmente, era um dos maiores azaradores da escola. Eu costumava jogar o jogo dele, mas dessa vez não estava com a mínima vontade de alimentar ainda mais o seu ego.

Ele era um garoto. Um garoto *garoto*. Provavelmente tinha corpos de criancinhas e filhotinhos escondidos em seu armário.

Quase não o reconheci sem Diane Monroe grudada em cada um dos seus



movimentos. Ryan e Diane namoravam desde sempre. Bem, tecnicamente, desde o oitavo ano, mas o colégio isso era sempre. Diane era clássica namorada de um cara bem-sucedido com Ryan: cabelos louros longos e brilhantes, olhos azul-claros cristalino, corpo de modelo e sempre, sempre arrumada — a típica líder de torcida/presidente do Conselho Estudantil.

— Cara, parece que só temos história mundial juntos — Ryan estava me dizendo. — Todd também está nessa turma. Que saco!

— É, que saco. — Nem tentei esconder o sarcasmo na minha voz.

— Oiê!

Olhei para o corredor e vi ninguém menos que a Srta. Diane Monroe andando em nossa direção com um grande sorriso no rosto. Ela certamente tinha algum tipo de sexto sentido que avisava quando Ryan conversava com outra garota. Tentei não revirar os olhos enquanto começava a tirar os livros do armário.

— Feliz primeiro dia de aula! — disse ela.

Bati a porta do armário e tentei ir para a aula de espanhol — mas Diane bloqueou meu caminho, parada diante de mim com o sorriso ainda mais largo, o que de alguma forma me deixou apavorada.

— Oi, Penny — disse ela. — Como foi seu verão?

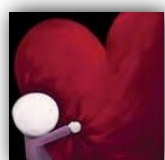
Seus olhos estavam praticamente saltando faíscas de entusiasmo. Foi quase suficiente para me fazer gaguejar.

Olhei para ela, confusa. Por que estava falando comigo? Nunca nos falávamos.

— Hum, oi, Diane.

Não entendia por que todo mundo tinha necessidade de falar sobre o verão no primeiro dia de aula. Era muito irritante. Não havia motivo para pensar no verão. Nunca mais.

— Então, notou alguma coisa? — Diane começou a dar uma volta. Tudo nela



gritava perfeita, nenhuma grande mudança nesse sentido, então eu simplesmente dei de ombros. — Penny — Diane parecia perplexa. Meu modelito, não se lembra? — Examinei as roupas dela: jaqueta jeans justa, uma blusa preta de lantejoulas por baixo, minissaias rosa e sandálias rosa com salto centímetros. Dei de ombros. Claramente, eu não me lembrava. — Penny! — Diane abriu a jaqueta para mostrar que a blusa tinha um símbolo dos Beatles. — Agora está lembrando? Sempre usávamos uma camisa dos Beatles no primeiro dia de aula.

Fiquei boquiaberta. É, quando tínhamos 10 anos... e nos falávamos.

— Hum, foi mal — eu disse. — Faz muito tempo.

Os ombros de Diane caíram. Eu não dera a resposta que ela esperava. O que ela queria? A última vez que cumpri nosso ritual do primeiro dia de aula foi no nono ano. Foi no dia em que me atrasei para a escola porque Diane não passou na minha casa para me pegar como sempre fazia. Foi no dia em que minha melhor amiga se esqueceu de usar sua camisa dos Beatles, E acabou sendo o dia em que finalmente me dei conta de que nossa amizade chegara ao fim.

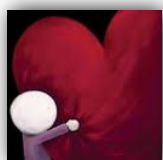
Tínhamos sido melhores amigas por quase dez anos. Nossas mães se conheceram em um clube do livro quando ainda usávamos fraldas e combinaram que brincaríamos juntas regularmente. A mãe dela nos pegava na escola e nos levava para o parque, ou íamos para a minha casa e brincávamos no quintal.

Mas nada disso que só tínhamos importado. Nada mais importava para Diane depois de Ryan entrar em cena.

Diane decidira que só havia espaço para uma pessoa em sua vida.

Tinha de escolher entre a melhor amiga e o namorado.

Adivinhe quem ela escolheu.



Seis

Livreime de Diane e Ryan o mais rápido que pude, antes que eles virassem DianeRyan no meio do corredor. Mas o nome de Diane veio a tona de novo no almoço.

— Então, adivinhe quem veio cheia de conversa pra cima de mim na aula de biologia e na aula de francês, como se fossemos amigas — Tracy perguntou enquanto andávamos para o refeitório depois das aulas da manhã. — Diane Monroe, dá para acreditar? Acho que ela deve estar armando para conseguir o máximo de votos possível pra rainha do baile.

— É, ela anda bastante estranha — concordei.

— Argh, não suporto essa garota.

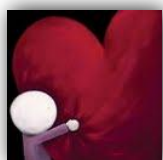
Tracy nunca foi grande fã de Diane — muitas garotas da escola também não eram. Talvez fosse sua aparência perfeita ou o fato de ser boa em tudo o que fazia.

Mas isso era só inveja mesquinha.

Havia apenas uma pessoa na McKinley com um motivo válido para odiar Diane Monroe.

Eu.

Como se não bastasse o fato de ela ser um exemplo clássico da Garota que Abandona sua Identidade por um Garoto, também tinha me abandonado. Eu sempre achara essas garotas que largam as amigas toda vez que um garoto se interessa por elas eram patéticas. Mas quando me tornei uma dessas amigas, vi



como doía.

Só mais um exemplo do que os garotos faziam para arruinar a minha vida. Como se me tratar como lixo não fosse suficiente, eles roubavam minhas amigas.

Mesmo que odiasse as listas de Tracy porque as deixavam triste, em geral eu ficava secretamente feliz quando terminavam em um grande fracasso. Não queria perder Tracy como tinha perdido Diane.

Assim que ultrapassamos a grande fila de inocentes do primeiro ano que ainda não sabiam do veneno do refeitório. Tracy e eu nos sentamos a nossa mesa de almoço — a mesma do ano anterior. Nossas amigas Morgan e Kara logo se juntaram a nós.

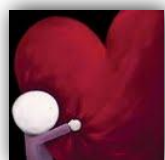
— Oi, meninas — Morgan nos cumprimentou enquanto ela e Kara se sentavam. — Meus pais estão pegando no meu pé para encher de atividades extracurriculares meus formulários da faculdade. Dá para acreditar? Já tenho de me preocupar com isso. Não acabamos de começar o terceiro ano?

Todas assentimos. Kara se ajeitou na cadeira e brincou com sua maçã enquanto o restante de nós começava a almoçar. Era difícil não notar que ela tinha pedido ainda mais peso durante o verão — como se fosse possível. Estava praticamente se afogando no moletom cinza da McKinley.

De repente, o corpo de Kara foi empurrado em direção a mesa por uma garota baixinha de cabelos encaracolados que devia ter escorregado. A bandeja que a garota carregava atingiu a cabeça de Kara e o refrigerante entornou em seu ombro.

— Ah, não! — gritou a garota. — Meu refrigerante!

Todas olhamos chocadas enquanto ela pegava o copo de plástico e examinava as próprias roupas, ignorando Kara completamente. Nunca tinha visto aquela garota antes, então imaginei que devesse ser do primeiro ano. De jeito nenhum eu teria deixado de notá-la, ainda que ela não tivesse mais de 1,50 metro.



Tudo nela era exagerado — unhas de acrílico imitando francesinhas, cabelo castanho-escuro com varias mechas loiras, sobrancelhas finas e lábios cheios de batom. Ela usava uma minissaia jeans muito curta e uma blusa de alcinhas de renda — em outras palavras, parecia mais que ia desfilhar em uma passarela, e não almoçar no refeitório da escola.

— Você está bem? — Morgan estendeu alguns guardanapos para Kara se limpar.

— Ash-ley! — a garota gritou para a amiga. — Derramei alguma coisa na minha blusa?

Tracy virou a cabeça na direção dela.

— Com licença, que tal pedir desculpas a minha amiga, que você acabou de deixar ensopada?

A garota olhou para Tracy como se ela estivesse falando grego.

— Qual é o problema? Derramei meu refrigerante.

Tracy dirigiu a ela o olhar raivoso que era sua marca registrada — os olhos espremidos em linhas, os lábios franzidos, um olhar de completo desprezo.

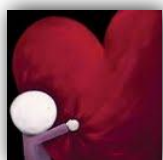
— É, você derramou seu refrigerante *na minha amiga*. Você sabe o que quer dizer pedir desculpas?

A garota abriu a boca, irritada. Murmurou alguma coisa que devia ser um pedido de desculpas (parecia mais uma pergunta: “foi-mal?”) e saiu andando.

Tracy voltou a se sentar.

— Inacreditável. É o primeiro dia de aulas e essas garotas do primeiro ano já se acham as donas do pedaço. Ah, e que surpresa: vejam só para qual mesa elas estão indo!

Havia um longo grupo de mesas perto da janela nas quais ficavam os atletas e as lideres de torcida, inclusive a infame elite do G8: Ryan Bauer e Diane Monroe, Brian Reed e Pam Schneider, Don Levitz e Audrey Werner, Todd Chsney e uma



das suas muitas namoradas da vez.

Tracy e eu éramos duas das poucas garotas da nossa turma que não tinha freqüentado aquela mesa como a namorada da vez de Todd. Eu nunca tive vontade de fazer parte daquela versão demente da Arca de Noé, na qual você só consegue sobreviver se fizesse par com um exemplar do sexo oposto. Se eu tivesse de escolher entre namorar Todd e perder o barco, estava totalmente preparada para me afogar.

Tanto Kara quanto Morgan tinham namorado Todd. Morgan no nono ano, e ela mentiu para todo o time de basquete sobre quão longe tinha ido com ela. Depois que ele a dispensou, Morgan tornou cada vez mais popular entre os garotos da turma, até que se deu conta de que era porque todos pensavam que ela fosse fácil.

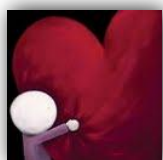
Qualquer um pensaria que Kara tinha aprendido com os erros de Morgan. Mas não. Todd conseguia acabar com todo o bom-senso de uma garota. Kara pensou que ia ser diferente, então mergulhou fundo... e descobriu que uma menina chamada Tina McIntyre estava nadando na mesma piscina, ao mesmo tempo.

Eu não conseguia deixar de me perguntar como um garoto podia namorar duas garotas legais ao mesmo tempo, enquanto nós, garotas, não conseguíamos encontrar nem um garoto que prestasse.

Meu rosto ficava quente à medida que eu pensava na quantidade de problemas que Todd causara — não apenas para Kara e Morgan, mas também para praticamente metade de nossa turma. Nunca entendi o poder que ele tinha sobre as garotas. Era o típico atleta burro: um cara grande, com o cabelo louro-escuro cortado bastante curto e roupas nas quais sempre havia ao menos dois símbolos de equipes esportivas.

Pensar em Todd fez com que me desse conta de que eu não seria a única garota na McKinley a se beneficiar de um boicote aos garotos.

Aquelas alunas desagradáveis do primeiro ano estavam se jogando em cima



dele agora, e ele adorava cada minuto.

— Os garotos são uns imbecis — eu praticamente gritei.

Tracy deixou escapar uma risada.

— Ah, até parece! Como se você também não desse mole para o Ryan e o Todd!

Como se eu O QUE?

— Do que você está falando?

— Tá brincando? Toda vez que está perto do Ryan, você dá um mole gigantesco para ele.

É, bem, mas essa era a velha Penny. A nova Penny nunca mais ia dar mole para ninguém. Eu ficaria feliz se não tivesse de falar com nenhum garoto pelo resto do ano.

— Os garotos do G8 não são o problema — disse Morgan. — Aquelas garotas são tão superficiais e não tem nada, absolutamente *nada*, sobre o que falar, além dos namorados.

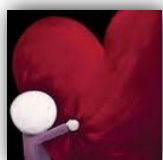
— Bem — Kara interrompeu — , a Diane sempre foi legal comigo. Mas a Audrey e a Pam são um pouco metidas.

Morgan olhou com desprezo para a mesa deles.

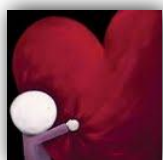
— Por favor. Tudo bem que eles são líderes de torcida e namoram os melhores atletas, *que tédio*, mas ninguém gosta delas de verdade. Vocês sabem que isso é o mais ridículo de tudo: todas essas pessoas supostamente populares são desprezadas pela maioria dos outros alunos. E quando são legais com alguém de fora do grupo, é sempre, *sempre*, porque querem alguma coisa.

— Exatamente! — Tracy emendou. — Hoje na aula, Diane fingiu que queria ser minha “melhor amiga para sempre”. E tentou a mesma coisa com a Pen hoje de manhã.

Morgan assentiu.



- Exatamente. É obvio que ela quer alguma coisa.
- É, bem, o que quer seja — Tracy disse, olhando para a mesa do G8 — , ela *não* vai conseguir.



Sete

ENTREI NA SALA PARA A AULA DE HISTORIA mundial e me vi completamente cercada. A Srta. Barnes, nossa professora, distribuía os lugares em ordem alfabética (que original!), e eu fui colocada entre Ryan e Todd, com Derek Simpson sentado duas fileiras atrás de mim, e Kevin Parker (a principal obsessão de Tracy) e Steve Powell (um pouco abaixo na lista) muito perto.

Havia apenas três outras garotas na turma, mas elas se sentavam tão longe de mim quanto possível.

— E ai, *Señorita* Penny — Todd me cumprimentou quando me sentei.

Tínhamos assistido a uma aula de espanhol naquela manhã e (para meu desgosto) fomos designados parceiros de conversação. Todd tinha passado a maior parte do tempo inventado palavras e imitando o sotaque espanhol — *la xícara, el cabelón, la meninita*.

Ryan se sentou ao meu lado.

— Mas que surpresa — disse ele.

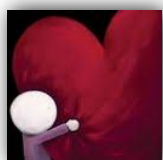
Todd se inclinou em direção à minha carteira.

— Ei, Penny, qual vai ser seu nome espanhol?

Dei de ombros. Nunca tinha pensando nisso a serio.

Todd continuou:

— Porque estava pensando em usar *Nacho*, e ai você poderia ser *Margarita*, então quando tivermos de fazer alguma tarefa juntos a *Señora* Coles vai ter de chamr *Margarita y Nacho*. — Todd riu, então se inclinou para a frente e levantou a



mão.

Eu fiz o melhor que pude para ignorá-lo.

— Como assim? — perguntou Ryan. — Bloom, está me traindo com o Chesney? Serio. Achei que você tivesse bom gosto.

Tá legal, como se fosse eu que estivesse traindo. Não sou eu que estou namorando.

Todd fez um gesto obsceno pra Ryan, e então os dois começaram a se provocar sobre quem ia dar mais voltas na pista no treino daquela noite.

Fiquei imaginando se haveria alguma escola só para meninas no meu bairro.

Nunca fiquei tão aliviada ao ouvir o ultimo sinal do dia. Sai correndo da sala como se estivesse pegando fogo e fui direto para o meu armário, onde Diane esperava. Não por mim. Por Ryan. É claro.

Mesmo assim, ela me deu um tchauzinho

Será que ela tinha um armário próprio?

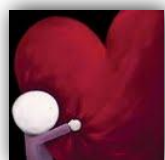
— Oi, Penny! — ela disse quando me aproximei. — Você vai ao jogo na sexta à noite?

— Vou.

Tentei parecer ocupada procurando meu livro de biologia. Não estava entendendo por que, do nada, ela estava tão interessada em meus compromissos sociais.

— Como se alguém fosse querer perder aquela moleza — Todd disse quanto se aproximava com Ryan. Depois parou e estendeu a mão espalmada para bater na dele. — Até o pai do Bauer vai estar lá! Só isso já vale o ingresso. Coisa desse tipo acontece a cada eclipse da lua ou algo assim...

Ryan olhou com raiva para Todd e bateu a porta do armário. Eu conhecia Ryan desde o jardim. de infância e nunca tinha visto o pai dele. A mãe e o padrasto, sim. Mas nunca o pai. Tudo o que eu sabia era que ele era um advogado importante



em Chicago.

Houve um silencio constrangedor no grupo deles — um grupo com o qual eu não queria me envolver. Peguei meu celular e senti um frio no estômago quando vi que havia outra mensagem de Nate.

Não pode me ignorar para sempre.

Apertei o botão de APAGAR. Com certeza eu ia tentar.

— Penny? — Era a voz de Diane.

— O que foi? — Levantei a cabeça e notei que ela estava sozinha. Não tinha ouvido Ryan e Todd saírem. Por que ele ainda estava ali?

— É que, bom estava pensando... — Ela começou a dobrar nervosamente a ponta do caderno. — quer dizer, acho que tem um bom tempo que a gente não conversa, e eu adoraria se a gente pudesse sair uma hora dessas, para ver um filme, ir a uma lanchonete, o que você estiver a fim de fazer.

Ela não pode estar falando sério, pensei.

— É que, bem, eu...

Por que não me diz o que quer, para acabarmos logo com isso?

— Vai fazer alguma coisa amanhã à noite? — ela perguntou.

— Hum... — enrolei, tentando pensar em uma razão para não sair com ela.

— Estava pensando que podíamos ir ao shopping e depois comer alguma coisa. Não ia ser divertido?

Não, não mesmo...

Olhei para Diane. Os olhos dela estavam arregalados, e parecia que ela realmente queria passar algum tempo comigo. Era isso, ou ela estava tão desesperada para ser a primeira aluna de terceiro ano eleita rainha do baile, que estava disposta a levar sua campanha além das linhas inimigas.



Espere um segundo, pensei. Esta é Diane Monroe. A mesma Diane que furou comigo um milhão de vezes. Para quem nenhuma amiga vira antes de Ryan. Se eu concordar ela certamente vai cancelar para fazer alguma coisa com ele. Algumas coisas nunca mudam.

— Pode ser — respondi.

Eu sabia que sempre haveria a possibilidade de dar uma desculpa (como a de que eu precisava trabalhar no consultório do meu pai), se ela não cancelasse primeiro.

Diane deu um pulinho.

— Êêê! Passo na sua casa amanhã depois da aula.

Eu iria esperar sentada.





— Você aceitou o que? — Tracy praticamente foi parar no acostamento quando contei a ela na manhã seguinte. — Sério, Penny, ela deve estar tomando algum remédio. Tem alguma coisa errada aí.

— Eu sei, já vi a Diane falando com *todo o mundo*. — Tentei não rir.

— Você não está entendendo, você não tem aula com ela. Eu tenho duas, *antes* do almoço. E ontem ela ficou o tempo todo falando comigo daquele jeito de líder de torcida dela.

— Pois é, mas não estou muito preocupada com isso. Ela vai furar. Fim de papo.

Acho que de certa forma Diane me preparou para levar o fora de garotos. Com ela foi igual a com qualquer carinha — nunca retornava meus telefonemas, me evitava no corredor, falava de mim pelas costas.

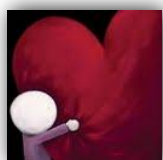
O celular de Tracy tocou. Ela colocou o fone de ouvido, atendeu, escutou por uns três segundos, depois gritou:

— O QUÊ?

Eu instintivamente agarrei o volante para ela não perder a direção.

— Está falando serio? Quando? — Tracy agarrou meu braço. — Aí, meu Deus!

Eu quis dar um soco nela, mas não queria morrer no caminho para a escola. Tracy continuou gritando e fazendo perguntas. Quando ela finalmente desligou o



telefone, um olhar de convencimento se instalou no seu rosto.

— Você não vai acreditar. O Ryan terminou com a Diane.

— O QUÊ? — eu gritei tão alto que Tracy estremeceu. — Não pode estar falando serio. Eu vi a Diane em frente ao armário dele...

Tracy balançou a cabeça.

— A Jen chegou mais cedo hoje de manhã pra treinar com o time de vôlei, e a notícia se espalhou. Ela ficou sabendo que o Ryan terminou tudo no começo do verão, antes de ela viajar de férias, mas ninguém sabia disso, porque ele não queria, sei lá, espalhar fofocas ou coisas do tipo enquanto ela estivesse viajando. Eles queriam esperar mais alguns dias para contar as pessoas, mas o Todd acabou dando com a língua nos dentes para a Hilary Jacobs, e você pode adivinhar o que aconteceu depois.

— Isso é impossível — respondi.

Diane Monroe e Ryan Bauer estavam juntos havia quatro anos. O destino deles eram se casar, ter 2,4 filhos e 50% de chance de serem felizes para sempre.

— Tudo começa a fazer sentido! É por isso que ela está sendo tão legal com todo o mundo, aquela vaca falsa. — Tracy olhou furiosa para mim. — E agora sabemos exatamente o que ela quer.

Olhei para Tracy confusa. O que Diane queria?

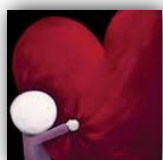
— Ela acha que agora que está solteira pode voltar correndo pra sua boa e velha amiga Penny.

Eu estava tentando entender tudo aquilo. Diane tinha me dado o fora para ficar com Ryan; Ryan tinha dado o fora em Diane, e agora ela esperava que nós pudéssemos ser amigas novamente.

Acho que não.

— Espere aí — Mike se intrometeu. — Você é amiga da Diane Monroe?

— Não. Nós fomos amigas.



— Uau. — Mike parecia impressionado. — Ela é uma gata. Você acha que pode me apresentar?

— Caia fora do carro! — Tracy gritou. Mike revirou os olhos e pulou fora assim que Tracy entrou no estacionamento.

— Ela deve achar que sou realmente uma idiota. Depois de ficar sem falar comigo durante quatro anos, quer que eu conserte as coisas agora que o Ryan terminou com ela. Eu tenho meus próprios problemas com garotos, muito obrigada. *Definitivamente* vou furar com ela.

— O quê? — Tracy arregalou os olhos. — Nada disso, você tem de ir!

Não podia acreditar que ela estivesse falando serio. Tracy detestava Diane, mas queria que eu saísse com ela?

— Você precisa dar o furo jornalístico. Descubra por que ela levou um chute naquele traseiro magrelo, depois se levante e vá embora. Você não deve nada a essa garota. Vamos ver como *ela* se sente sendo usada, para variar.

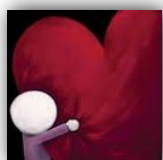
— Mas eu...

— Ah, vamos, Pen. Eu queria poder ir e ouvir a historia triste dela. Ai, estou tão feliz porque o Ryan finalmente caiu em si! Hum, será que devo colocá-lo na lista? — Tracy pareceu pensativa por um momento. — Não, sempre achei que ele combinasse mais com você. Não que você queira namorar nem algo assim.

Senti uma enxaqueca se aproximando.

A dor de cabeça não melhorou quando cheguei ao meu armário e vi Ryan. Tinha ficado tão preocupada com Diane, que me esquecera de que teria que lidar com ele também. Não havia jeito de evitá-lo.

Não só não sabia o que dizer, como também não sabia como deveria me sentir. Deveria ficar com raiva dele? Ou ficar grata por ele confirmar mais uma vez que os garotos apenas usam as garotas? De fato, eu não sabia o que tinha



acontecido, mas sentia que tinha de ser culpa dele.

— E aí, Bloom? — ele disse quando abri meu armário.

— E aí? Quais são as novidades, quer dizer, não quais são as novidades, mas... — Fechei os olhos, desejando que ele simplesmente desse meia-volta e saísse andando.

— Estou vendo que levou apenas vinte e quatro horas para que a notícia se espalhasse pela escola — ele disse.

Olhei para ele sem saber o que dizer.

— Enfim — ele continuou —, eu fiquei sabendo que você e a Diane vão sair hoje a noite.

Fiquei olhando para ele perplexa. Como sabia disso?

— Ei, está tudo bem. Acho legal vocês duas saírem juntas. Para falar a verdade, estou um pouco preocupado com ela. Você sabe que algumas pessoas podem ser maldosas.

Tentei não pensar em Tracy... ou em mim mesma.

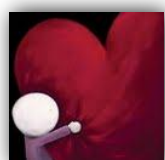
— Qual é, Bauer? — Todd apareceu no corredor. Nunca na vida fiquei tão feliz por vê-lo... pelo menos até ele chegar perto e passar o braço em volta de mim. — Não estou nem aí se você está solteiro agora, é melhor ficar longe da minha garota.

Pela primeira vez, Ryan pareceu desconcertado.

Todd, porem, não se deu conta disso. E continuou:

— Agora, por que não vai indo e começa a partir corações enquanto a minha *parcerita de espanhol* vamos para a aula? — Enquanto pegava meu braço e me levava para a sala, ele começou a balançar a cabeça. — Só vou dizer uma coisa: o Bauer solteiro vai ser um problema — falou com um suspiro exagerado.

Ryan estava certo sobre a notícia ter se espalhado rapidamente pela escola —



não se falava de outra coisa. Tentei não me envolver, mas como única integrante do Lonely Hearts Club, não pude deixar de notar como as pessoas estavam sendo injustas. Ninguém parecia se preocupar com Ryan. É claro, ele arrumaria outra namorada em dois tempos, mas, se não arrumasse, não era problema. Seria escolha dele. Os garotos davam as cartas.

Diane, ao contrário, era tratada como uma pessoa emocionalmente abalada. A vítima. Um trapo arrasado e de coração partido.

Quando as pessoas falavam de Ryan, cumprimentavam-se alegremente, comemorando a liberdade dele.

Sobre Diane, as pessoas falavam em voz baixa, como se ela devesse ter vergonha de estar solteira novamente.

Injusto. Muito.

Eu sabia disso. Mas ainda assim era extremamente esquisito sair com Diane depois da escola. Eu ouvia uma voz na minha cabeça dizer: *O único motivo por que não furei com você é que ela não tem mais namorado.*

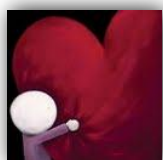
No caminho para a lanchonete, falamos sobre nossas famílias, sobre como minha irmã Rita estava indo na faculdade, e que a mãe de Diane estava reformando a cozinha... de novo. Quando chegamos lá, passamos a conversar sobre as aulas. Depois sobre o que iríamos pedir. Depois, quando pareceu que a única coisa que restava além de falar sobre o fim da relação (a nossa, a dela... pode escolher) era conversar sobre o tempo, nós simplesmente ficamos olhando uma para a outra.

— Então — Diane finalmente disse enquanto beliscava a salada —, como está o Nate? Ele ainda passa o verão com vocês?

Senti um aperto no estomago.

— Não quero falar sobre isso.

— Ah — Diane baixou o olhar, percebendo que o tiro saíra pela culatra. Ela parecia muito triste enquanto empurrava o garfo pelo garfo. Finalmente, levantou o



rosto de novo. — Posso contar uma coisa?

Dei de ombros.

— Sempre tive um pouco de inveja de você.

— Você só pode estar brincando.

Como a Miss Perfeição, a modelo de cabelos louros e olhos azuis Diane Monroe, poderia ter inveja de mim?

— Estou falando sério, Penny, quero dizer, realmente sério! Olhe só para você! Tem ideia do trabalho que me dá manter esta aparência? Isto é, olhe bem o que estou comendo, pelo amor dos carboidratos! — Diane fez um gesto em direção a salada de folhas com molho light e depois olhou para meu sanduíche de peru com queijo cheddar e maionese acompanhado de fritas. — Para começo de conversa — disse ela —, você pode comer o que quiser e tem um corpo incrível.

Tanto faz.

— E TAMBÉM você tem um estilo superdescolado. Escolho o que vou vestir de acordo com o que as revistas dizem. Pareço igualzinha a todo o mundo. Mas você tem um estilo próprio que não dá pra ninguém imitar. Sempre teve.

Em outras palavras, eu era uma esquisitona porque preferia tênis All Star a sapatos altos.

— E, veja bem, eu não sou idiota. Sei que as pessoas gostam de você muito mais do que jamais vão gostar de mim.

Como diria Tracy: E daí?

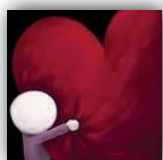
Diane se mexeu desconfortavelmente na cadeira.

— Bem, eu só queria dizer isso a você.

— Ah... obrigada. — Tentei sorrir.

Ela beliscou a salada novamente.

— Você se lembra de que costumávamos fazer uns shows para os seus pais quando éramos pequenas?



Eu fiz que sim, surpresa por ela se lembrar dos shows dos Beatles que fazíamos no porão lá de casa.

— De que mesmo os seus pais chamavam o porão, hem?

Suspirei.

— A Caverna. — (*The Cavern*, em inglês, era o nome do clube em Liverpool no qual os Beatles fizeram seus primeiros shows)

— Isso! Eu lembro que você tinha de ser John e eu era Paul, e nossos bichos de pelúcia eram Ringo e George. — Ela começou a rir e se inclinou sobre a mesa. — Um tempo depois, fizemos um numero no refeitório, naquele verão que passamos no lago.

— Quando descemos o rio de bóia?

Os olhos de Diane se iluminaram.

— Exatamente! Quais eram os nomes daqueles garotos?

Olhei para a mesa, tentando me lembrar dos dois irmãos que andaram conosco naquela semana.

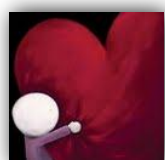
— Eu só me lembro de você dando uma aula de hóquei de mesa para aquele garoto. — Nós duas começamos a rir. — Serio, Penny, achei que seu braço ia se descolar do ombro, você o sacudia tanto!

Diane começou a sacudir os braços com força, e quase derrubou o copo d'água que estava bebendo.

E então algo inesperado aconteceu.

Foi como se os últimos quatro anos tivessem desaparecido. Como se fosse ontem que ela carregava meus livros para cima e para baixo enquanto eu, com o tornozelo torcido, me equilibrava em duas muletas. Começamos a lembrar momentos da nossa amizade e, antes que nos déssemos conta, mais de uma hora havia passado. Diane olhou para mim pensativa.

— Uau, Penny, faz tanto tempo. A gente sempre se divertia tanto juntas...



Eu sorri para ela. Tínhamos feito de tudo juntas, inclusive as promessas que melhores amigas fazem uma a outra quando estão na época do ensino fundamental: iríamos para a mesma faculdade, moraríamos juntas, seríamos madrinhas do casamento da outra...

Diane começou a tamborilar na mesa nervosamente.

— Queria também pedir desculpas. — Seus olhos estavam ficando cheios de lágrimas. — Desculpe-me por ter jogado fora a nossa amizade. Desculpe-me por ter tratado você tão mal. E, mais que tudo, desculpe-me por ter levado tanto tempo pra cair na real. Não posso nem imaginar como você deve ter se sentido. Não consegui deixar de pensar em você quando eu e o Ryan terminamos. — A voz dela falhou quando disse o nome dele. As lágrimas escorriam pelas bochechas. — No começo, fiquei bem. Minha família estava saindo de férias. Eu tinha as aulas de tênis, que me mantinham ocupada. Mas algumas semanas atrás, fiquei sem ter o que fazer. Os treinos ainda não tinham começado. Fiquei completamente sozinha.

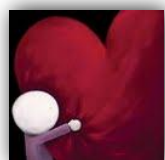
Ela pegou a bolsa e tirou um lenço de papel que estava lá dentro. Começou a fungar.

— Eu ligava para Audrey ou para Pam, mas as duas já tinham coisas pra fazer com os namorados ou, combinavam alguma coisa comigo, cancelava, assim que Don ou Brian ligavam. E eu sei, eu *sei*, que costumava fazer igual com você. Essa é outra coisa da qual me arrependo.

Flashes de anos atrás. Os momentos em que me dei conta de que estava perdendo minha melhor amiga e me senti sozinha, sem mais ninguém.

Diane secou as lágrimas que caíam do rosto.

— Foi difícil pra mim perceber que não tinha nenhuma amiga de verdade. Não o tipo de amiga que você era. Agora que as aulas começara, tudo está ainda pior. Antes eu tinha uma rotina: o Ryan me pegava em casa para irmos para a escola, eu ia até o armário dele, eu... Você sabe. Você via. Eu o coloquei no centro



da minha vida, e agora, agora não tenho mais nada.

Seus soluços se tornavam agudos a medida que ela tentava controlar sua respiração.

— Eu... — Tentei encontrar as palavras para consolá-la, mas estava muito confusa. — Diane, o que você espera de mim?

Ela me olhou com os olhos vermelhos.

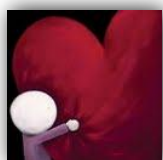
— Sinto muito pelo que aconteceu com você e Ryan. De verdade. Ninguém deveria se sentir assim, muito menos por um garoto. Mas ainda assim... Não sei o que fazer. Porque não consigo esquecer que você me abandonou completamente. Não sei o que seria de mim se Tracy não tivesse se mudado para a cidade no ano seguinte.

Diane tomou fôlego.

— Claro, você está certa, totalmente certa. É só que... Eu não me reconheço mais. Todo mundo me conhece como Diane, a namorada do Ryan, ou a líder de torcida, ou a representante da turma. Uma parte de mim acha que é melhor continuar como se nada tivesse mudado, mas tem outra parte que quer apenas parar de fazer o que as pessoas esperam de mim. Eu não sei... — Ela balançou a cabeça. — Não sei mais se quero ser líder de torcida. Não estou nem um pouco de animar as pessoas. Não sei o que quero fazer. Eu só...

Senti lágrimas se formarem em meus olhos. Quem diria que eu ainda teria alguma coisa em comum com Diane? Eu me sentia perdida, exatamente como ela.

Diane olhou para mim com um misto de surpresa e solidariedade. Ela rapidamente me estendeu um lenço. Antes que eu me desse conta, estava contando a Diane tudo sobre Nate. Eu me sentia uma idiota, sabendo que tínhamos namorado apenas algumas semanas, não anos. Mas por alguma razão sabia que ela ia entender. Levei uns segundos para compreender que as lágrimas que escorriam agora pelo rosto de Diane eram por causa de Nate.



— Ah, Penny, sinto muito. Isso é horrível! Você confiou nele e ele... Penny — Diane se certificou de que eu olhava para ela —, você não fez nada de errado.

Mesmo que muito tempo tivesse se passado, eu ainda não esquecera totalmente essa Diane. A que sempre sabia as palavras certas a dizer, a que sempre me apoiava, não importava o que acontecesse. *Essa* Diane era a razão de termos sido melhores amigas.

Tentei sorrir.

— É, bem, não vou cometer esse erro outra vez, nunca mais. Decidi que isso acabou. Você sabe, garotos. — Tentei rir, para ela não achar que eu estava ficando louca. — Eu só... Estou cansada de tudo isso. Olhe para nós, as duas aos prantos, e por quê? Porque decidimos confiar em um garoto. Grande erro. Na verdade, eu criei um pequeno clube.

— Um clube? — Diane se inclinou para a frente. — Que clube? Quem faz parte?

— Eu, eu e eu mesma. O Lonely Hearts Club. Aposto que você me acha ridícula, né?

Diane pegou minha mão em cima da mesa.

— Nem um pouco. Acho que você passou por muitos momentos ruins e tem de fazer o que for preciso para superá-los. Ah, se você pelo menos tivesse pensado nisso alguns anos atrás, imagine só quanta confusão teria evitado para nós duas. Mas... só tem um problema. — Diane começou a sorrir.

— Qual?

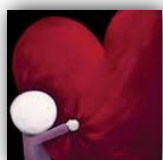
— Você não pode ter um clube de verdade com uma só pessoa.

Eu ri.

— Eu sei, mas...

— Então o que acha de mais uma integrante?

Olhei para ela surpresa.



— Como assim?

— Penny! — Diane enxugou as lágrimas e pareceu genuinamente feliz. — Você realmente acha que o que eu quero agora é namorar de novo? Estou de saco cheio também. Só preciso descobrir o que vou fazer daqui para a frente. Não eu e o Ryan. EU.

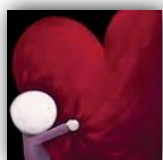
Uma onda de animação tomou conta de mim.

— É exatamente o que tenho pensado.

— Você precisa me deixar entrar para o clube. Eu sei que preciso reconquistar sua confiança e vou conseguir. Mas, por enquanto, você pode pelo menos *cogitar* em me perdoar?

Ela estendeu a mão na minha direção. Eu nem hesitei.

Agora, éramos duas.



Norie

APÓS MEU JANTAR COM DIANE, eu me sentia realmente feliz e esperançosa pela primeira vez em semanas. Ter uma parceria no crime, ainda mais uma que acabara de termina um namoro, era exatamente do que eu precisava.

Peguei meu celular e vi que tinha três mensagens de texto.

As duas primeiras eram de Tracy:

Ela já começou a chorar?

Se ela começar a soluçar, tire uma foto pra mim!

E a terceira era de Nate:

Vou continuar a mandar msgs até vc responder.

Ignorei a mensagem de Nate e liguei para Tracy.

— Conte tudo — ela atendeu.

Tentei contar tudo em detalhes, mas ela não deixava eu termina uma frase sequer. Tracy não parava de zombar de Diane, o que começou a me deixar irritada.

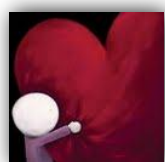
— Tracy, pare com isso — comece a levantar a voz. — Você sabe como foi difícil para ela. Pense no que ela está passando. Diane está sentindo perda...

— Ah, por favor! — Tracy me interrompeu. — Você está prestando atenção ao que está dizendo? Só falta agora você convidá-la pra almoçar com a gente na escola.

Silêncio.

Tracy suspirou.

— Está brincando? Por Favor, diga que você está brincando.



— Tracy — falei lentamente, escolhendo as palavras com cuidado. — Todo mundo está sendo supermaldoso com ela. Considere isso como um ato de caridade.

— Já fiz minha doação este ano — Tracy disse secamente.

— Por favor. Por mim? — Nem ao menos tentei esconder o desespero em minha voz.

— Está bem. Mas você fica me devendo.

Desliguei antes que ela tivesse tempo de mudar de idéia.

— Sabe que vou matar você por causa disso, não sabe? — Tracy me lembrou pela décima quarta vez enquanto íamos almoçar no dia seguinte.

— Só dê uma chance a ela, por favor — implorei.

— Altamente improvável. Não sei, você pode achar que sou louca, Pen, mas eu simplesmente não estou num um pouco animada com a idéia de ver minha melhor amiga sendo usada.

— Eu sei o que estou fazendo.

Fui em direção a uma pequena mesa no canto para o caso de haver puxões de cabelo e mordidas. Eu disse a Morgan e Kara que era melhor elas comerem em outro lugar; não queria que fossem testemunhas de nenhuma violência.

— É, se me lembro bem, você disse a mesma coisa no começo do verão.

Fiquei paralisada.

Tracy pegou minha mão.

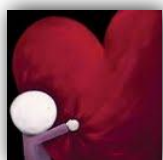
— Desculpe-me, Pen, o que disse foi horrível.

Tentei afastar o pensamento. Tudo já seria o suficiente sem ter de pensar... nele.

— Por favor, Tracy. Por mim. Seja legal.

Tracy se sentou e não disse nenhuma palavra.

— Oi, meninas. — Diane se sentou à nossa mesa. — Valeu mesmo por me



deixarem sentar com vocês.

Tracy forçou um sorriso.

— Ah! — Diane colou uma pequena caixa de papelão na mesa. — E como forma de agradecimento... cupcakes!

Ela colocou dois bolinhos caprichados na nossa frente.

— Valeu. — Peguei o maior e comecei a lamber a cobertura rosa. Olhei fixamente para Tracy.

— É, valeu.

Diane ficou radiante, provavelmente por ter sido a primeira coisa positiva que Tracy disse na vida.

— Sabe, Penny, depois de ontem à noite estou me sentindo muito melhor. Jurar nunca mais namorar foi a melhor decisão que já tomei. O clube vai ser demais.

Opa.

Tracy olhou para nós.

— Que clube?

— Hum, então... — Isso não ia ser nada bom. — Lembra que eu praticamente declarei que todos os garotos são seres desprezíveis?

Tracy revirou os olhos.

— Lembro.

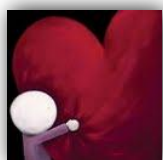
— Então, decidi que não vou mais namorar.

— Penny... — Tracy interrompeu.

— Tracy, você pode me ouvir primeiro? — Eu estava perdendo a paciência. — tentei contar outro dia, mas você ficou me interrompendo.

Tracy fechou a boca e se encostou na cadeira.

— Cansei de namorar. Pelo menos enquanto estiver nesta escola e tiver de lidar com esses imbecis. Então passei a me chamar de Lonely Hearts Club.



Tracy pareceu confusa.

— É uma referencia aos Beatles?

— É. E se você ouvisse os CDs que lhe dou saberia disso. DE QUALQUER MANEIRA, estou falando serio. Não vou mais namorar. E Diane decidiu se juntar a mim.

Diane se virou para Tracy.

— Você devia entrar para o clube também, Tracy.

Tracy olhou para Diane com desprezo.

— Você acha que sou tão patética, que não consigo arrumar um namorado?

— Ei, não foi isso por isso que eu... — tentei interrompê-la.

— Não, não foi isso que eu quis dizer. Eu... — Diane parecia magoada.

Tracy olhou com raiva para ela.

— Tá bom, Por quanto tempo sua fidelidade vai durar? Como se você pudesse viver sem ser cortejada por toda a população masculina.

— Tracy, por favor — eu disse. — O clube é importante pra mim.

Tracy suspirou.

— Fala sério, Penny.

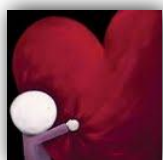
Meu rosto ficou vermelho de raiva. Como eu podia esperar que Tracy fosse entender a dor pela qual Diane e eu estávamos passando? Tracy nunca teve o coração despedaçado.

— Você não entende! — gritei. Foi a primeira vez que levantei a voz para ela. O grupo de alunos do primeiro ano que estava na mesa ao lado se levantou e saiu.

— Sei que você não sabe pelo que estou passando, mas é disso que preciso. — Minha voz começou a vacilar enquanto eu tentava conter as lágrimas. — Pensei que estivesse acabado, mas não acabou. Ele não para de me mandar mensagens.

— Ele o quê? — Tracy franziu os lábios.

— Ele só... — Eu não tinha forças para lidar com Nate.



— Penny, eu já disse, ele é um idiota. — Diane disse gentilmente. — Você não deve nada a ele.

Tracy se virou sobre o Nate?

— É claro que ela sabe. Mas não quero falar sobre ele agora. Esse clube, parar de namorar, é isso o que eu quero fazer. Mas importante: é o que eu *preciso* fazer. Diane está me apoiando. E eu queria que você fizesse o mesmo.

Silêncio total na mesa.

— Pen — Tracy disse em voz baixa. — Desculpe-me se você acha que eu não estou incentivando isso, mas você não vê? Ela só está usando você.

Diane ficou perplexa.

— Como pode dizer isso? Eu não estou usando a Penny. — Ela fez uma pausa por um segundo, respirou fundo e olhou diretamente para Tracy. — por que você me odeia tanto?

— Eu não...

— Odeia sim. — Diane olhou para seu prato de salada, que estava pela metade. — Não sei por quê, mas sempre me odiou. Achei que nós três pudéssemos ser amigas, por que sei como você é importante para a Penny. Eu nunca poderia ser amiga da Penny de novo sem sua... aprovação, acho.

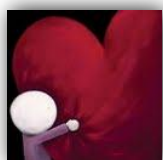
Tracy olhou para Diane completamente incrédula. Acho que ela nunca tinha pensando que Diane Monroe fosse recorrer a ela para qualquer coisa, muito menos aprovação.

— Eu só... — Tracy parecia desconcertada. — Não quero que você roube a Penny de mim.

Olhei para Tracy horrorizada. Como ela podia pensar uma coisa dessas?

— Tracy, Diane não vai fazer isso.

Diane se aproximou, hesitante, e colocou o braço em volta dos ombros de Tracy.



— Acha que consegue me dar uma chance? *Por favor?*

Eu me aproximei de Tracy.

— Você sabe que eu preciso de você a meu lado.

Tracy balançou a cabeça.

— Acho que posso tentar... pela Penny. — O rosto de Diane se iluminou. — Mas esperem um segundo. — ela olhou fixamente para Diane. — Se você alguma vez, *uma vezinha* que seja, fizer aquela sacanagem com a Penny de novo, se magoar minha amiga, não vai viver tempo suficiente para se arrepender.

Diane concordou, desanimada.

— Quero que sejamos amigas, Tracy. De verdade.

Tracy deu um sorriso encorajador para Diane.

— Bom, levando em consideração o histórico da minha lista, acho que é só uma questão de tempo até eu me juntar a vocês duas no lado negro da força.

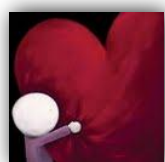
— Posso ver sua lista? — Diane perguntou, hesitante.

Tracy ficou parada por alguns instantes antes de tirá-la da bolsa.

— Por que não?

— Ah, eu conheço Paul Levine. Ele é um cara muito legal. — Diane comentou.

Achei que esse era o melhor começo que eu poderia esperar para nossa nova amizade a três.





Depois de quatro anos praticamente ignorando uma a outra, fiquei surpresa com a rapidez que eu e Diane voltamos a ser como antes. Achei que seria estranho, mas não foi. Éramos as mesmas Penny e Diane dos velhos tempos.

Eu a estava esperando em frente ao meu armário no fim das aulas quando Ryan apareceu no corredor, parecendo chateado. Ele abriu o armário e começou a jogar livros dentro da mochila com tanta força, que achei que a alça fosse arrebentar.

Olhei para o corredor e vi Diane se aproximar de mim, sorrindo.

Fiquei olhando para um e para o outro. Eu sabia que eles continuavam se falando desde que tinham terminado, mas não queria me meter nisso.

Ryan bateu a porta do armário com força e quase esbarrou em mim ao se virar.

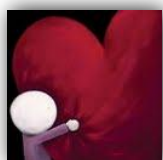
— Desculpe-me — disse ele.

— Hum, não tem problema — respondi. Diane estava quase chegando perto de nós. — Está tudo bem?

— Ahn? — Ele parecia nervoso. — Não fui bem na prova pratica de química.

— Ah, ta.

Não sabia o que mais dizer a ele. Nunca tive problemas para falar com Ryan, mas com Diane se aproximando, senti como se a estivesse traindo de alguma



forma.

— Oi, pessoal — Diane nos cumprimentou.

Notei que as pessoas no corredor começaram a andar mais devagar para observar os dois.

Ryan e Diane também notaram.

Houve um silencio constrangedor no nosso grupo enquanto as pessoas ficavam por perto, dissecando cada movimento do ex-casal. E eu disse a primeira coisa que me veio a mente.

— Ryan não foi bem na prova pratica de química. — Ele me olhou de um jeito estranho. — Desculpe-me, eu só... — Fiquei sem jeito.

Diane revirou os olhos.

— Como se um oito fosse motivo pra ficar chateado desse jeito. Além do mais, você não vai ganhar uns pontos ou algo assim por causa daquela coisa de aconselhamento estudantil?

— Que coisa de aconselhamento? — perguntei.

Ryan corou.

— Não é nada. O diretor Braddock pediu para ter reuniões regulares com alguns alunos, para tentar entender nossas preocupações.

Fiquei confusa.

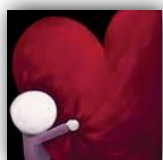
— Não é para isso que existe um Conselho Estudantil?

Ryan deu de ombros.

— Sei lá. Só tivemos uma reunião, e ele só quis falar comigo sobre futebol americano. Acho que quer reviver os anos de glória, só isso.

No tempo dele, Braddock foi o principal atleta da McKinley High, e, caso alguém se esquecesse, havia um monte de fotos na vitrine de troféus para nos lembrar.

— É, e eu que pensei... — Ryan foi interrompido por um som alto e agudo



que veio do corredor. Quase desmaiei quando vi que era Tracy.

Ela correu até nós com um olhar de pura animação e acabou me empurrando contra o armário.

— Ai!

Tracy colocou a mão sobre a boca e tentou abafar o riso.

— Desculpe-me! Você não vai acreditar no que aconteceu.

Movimentei meu braço para ter certeza de que não tinha deslocado o ombro.

— Paul vai dar uma festa na casa dele sábado e me convidou para ir!

— Paul Levine? — perguntei.

— É, dá para acreditar? Ele é o número três da lista.

— Uau, Tracy, isso é ótimo! — Olhei para Diane, que piscou para mim.

Tracy estava absolutamente radiante.

— Então, você vai comigo, né? Vai ser muito divertido. Os pais dele estão viajando, e ele está no último ano, então provavelmente até o Kevin. Você vai, né, Diane?

Diane pareceu surpresa por Tracy incluí-la.

— Claro.

— Está vendo, Pen? Você precisa ir! Não é Diane?

Diane riu.

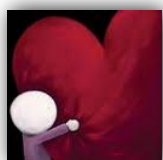
— Vamos, Penny!

Apenas algumas horas antes Tracy queria esganar Diane. E agora a usava para me convencer a ir a uma festa.

— É claro que vou com você — eu disse.

Ryan olhava para nós três com um misto de perplexidade e diversão.

Fiquei um pouco nervosa por ir a uma festa na casa de alguém. Parkview era uma cidade bastante pequena — apenas dez mil habitantes —, e meus pais conheciam a maioria deles. Se eu fosse vista em uma festa na casa de alguém cujo



os pais estavam viajando estaria muito encrencada. Minha mãe era uma mulher pequena, mas tinha a ira de Deus dentro de si. Eu não gostava de deixá-la irritada. Ninguém gostava de deixá-la irritada.

Era apenas mais uma coisa em relação a qual eu teria de ser cuidadosa.

— O que você vai usar na festa? — perguntei para Tracy enquanto nos sentávamos nas arquibancadas para assistir ao jogo de futebol americano na noite seguinte.

— O que *Diane* vai usar?

Tracy estava se comportando superbem com Diane desde o convite de Paul para a festa. Eu esperava que não fosse apenas encenação.

— Talvez a gente possa comprar uma bela camisa de força pra combinar com seu comport... Ai!

Tracy cravou os dedos em meu braço.

— Shh! — ela disse enquanto tentava gesticular sutilmente para algo a nossa frente.

— Nume set — Tracy sussurrou.

— O quê? — Eu tinha certeza: Tracy enlouquecera de vez.

— Nuuummmeee seeet. — Tracy fez com a cabeça um movimento brusco para a frente.

— Você está tendo uma convulsão? — perguntei.

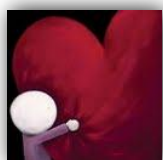
Ela me olhou e estendeu sete dedos.

Sete? Sete o que?

Claramente frustrada, ela se aproximou.

— Steve é o numero sete da minha lista. — Ela fez um gesto em direção a fileira na nossa frente, na qual Steve Powell estava sentado com alguns amigos.

Revirei os olhos.



Tracy sorriu radiante.

— Este ano a lista finalmente vai funcionar. Vou encontrar o Paul amanhã, e hoje a noite...

Rezei para que ela estivesse brincando. Nos primeiros dias de aula, os oito garotos da McKinley na lista já tinham se reduzido a apenas quatro. Mark Dowd fora riscado por conversar demais com Kathy Ehrich na aula de trigonometria; Eric Boyd tinha cortado o cabelo curto demais; W.J. Ross conseguira um trabalho na lanchonete de fast-food de que Tracy menos gostava e Chris Miller cometera o maior de todos os pecados: namorar Amy Gunderson durante o verão. Desse jeito, a lista já teria acabado quando chegasse a Festa dos Ex-alunos.

— Diga alguma coisa. — Tracy não parava de me cutucar. Eu ia ficar com um hematoma horrível.

— Hum, tá bem. Você sabe como o pai do Ryan é? — Comecei a esquadrihar a multidão nas arquibancadas. Vi a mãe, o padrasto e a meia-irmã de Ryan no meio de todos, sacudindo cartazes de **VAI, RYAN!**. Reconheci todos os pais em volta deles; ninguém se parecia com a versão mais velha de Ryan.

Tracy deu um suspiro.

— O que? Quem se importa com isso? Diga algo ao Steve, chame a atenção dele.

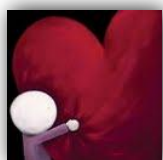
De repente, ela começou a rir alto e a dar tapas nos próprios joelhos. Enquanto se dobrava de tanto rir, moveu o joelho de modo a bater no ombro de Steve.

— Ai, desculpe-me, desculpe-me mesmo. — Tracy se inclinou para a frente e colocou a mão onde tinha batido com o joelho.

Steve se virou para trás e sorriu.

— Oi, Tracy, tranquilo.

— E aí, como estão as aulas? — ela começou.



Fiquei olhando enquanto Tracy fazia sua “mágica” com Steve. Fiquei impressionada com a naturalidade daquilo, embora eu soubesse que não era nada natural. De vez em quando, ela tocava o braço dele quando dizia algo, e ria de praticamente tudo o que ele dizia. Eu estava tão entretida com Tracy e Steve que não prestei a menor atenção ao jogo.

— E aí, meninas, vocês vão aparecer na festa do Paul amanhã a noite? — Steve perguntou.

Tracy sorriu.

— Claro. E você?

Ele fez que sim.

— Diane vai com vocês? Vi que vocês almoçaram com ela nos últimos dias.

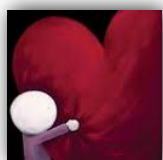
Tracy olhou para Steve com raiva, levantou-se e saiu andando em direção ao corredor.

Ele olhou para mim.

— O que deu nela?

Encolhi os ombros enquanto me levantava para procurá-la.

Se meus cálculos estivessem corretos, agora havia apenas três garotos na lista.



Onze

QUASE NÃO DEIXEI QUE TRACY dirigisse até a casa de Paul na noite seguinte, por medo de sermos paradas por ela Dirigir Embriagada Por Um Garoto. Tracy olhava no retrovisor com tanta frequência para checar a maquiagem, que parecia que estava dirigindo de ré, em vez de para frente.

Quando finalmente estacionamos e frente à casa de Paul, já havia uma fila de carros tomando conta do lado esquerdo da rua. Dava para ouvir a música no último volume, vinda de dentro da casa. Tive um mau pressentimento em relação a isso.

— Como estou? — Tracy perguntou pela vigésima vez.

Olhei pela janela do carro e vi um grupo de meninas do segundo ano usando jeans apertados e pequenos pedaços de pano que eu só podia imaginar serem camisetas. Olhei minha blusa de manga comprida e minha calça de veludo colete marrom-claro e comecei a ter cada vez menos certeza de que aquilo fosse acabar bem.

Sáímos do carro e fomos até a casa. Do nada, um garoto abriu com força a porta da frente e saiu, e eu e Tracy ficamos assustadas quando ele correu para uns arbustos e vomitou.

Paul apareceu na porta.

— Cara, isso não é nem um pouco legal. — Depois começou a rir e a gesticular para as pessoas irem ver.



Tracy pigarreou, esperando que Paul a notasse ali.

Funcionou.

— Oi, meninas!

Ele fez um gesto para entrarmos, e senti meu coração começar a bater forte. A fumaça de cigarro irritou meu nariz. Minha mãe ia me matar se sentisse cheiro de cigarro em minhas roupas. E não quero dizer *matar* no sentido figurado.

Paul pegou um copo de plástico qualquer da mesa no corredor e tomou um gole grande.

— O barril está na cozinha. Vão lá se servir — ele indicou, e depois desapareceu na massa de corpos no cômodo seguinte.

Olhei para a porta, esperando que pudéssemos dar o fora rápido. Quando me virei de volta, Tracy já caminhava em direção à cozinha.

Hesitei, mas logo comecei a segui-la entre as pessoas. Examinei o ambiente em busca de rostos familiares, mas só reconheci os jogadores de futebol americano e as líderes de torcida com quem Paul sempre andava. Em um corredor mais adiante estavam aquelas duas meninas do primeiro ano que causaram a confusão no refeitório, Missy e Ashley. Naturalmente, todos os garotos estavam em volta delas.

Chegamos à cozinha e vimos a fila para o barril. Tracy se inclinou na minha direção, mas eu ao consegui ouvir o que ela dizia por causa do som ligado no volume máximo na sala. Então ela gritou:

— Você vai beber?

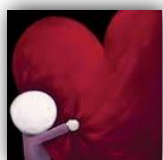
Fiz que não com a cabeça.

— Ótimo — disse ela.

Fiquei mais tranquila ao perceber que Tracy ainda tinha algum juízo.

— Então você dirige na volta.

Pensando melhor...



Minha cabeça começou a latejar no ritmo da música. Enquanto Tracy esperava na fila para pegar uma cerveja, tentei parecer à vontade, embora me sentisse completamente deslocada, como se estivesse em uma vitrine.

— Uhu! Quem vai virar uma cerveja comigo? — Todd gritou enquanto entrava na cozinha. — Margarita! — Ele veio até mim e pôs o braço m volta do meu ombro. — Minha garota Margarita está aqui, é isso aí! Agora a festa vai começar!

Ele começou a se movimentar como se imitasse um robô, mas obviamente já tinha bebido demais para conseguir fazer algum passo de dança.

Ryan entrou na cozinha e pareceu um pouco preocupado ao ver Todd me abraçando.

— E aí, Todd! Acho que tem umas meninas do primeiro ano por aí querendo saber tudo sobre aquela sua interceptação que levou o time para o campeonato regional no ano passado.

Todd correu até Ryan e bateu com a mão espalmada na dele.

— Irado! Não quero desapontar as meninas.

Ele saiu da cozinha, e Ryan ficou balançando a cabeça.

— Achei que você precisava de ajuda — disse ele.

— Valeu, ele está, hum...

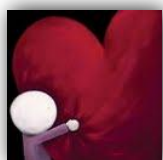
— Bêbado. Eu já falei que um dia desses ele vai se dar mal. O técnico Fredericks expulsa a gente do time se pegar um de nós bebendo.

Eu concordei, mas não pude deixar de notar que Ryan também estava segurando um copo. Será que eu ia precisar levar *todo mundo* pra casa?

— Tenho de admitir: estou um pouco surpreso de ver você aqui — disse ele.

— Por quê? Sou tão patética, que não viria a uma festinha idiota? — Fiquei surpresa por soar muito na defensiva.

— Não, não, de jeito nenhum. — Ryan levantou as mãos. — Só não pensei que esse fosse seu tipo de galera. Pra falar a verdade, estou aliviado de ver você.



Pelo menos tem alguém que eu possa conversar sobre alguma coisa que não seja esportes ou bebida ou... bem, você sabe. — Tinha certeza de que ele se referia sobre o fim de namoro. Ele sorriu para mim enquanto apontava para o copo, que estava cheio de um líquido escuro. — Vou pegar mais refrigerante. Quer?

Fiz que Sim, grata por não ter de entrar na fila da cerveja para passar um tempo com Ryan. Ele foi até um balcão e colocou gelo em um copo pra mim, enquanto Tracy voltou da fila do barril e começou a beber.

— Não dá pra acreditar em quantas garotas estão aqui — disse ela. — Bem, me deseje sorte, vou procurar o Paul.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ela tinha respirado fundo e se mandado para a sala.

— Quer sair dessa barulheira? — Ryan berrou mais alto que a música. Concordei. Fomos para um ponto afastado do jardim e nos sentamos debaixo de um salgueiro. — Eu estou há um tempo pra perguntar a você: aquela lista funcionou com seus pais?

— Que lista?

Ele passou os dedos pelo cabelo.

— Dez Razões por que Penny Precisa Ganhar um Carro.

Eu não podia acreditar que ele se lembrasse daquilo.

— Não a lista não funcionou. Nem mesmo com pérolas como o item número seis: *Outro local onde escutar as músicas dos Beatles.*

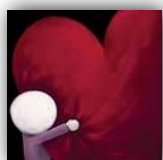
— Quantas vezes por semana você trabalha no consultório do seu pai?

Parece que todas as vezes que vou fazer uma revisão você está lá.

— Ah, não são tantas vezes, só alguns dias. Para ganhar um dinheirinho extra.

Comecei a tremer e desejei ter posto um suéter. Ele tirou a jaqueta de couro.

— Tome, vista isso. — Peguei a jaqueta e vesti; era grande demais para mim,



mas esquentava. — Então, você e Diane se divertiram aquela noite? — ele perguntou.

Olhei para o chão. Falar com o Ryan sobre Diane me deixava desconfortável. Eles pareciam conversar bastante, mas como isso era possível? Eu geralmente fingia que os garotos com quem tinha terminado (ou que tinham me dispensado) não existiam mais. Ou melhor, que estavam mortos.

— É, hum, isso é estranho para você? — perguntei.

Ele me estudou por alguns segundos.

— Sei que pode parecer esquisito, e eu provavelmente vou aparentar ser o maior babaca, mas Diane foi parte tão importante da minha vida nos últimos anos, que não consigo imaginar nunca mais falar com ela. Por mais que as pessoas pareçam não entender, ainda somos amigos

— É melhor você tomar cuidado: pode deixar Todd com ciúmes. — Sorri para ele.

Ele começou a rir.

— A cada ano que passa fico imaginando que o Chesney vai finalmente sossegar, mas ele só fica pior. — Ele balançou a cabeça. — Sabe, eu provavelmente não devia contar isso, mas...

— O quê? — perguntei, curiosa em relação a que tipo de fofoca Ryan teria para contar sobre Todd.

— Você já ouviu falar em prioridade? Os caras do time exigem prioridade sobre garotas de quem gostam, para que nenhum outro vá atrás delas.

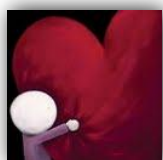
— E as garotas têm alguma escolha? — perguntei

Acho que não deveria me surpreender se os garotos fizessem uma coisa dessas.

Ryan balançou a cabeça.

— Ei, ainda estou tentando entender as coisas também.

— Ahã.



Eu estava tão feliz por não ter que lidar com esse tipo de coisa...

— Então, mesmo assim, tenha cuidado com o Todd.

— Por quê? Quer dizer, além do assédio de sempre.

Ryan desdobrou as longas pernas e as esticou ao meu lado.

— Bom, Todd está muito a fim de você e exigiu prioridade. E ele sabe ser persistente quando enfia alguma coisa na cabeça.

Ahn?

Ah.

Ah, não.

Fiquei em silêncio. Ryan olhava para mim em expectativa. Tentei não parecer completamente revoltada. Isso era a última coisa de que eu precisava.

— Desculpe-me — disse ele. — Provavelmente não deveria ter contado isso a você.

— Não, tudo bem — garanti — Acho que já deveria esperar algo assim.

Ainda tem alguma garota na nossa turma com quem ele não saiu?

Ryan balançou a cabeça.

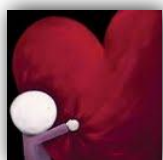
— Você se valoriza muito pouco, Bloom.

Suspirei.

— Por favor, estamos falando do Todd. Ele simplesmente... Podemos não falar sobre ele — Tudo bem. Sobre o que quer falar?

— Qualquer coisa menos Todd.

Continuamos a conversar sobre tudo menos Todd. Ele me contou histórias engraçadas sobre o trabalho como salva-vidas na praia durante o verão. Eu compartilhei minha teoria de que minha me ia largar o emprego para perseguir Paul McCartney em tempo integral. Discutimos sobre onde Michael Bergman ficava no intervalo entre as aulas, uma vez que nenhum de nós dois jamais o vira próximo ao armário dele, que ficava entre os nossos. Também descobri que Ryan



ficava apavorado toda vez que via meu pai, porque não queria levar uma bronca por não passar fio dental. (Guardei essa para zoá-lo no futuro.)

Então Ryan arruinou tudo difamando meu caráter.

— Você ficou maluco — protestei.

Ryan jogou a cabeça para trás e deu uma risada.

— Ah, sei, então vai negar que é uma santinha do pau oco?

— Em primeiro lugar só um santinho do pau oco usaria a expressão “santinho do pau oco” — comecei.

— Tem razão — ele respondeu. — Mas, espere aí, não pense que eu não vi o que aconteceu no ano passado durante a inspeção dos armários.

Ah, droga.

— Não sei do que você está falando — menti.

Ryan se sentou inclinado na minha direção, de forma que ficamos cara a cara.

— Você sabe.

Dei de ombros.

— Sério, Ryan. Quer dizer, com uma santinha do pau oco como eu...

Ele se endireitou.

— Tudo bem, então me responda: você estava ou não escondendo bebida alcoólica no armário quando Braddock foi fazer inspeções na primavera passada?

Muita injustiça

— Tecnicamente, eu não estava escondendo nada no meu armário.

— Ah, é mesmo?

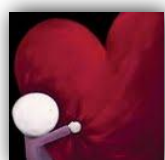
— É mesmo.

Ele me lançou um olhar de satisfação. Sabia que tinha me pegado.

— É, tecnicamente, eu não escondi.

— Mas tinha bebida alcoólica no seu armário.

Fiz que sim.



— Mas só porque o Michael colocou o casaco dele no meu armário no último minuto.

— E por que ele fez isso?

— Por que ele tinha uma garrafa de vodca no casaco.

— E...

Olhei para Ryan, confusa — aquilo era tudo. Houve uma inspeção surpresa nos armários perto das férias, Michael se desesperou e enfiou a jaqueta no meu armário. Nem tive a chance de dizer nada, porque Braddock estava inspecionando o armário dele detalhadamente... e depois praticamente ignorou o meu.

— Ah, espere...

Os olhos de Ryan brilharam.

— Está vendo?

— Ah, meu Deus, as pessoas *realmente* pensam que sou uma santinha do pau oco.

— Foi por isso que Michael fez o que fez: sabia que seu armário nunca ia ser inspecionado. — Ele começou a rir enquanto me cutucava de brincadeira na barriga.

— É, mas, e você?

Era hora da vingança.

— Ah, eu sou sinistro. — Ele não conseguia falar a sério.

— Ah, é, eu tinha me esquecido. E exatamente quantas pessoas sinistras estão na comissão de puxa-sacos do diretor Braddock?

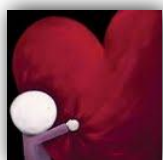
Ryan estreitou os olhos.

— Comissão de Aconselhamento Estudantil, muito obrigada.

— Ah, me desculpe, sei como deve ter sido difícil para você ganhar todos aqueles pontos pra fazer parte da comissão.

Ele ofegou dramaticamente.

— Meu objetivo de vida era fazer parte daquela comissão. Não ouse diminuir



a importância que ela tem.

— Ah, não, eu não ia querer magoar você, Hum... — Levantei e comecei a procurar algo no chão perto de onde estávamos sentados.

— O que você está procurando? — Ryan perguntou.

— Sua bolsa.

Ele rapidamente ficou de pé, e, antes que eu pudesse perceber, me levantou e me jogou por cima do ombro.

— Ryan, me coloque no chão! — gritei.

Ele ria enquanto girava comigo em resposta.

Foi somente quando estava de volta ao chão, rindo enquanto tentava recuperar o equilíbrio, que vi Diane observando a cena.

— Oi, gente, eu... — Diane parecia constrangida por nós três. — Penny estou procurando você há meia hora. Nem vi quando chegaram. Acho melhor você ir lá dentro, a Tracy não está se sentindo muito bem.

Tracy!

Eu era uma péssima amiga. Tinha esquecido completamente que ela estava lá dentro bebendo. Devolvi a jaqueta de Ryan enquanto seguíamos Diane para dentro da casa. Ela me levou até um banheiro no segundo andar, onde Tracy estava deitada no chão de azulejos, com uma cor um tanto esverdeada.

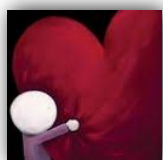
Eu me ajoelhei do lado dela e afastei o cabelo que caía em seu rosto.

— O que ela está fazendo aqui? — Tracy apontou para Diane.

— Seja boazinha. — Comecei a ajudá-la a se levantar.

— Espere — Ryan entrou, esvaziou seu copo e o encheu de água — Ela vai precisar disso primeiro.

Ryan, Diane e eu esperamos em um silêncio constrangedor pelo que pareceram séculos, enquanto forçávamos a Tracy a beber dois copos de água. Ela ficou olhando para Diane o tempo todo.



— Você não vai roubá-la de mim — ela disse enrolando a língua.

Diane começou a responder mais Ryan interrompeu.

— Tudo bem, hora de levantar e ir pra casa.

— Me largue! — Tracy o empurrou. — Não quero que Paul me veja desse jeito. Posso ir embora andando. Quero me despedir primeiro.

Diane me olhou de um jeito estranho que não consegui entender.

— Acho que não é uma boa ideia, Tracy — disse ela. — Sério, você devia deixar ele ficar imaginando o que aconteceu com você. Posso até contar a ele que você estava de saco cheio dos garotos dando em cima...

Tracy gostou da ideia e concordou em ir embora discretamente.

Enquanto descíamos, vimos Todd em pé no sofá, dançando sem camisa.

— Nada disso Penny! — ele gritou. — Você não pode ir embora!

Ele tropeçou e quase me derrubou no chão. Ryan o segurou e o ajudou a ficar de pé. Enquanto isso, Diane tentava ajudar Tracy, que não parava de empurrá-la.

Aquilo era um pesadelo.

— Margreeeta — Todd estava com a língua enrolada. — Magreeeeta, onde você estava?

— Ela estava no jardim conversando comigo — Ryan respondeu.

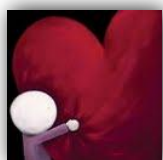
Todd empurrou Ryan.

— Pelo amor de Deus, Bauer! O quê, você precisa... você precisa... você não pode...

— Eu não fiz nada, Todd. Fique calmo. — Ryan o pegou novamente pelos ombros. — Penny e eu somos só amigos. Eu nunca faria nada com ela. Achei que você me conhecesse.

É, eu devia me conhecer melhor, e então não teria ido àquela festa.

Para piorar as coisas, Missy veio correndo na nossa direção. Ela se atirou em cima de Ryan e disse:



— Oi, gato, procurei você por toda parte.

Peguei Tracy pela mão e fui andando até o carro. Diane a ajudou a colocar o cinto enquanto eu ajeitava o espelho retrovisor. Ryan veio correndo até o carro (de alguma forma ele conseguira se livrar das garras de Missy) e bateu no vidro. Eu abri a janela.

— Desculpe-me por aquilo. Eu não queria dar nenhum motivo para ele ficar mais alterado.

— Tudo bem.

Comecei a sintonizar o rádio de Tracy.

— Está chateada?

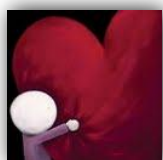
Respirei fundo. Eu não sabia o que sentia.

— Não, estou bem, sério. Essa noite foi um completo desastre.

— Ah — ele respondeu em voz baixa. — Bem, eu me diverti.

— Bem, que bom pra você.

Liguei o carro e saí.



Doze

AS COISAS ESTAVAM UM POUCO ESTRANHAS na manhã seguinte, Tracy estava de ressaca e sentia-se péssima. Diane foi até minha casa para conversar, e eu desconfiava de que ela queria falar sobre o que tinha visto entre mim e Ryan.

— Oi. E aí, como Tracy está? — Diane perguntou enquanto entrava em meu quarto.

— Não muito bem. Está tomando banho. — Apontei como a cabeça para o corredor. — Eu não podia ter vindo com ela para casa ontem de jeito nenhum, mas conseguimos entrar sem ninguém nos visse.

Diane olhava em volta.

— Tinha me esquecido de como seu quarto é legal.

Olhei para os pôsteres dos Beatles que cobriam as paredes para o quadro de aviso cheio de filipetas de shows de canhotos de ingressos velhos. Acho que era mesmo bastante maneiro. Mas, principalmente, era o meu lar.

— Bem, fico feliz por termos uns minutos a sós, porque tem uma coisa que preciso contar. — Diane se sentou na minha cama parecendo nervosa.

— Não tem nada acontecendo entre mim e Ryan — falei em pensar.

— O quê? — Diane respondeu.

Comecei a andar de um lado para o outro do quarto.

— Eu estava me sentindo tão mal no momento em que cheguei à festa, e , quando ele me chamou pra irmos lá fora, longe daquilo tudo, eu aceitei. Quer dizer,



ele é um garoto, o inimigo, Sem falar que partiu seu coração. Eu nunca, nunca, faria nada com ele.

Diane balançou a cabeça.

— Eu sei. Fiquei um pouco surpresa quando vi vocês dois. — Ela riu. — E um pouco desconfortável, mas vocês sempre foram amigos. O que eu queria mesmo era falar com você sobre a Tracy. Você... Eu vi Paul beijando outra pessoa na festa.

Epa.

— Cheguei à festa com Audrey e a Pam e precisava ir ao banheiro. Então fui lá pra cima, e o flagrei...

Tracy *definitivamente* descontaria tudo em quem contasse isso a ela.

Deite-me na cama.

— Isso não vai ser nada bom — avisei a Diane. — Tracy realmente esperava que ele quisesse ficar com ela.

Diane mudou de posição desconfortavelmente e começou a brincar com a franja de uma das almofadas da cama.

— Muito melhor! — Tracy entrou no quarto com uma toalha na cabeça e se jogou na cama. — Tudo bem, hora de decidir o que faremos a respeito de papel de completa idiota que eu fiz na festa. Acho que Paul nunca vai me chamar para sair agora.

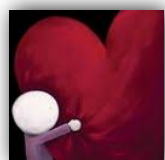
Diane e eu olhamos uma para a outra, sem saber o que dizer.

Tracy parecia exausta.

— Tudo bem, tudo bem, eu sei, meninas. Desculpem-me.

O que exatamente ela sabia?

— Primeiro — ele se virou para Diane —, desculpe-me por ter sido grossa com você, Tenho tentando ser uma amiga legal e compreensiva. E eu sei, eu sei... Não devia ter bebido cerveja, mas me deixei levar pela pressão do grupo. Eu me



tornei um patético programa educativo, blá-blá-blá... — Tracy cobriu o rosto com as mãos. — Por favor, só não me digam que o Paul acabou ficando com uma daquelas meninas do primeiro ano.

Diane olhou para mim.

— Não, ele não...

Tracy se sentou um pouco rápido demais, então voltou a deitar, virando-se de lado e apoiando a cabeça em uma das mãos.

— Que bom, Achei que eu tivesse estragado tudo...

Silêncio. Olhei para Diane e vi o olhar de puro pânico no rosto dela.

Tracy franziu as sobrancelhas.

— Espere aí, o que está acontecendo? — Ela olhou para nós duas. — O que vocês não estão me contando? Paul ficou com alguém ontem?

Diane olhou para mim e encolhi os ombros. Eu queria saber quem era. Especialmente porque a menina ia ter de andar com escolta policial depois que Tracy soubesse.

Antes que Diane pudesse dizer qualquer coisa, Tracy ficou de barriga para baixo e cobriu a cabeça com um travesseiro.

— Eu sabia! Por que ele se interessaria por mim?

Arranquei o travesseiro dela.

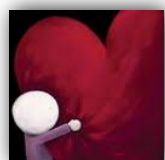
— Tracy, isso é ridículo. Já disse mil vezes que qualquer cara que tivesse uma garota como você na vida dele seria um sortudo.

Ela revirou os olhos.

— Que se dane, eu quero o Paul. Por que ele não gosta de mim? Eu estou gorda?

— Tracy, pare com isso!

— O que é então? — Eu podia ver lágrimas começando a se formar no canto dos olhos dela. — Diga pra mim o que é, e eu mudo: o cabelo, a cor dos olhos,



minhas roupas, minha personalidade. Do que em mim ele não gosta?

Diane se inclinou hesitante na direção de Tracy e colocou a mão no ombro dela.

— Não é nada disso. É uma coisa que você não pode mudar.

Tracy fungou e se virou na nossa direção;

— O que você quer dizer?

— Quero dizer que você não é um garoto — disse Diane. — Peguei ele e Kevin Parker se beijando.

Ah. Meu. Deus.

Tracy se sentou e enxugou as lágrimas.

— O quê? — Ela parecia confusa. — Quem?

Diane mudou de posição, constrangida.

— Paul Levine e Kevin Parker.

Tracy olhou para o chão.

— Está me dizendo que os números um e três da minha lista estavam se pegando? E que Kevin Parker, suposto atleta manchão que endeusei por anos, é gay?

Diane parecia assustada.

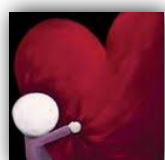
— Só sei o que vi.

— Bem — Tracy começou a balançar a cabeça. —, acha que isso explica tudo.

Fiquei confusa.

— Explica o quê?

— Que todo mundo na escola teve um namorada, menos eu. Até Kevin Parker tem um namorado! — Tracy começou a rir. — Cara, isso é muito engraçado. Quer dizer, estou ficando sem garotos para colocar na lista, isso sem falar em namorar! — O sorriso começou a desaparecer. — Eu sou uma aberração. — Tentei protestar, mas Tracy me cortou. — Mike está sempre namorando. Ele ficou com



uma tal de Michelle em uma festa idiota dos alunos do primeiro ano semana passada e agora eles estão namorando. Michael e Michelle. — Ela revirou os olhos de novo. — Dá vontade de vomitar.

— Está vendo, Tracy, foi exatamente por isso que desisti completamente de garotos. — Fingi lavar minhas mãos. — Chega. Estou partido para outra. Eles não valem a pena.

E, como se Nate soubesse que eu estava tentando partir para outra, meu celular apitou.

Olhei para ele pelo canto do olho, hesitante.

Tracy se levantou.

— Isso é ridículo. — Ele abriu meu telefone e ele a mensagem. — *Não acredito que vc esteja sendo assim tão imatura.* Ele está falando sério? Que imbecil! Tracy começou a teclar alguma coisa no meu celular.

— O que você está fazendo? — perguntei em pânico. — Só apague a mensagem.

— Não, estou dizendo umas verdades a ele.

Senti um aperto no estomago.

Levantei-me e tentei tirar o celular da mão de Tracy, mas ela apertou ENVIAR e fechou.

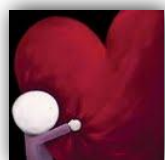
— Pronto. Não tem mal nenhum em mandar o Nate para o inferno, tem?

Meu celular começou a trocar. É claro que era ele. Quando parou, Tracy abriu e começou a apertar botões.

— Estou mudando a identificação dela para “Idiota” e colocando o toque das ligações e mensagens dele no modo silencioso. Talvez isso o faça parar.

— Ah, valeu.

Finalmente conseguir pegar o celular. Por que Tracy não consegui dar a volta por cima daquele jeito quando os carinhas a tratavam como lixo?



Diane sorriu.

— Está vendo, Tracy. Está mas que óbvio que se envolveu com garotos traz nada além de dor de cabeça. É tão idiota, que conheço um monte de meninas na equipe de líderes de torcida que só estão namorando para terem companhia para a Festa dos Ex-alunos. — Diane olhou para mim. — Ei, Penny, podemos ir juntas?

— O quê? — Eu ainda estava olhando para o celular.

— A festa, eu... você?

— Ah. Ah! Claro!

— Sério. — Tracy disse enquanto se levantava da cama, pegou meu celular e colocou na gaveta da minha escrivaninha. — Quer dizer, sério, vocês suas vão juntas?

Voltei minha atenção para o clube.

— Claro! — respondi. — É por isso que existe o clube! Não precisamos de garotos para nos divertir.

— Ai, to adorando isso! — Diane se levantou e começou a bater palmas do seu jeito de líder de torcida. — E vou comprar flores para você no dia dos namorados. Vou deixar todos aqueles garotos idiotas com ciúmes. — Ela piscou para mim.

Tracy suspirou e colocou a cabeça embaixo de um travesseiro.

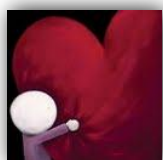
— Tracy, sinto muito, de verdade, e sei que você não está feliz com o clube, mas tente ver as coisa do meu ponto de vista.

— Não — disse ela —, estou suspirando porque estou me rendendo completamente. Feliz? Seu clube está pronto para uma terceira integrante?

Hesitei. Por mais que quisesse ter ela no clube, queria que se juntasse a nós por que acreditava nele, não porque se sentia deixada de fora.

— Tem certeza?

Ela fez que sim.



— Tenho. Quer dizer, na verdade não vai mudar nada para mim, se pensarmos bem.

Diane abraçou Tracy... que, surpreendentemente, não deu um soco na cara dela.

Acho que isso podia ser considerado um bom começo.

— Ao Lonely Hearts Club! — Estendi a mão, e Diane e Tracy fizeram o mesmo.

— Ao Lonely Hearts Club!

Fui até som e coloquei uma musica dos Beatles no volume máximo.

Tracy dançou até chegar perto de mim.

— Então, se eu tiver que fingir que sou uma Beatle, posso ser a Yoko?

Ela sabia como me provocar de verdade. Eu me inclinei, peguei um travesseiro na cama e joguei nela. Acertei bem em cheio o rosto.

— Ei!

Tracy me perseguia enquanto eu desviava dos travesseiros que ela jogava. Diane demorou alguns minutos para decidir o que fazer, então Tracy se aproveitou da indecisão dela e acertou bem no estômago com um travesseiro. Diane olhou para Tracy absolutamente chocada.

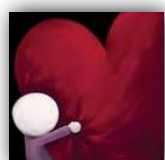
— Seus pompons não vão adiantar nada aqui, Srta. Monroe — Tracy provocou.

Depois disso, Diane pulou na cadeira da minha escrivaninha e bombardeou Tracy com uma rajada de almofadas, até que meu quarto ficou completamente arrasado.

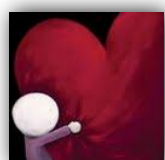
Quando Diane finalmente recuperou o fôlego, disse: — Você tem de admitir: esse clube definitivamente não será um tédio.

Tracy rolou e ficou de barriga para baixo.

— E nem mesmo chegamos a parte em que sacrificamos bodes — e garotos!



Ainda!



Treze

Tentei pegar meus livros para a aula de espanhol o mais rápido que pude na segunda de manhã, imaginando uma forma de evitar Todd, ainda que fossemos parceiros de conversação.

— Chesney! — ouvi Ryan chamar.

Ótimo.

Senti um braço sobre meus ombros. Olhei para cima e vi Todd sorrindo.

— E aí, Margarita, você se divertiu muito no sábado à noite?

Dei um sorriso tímido pra ele.

— Você devia ter ficado mais tempo.

— Ah, é — Ryan respondeu com um sorrisinho. — O que ela perdeu?

Todd olhou para o chão como se realmente estivesse tentando se lembrar.

— Foi o que pensei. — Ryan riu e piscou para mim. — Boa sorte, Penny.

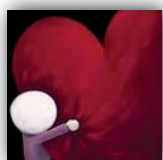
Ryan foi para a aula, balançando a cabeça.

O braço de Todd ainda estava em volta dos meus ombros, e apressei o passo para me livrar dele.

— Ei, espere aí! — Todd me segurou pela cintura. — Seu garoto aqui ainda está se recuperando do fim de semana.

— Hum, na verdade preciso falar com a *Señora* Coles antes da aula sobre, hum, uma coisa. — Tirei a mão dele da minha cintura e praticamente corri para a sala de aula.

Imaginei se seria sutil demais usar uma camiseta com a frase: OBRIGADA



PELO INTERESSE, MAS NUNCA MAIS VOU NAMORAR.

Eu sabia que Todd não era muito fã de leitura, mas ele, definitivamente, gostava de olhar para as minhas camisetas.

— Tem uma pergunta um pouco estranha que eu queria lhe fazer — Morgan me disse enquanto íamos para a aula de biologia.

— Hum... tudo bem?

— Alguma vez você já chamou um garoto pra sair?

— Não, por quê?

Ela diminuiu o passo.

— Bem, estou interessada em um cara, mas ele é um pouco tímido, então acho que ele nunca tomaria a iniciativa.

— Ah. — Lá se ia a idéia de convidar Morgan para o clube. — Eu não sou a melhor pessoa para conversar sobre garotos. De certo modo eu desisti deles depois de, bem, você sabe...

— Ah, verdade. Desculpe-me. — Ela mordeu o lábio inferior.

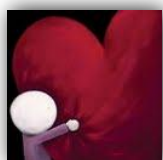
— Tudo bem. Quem é o cara? — perguntei enquanto entrávamos na sala.

Morgan gesticulou na direção do garoto sentado na primeira fileira. Vi Tyson Bellamy, do ultimo ano, curvado na cadeira, com o cabelo cobrindo o rosto enquanto ele escrevia furiosamente no caderno.

— Ele não é fofo? — Morgan ficou vermelha.

Tyson olhava para a frente da sala com uma expressão intensa.

Mesmo que eu estivesse interessada em garotos, Tyson realmente não era meu tipo: cabelo preto comprido, supermagro, camisetas vintage de rock. Basicamente, ele encarava toda aquela coisa de roqueiro misterioso como uma ciência. Apesar do fato de ser um agente do demônio (por ser um garoto e tudo mais), parecia o cara certo para Morgan, que era fanática por punk rock. Era uma



das poucas amigas minha que entendiam a importância cultural dos Beatles.

— Você quer ir a um show comigo na sexta?

Eu não estava no clima para bancar o Cupido, mas depois de todo o drama com Tracy no jogo de futebol americano da semana anterior, seria bom ter uma desculpa para não ir ao dessa semana.

— Claro. Mas, Morgan, não vou ser um bom candelabro.

Ela riu.

— Mas você é minha companheira de shows. Precisa ir comigo. Não temos de falar com nenhum garoto. Só ouvir musica. Depois podemos ir embora.

Parecia a noite perfeita para mim.

— Então, vamos ter regras no clube antigarotos? — Tracy perguntou na hora do almoço.

— O nome é Lonely Hearts Club — lembrei a ela.

— Ahã. E vamos ter que usar camisetas iguais, cinto de castidade ou algo assim? Mal posso esperar para ver a logomarca.

— Tracy...

— Acho que ter regras ou normas ou um mantra de algum tipo seria divertido. — Diane concordou, interrompido o que poderia ter sido a primeira briga oficial do clube.

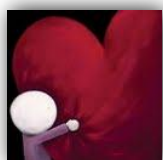
Como o tempo ainda estava bom, tínhamos decidido comer do lado de fora. Eu estava encostada em um enorme carvalho enquanto comia minha maçã.

Tracy se animou.

— Ah, por favor, deixem que eu escreva as regras. Vai ser muito divertido!

— Está bem — eu disse. — Faça o que quiser...

Tracy pegou o caderno e começou a escrever algumas sugestões. Eu me encostei no tronco da árvore e fechei os olhos.



— Tudo bem, vou fazer um esboço e apresento na nossa reunião oficial no sábado a noite — Tracy resmungou. — Está bem assim, chefe?

No que eu tinha me metido?

— Ei, meninas, o que está rolando? — Morgan perguntou quando ela e Kara se juntaram a nós.

— É o nosso novo clube — eu disse.

Kara olhou para o caderno de Tracy.

— Lonely Hearts Club?

— Nós três decidimos não namorar mais os garotos idiotas dessa escola ou de qualquer outra, para falar a verdade. — Eu sorri.

Megan arregalou os olhos.

— Você não estava brincando quando disse que tinha desistido dos garotos.

— Não!

— Não estou entendendo — disse Kara.

— Não tem mesmo muita coisa que entender — expliquei. — Eu só estou cansada dos garotos. Eles não fizeram nada além de causar problema para e para minhas amigas.

Diane e Tracy concordaram.

— Então você não vai namorar nunca mais mesmo?

— Nunca mais não: só enquanto eu estiver aqui.

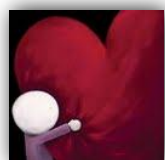
— Ah. — Kara olhou para a garrafinha de água que segurava.

Depois do jeito que fora tratada por caras como Todd no passado, pensei que ela fosse entender.

Morgan me olhou.

— Você me odeia por querer ir ao show?

— Não, claro que não — assegurei a ela. — Eu só quis dizer que não era a pessoa certa para encorajar você a sair com um cara, já que tenho quase certeza de



que o Tyson é uma cria de Satã.

— O que tem de errado com o Tyson? — Morgan ficou na defensiva.

— Bem, ele é um *garoto*...

Tracy se meteu:

— Acho que elas já entenderam, Pen.

— Ei, Tracy — Jen Leonard disse da árvore ao lado da nossa. — Do que vocês estão falando? Se estiverem falando mal de garotos, tenho algumas histórias para contar.

Tracy fez sinal para ela vir.

— Junte-se a nós, minha amiga. Deixe que nossa líder Pen mostre a você o caminho.

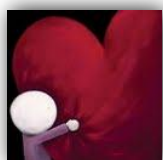
— Tracy...

Jen e Amy Miller, duas meninas também do terceiro ano, amigas minhas desde o ensino fundamental, se aproximaram. Elas eram melhores amigas inseparáveis, mas, a primeira vista, pareciam muito diferentes. Jen era esportista, capitã da maioria dos times femininos, e as vezes era um pouco intensa, enquanto Amy era bastante patricinha e quase sempre usava vestido e blazer, como se fosse trabalhar em um escritório em vez de ir a escola.

Tracy animadamente as colocou a par do clube. Morgan e Kara ficaram em silêncio o tempo todo. Tenho certeza de que deviam estar se perguntando em que tinham se metido.

— Espere aí — Amy pediu. — Achei que tivesse ouvido você dizer hoje na aula de artes que ia sair pra comprar o vestido da Festa dos Ex-alunos. Com quem você vai a festa?

— Vamos umas com as outras — expliquei. — Achamos que vai ser muito mais divertido que ir com garotos que vão largar a gente pra conversar sobre o que quer que sejam que eles conversem.



– Micose de atleta – Tracy disse, sorrindo com malícia.

Amy e Jen olharam uma para a outra. Então Amy nos fitou e disse:

– Parece legal... Posso entrar para o clube?

– Amy! – Jen protestou. – Você vai mesmo decidir não namorar pelos próximos dois anos, assim do nada?

Amy jogou para trás seus longos cabelos pretos e ondulados.

– Ah, por favor, essa é uma decisão tão difícil de tomar... Estou de saco cheio de todos os garotos desta escola, especialmente depois do que o Brian Reed fez comigo no sétimo ano.

Tracy e eu trocamos olhares confusos.

– O que o Brian fez? – perguntei.

Amy arregalou os olhos.

– Você não lembra?

Balancei a cabeça.

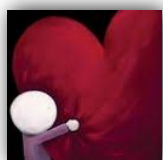
Ela suspirou.

– Bem, já faz um tempo. Mas eu sempre penso nisso porque as coisas não mudaram nada em relação aos garotos desde aquela época. Quer dizer, eles são muito infantis.

– O que aconteceu? – Kara voltou para a conversa.

Amy se endireitou.

– Bem, Brian e eu estávamos namorando, e eu digo *namorando* de forma bastante vaga. Ele de vez em quando caminhava comigo até a minha casa depois da escola e nas sextas a noite íamos ao fliperama e eu o via jogar vídeo game. Um dia, sem mais nem menos, ele veio até onde eu estava na hora do almoço e na frente de *todo o mundo* disse: “As rosas são muito vermelhas. As violetas são azuis pra valer. O lixo é jogado fora, e você também acaba de ser.” Todos os idiotas na mesa dos atletas ficaram lá rindo.



— Ah, espere aí, eu *me lembro* disso — Diane disse baixinho. — Brian é muito imbecil.

— Fiquei traumatizada o ano todo. Todos os atletas babacas jogavam lixo em mim quando eu passava. Ainda não sei o que fiz pra merecer aquilo. E depois, no dia seguinte, Brian teve a cara de pau de falar comigo, como se não tivesse me humilhado e acabado com meu ano.

Jen acariciou o ombro de Amy.

— Eu não fazia idéia de que isso ainda deixava você tão chateada.

— Eu tinha 12 anos, fiquei totalmente traumatizada — Amy respondeu. — Acredite em mim, já superei, mas foi desse modo que começou minha desastrosa experiência com garotos. Nem vale a pena contar as outras histórias. Vou ficar mais que feliz em apagar esses idiotas da minha memória.

Jen olhou chocada para Amy.

— Mas...

Amy levantou a mão para silenciá-la.

— Por favor, olhe para você! Você foi sacaneada mais vezes que eu.

— Não, eu...

— Josh Fuller.

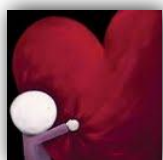
A menção do nome de Josh, Jen se sentou na grama.

— Quem é Josh Fuller — Diane perguntou enquanto dava tapinhas no joelho de Jen.

Jen passou as mãos pelos curtos cabelos louros.

— É o cara que partiu meu coração. Nós dois dávamos aula de basquete no parque este verão, e ele...

— Ele sacaneou a Jen — Amy finalizou. — Ficava dando em cima dela sem parar, fazendo-a acreditar que estava a fim. Até saiu com ela, e depois simplesmente parou. Continuou a dar mole, mas não teve um segundo encontro.



Em vez disso, ele se exibia pelo parque com uma loura burra a cada semana, depois dizia a Jen como ela era linda. Ele simplesmente...

— Chega — disse Jen. — Elas entenderam. — Ela balançou a cabeça. — É tão idiota, mas eu nunca tinha conhecido um garoto com quem tivesse tanta afinidade, e ele parecia realmente ser o cara. Era bom demais para ser verdade.

Eu concordei, sabendo exatamente como Jen se sentia.

Comecei a sentir uma onda de energia.

— Vamos, Jen, você tem de se juntar a nós — eu disse. — Não precisamos deles, precisamos?

Jen riu.

— Definitivamente não.

— Legal! — Diane fez um sinal de aprovação. — Já temos cinco integrantes. Kara? Morgan?

Kara e Morgan tinham passado os últimos minutos em silêncio.

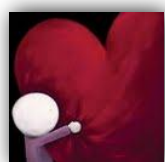
— Hum, eu tenho um par para a festa... — disse Kara olhando para o almoço intocado. — Ah...

— Tudo bem... — disse Diane.

— E, ah, desculpem-me, meninas, mas eu preciso... — Morgan estava claramente desconfortável.

— Sem problema, sério — eu garanti. — Entendo que é pedir muito. Quando estiverem prontas, estaremos aqui.

Conhecendo os garotos da escola, eu não achava que demoraria muito para elas se juntarem a nós.



Quatorze

AINDA BEM QUE TODD CHESNEY era péssimo em espanhol.

Ele tinha tentado dar em cima de mim e me convidar para a festa a semana inteira, mas como o espanhol dele era ruim demais, eu apenas o olhava, confusa, e fingia não entender o que ele dizia. E como Todd era péssimo nas aulas, acreditava em mim.

Um pouco antes de o sinal tocar na quinta de manhã, comecei a minha rotina habitual de pegar os livros e correr para fora da sala.

— Opa, espere aí, Margarita. — Todd me segurou pelo braço antes que eu tivesse chance de disparar pelo corredor.

— Hum? — Tentei parecer surpresa.

— Preciso falar com você. — Todd me seguiu. — Eu estava pensando...

Ah, isso ia ser péssimo.

— ... que você e eu deveríamos, você sabe, ir à festa juntos.

Ele parou no meio do corredor e olhou para mim. Embora fosse alguns centímetros mais alto e não-sei-quantos-quilos mais pesado que eu, parecia um pouco tímido. Isso quase me fez sentir pena suficiente para dizer sim.

Quase.

— Ah, Todd, bem — tentei parecer surpresa. — Na verdade, já tenho planos.

— Com quem você vai? — A voz dele transpareceu certa irritação. — — — O Bauer?

— O Ryan? Não, por que você... deixe pra lá. — Isso me deixou



desconcertada.

— Todas as garotas dessa escola estão esperando um convite do Ryan para ir à festa. É melhor ele chamar alguém. Logo. -- Ele cruzou os braços, parecendo impaciente.

— Ahã. Bem , eu não vou com um garoto. Vou com minhas amigas, só isso.

— Por que você faria isso? —Ele parecia confuso. — Quer saber, Penny, se não quer ir comigo, é só dizer.

— Não, não é isso, eu realmente vou...

— Não importa. — Todd saiu andando.

Bem , isso foi ótimo.

Apesar da reação de Todd, pela primeira vez desde o começo do ensino médio, eu estava ansiosa pela festa. Sempre me perguntavam com quem eu iria, eu dizia a verdade, sem me importar se as pessoas achariam esquisito que um bando de garotas fossem juntas.

— Oi, estranha, esqueceu onde fica seu armário? — Ryan perguntou depois da aula.

— É, Bem, eu só...

— Tudo bem. Eu entendo.

Eu não fazia idéia do que ele devia entender. Eu estava evitando meu armário para não ter de lidar com o Todd.

Voltei para pegar os livros no armário, e Ryan continuou lá.

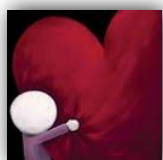
— Então, o Todd me contou o que aconteceu.

Eu me virei e encostei no armário.

— Ele me odeia muito?

Ryan se moveu de forma que sua cabeça ficasse ao lado da minha

— Ele não a odeia. Eu disse a ele que você realmente vai com um bando de meninas. Desculpe- me.



— Por que você deveria se desculpar?

Ele abriu um sorriso.

— Bem, acho que ele vai começar a dar em cima de você de novo depois da festa.

— Ah.

— De qualquer forma, você é que deveria estar me pedindo desculpas.

— Por quê?

Ryan abriu a mochila e começou a colocar coisas dentro do armário. Ele estava fingindo que não tinha escutado.

— Ei. — Eu dei um chute de leve na perna dele. — O que foi que eu fiz? Quer dizer, não consigo imaginar o que possa ter sido, já que sou uma santinha do pau oco e tudo mais...

— Seria bom dizer ao Chesney que você está fora do mercado.

— Ah, que bonito, “fora do mercado”. Sei que Todd me vê como um pedaço de carne, mas eu esperava mais de você — provoquei.

— Simplesmente não posso acreditar que tenha de saber tudo sobre você por meio de Diane.

— O que exatamente a Diane disse?

Ele pareceu confuso.

— Que vocês duas vão a festa juntas. Tem mais?

Balancei a cabeça.

— Não, nada mais. É só isso.

Na sexta à noite fui com Morgan ao show de Tyson. Nunca me senti mais deslocada. Dei uma olhada no ambiente e tudo que vi foram piercings, delineador preto e cabelos sujos. Todos ali estavam com cara de quem queria estar em outro lugar.



Bem, talvez eu tivesse alguma coisa em comum com eles.

Morgan agarrou o meu braço.

— Acho que deveríamos ir lá para frente, não perto demais, mas perto o bastante.

Fomos até a frente da oficina mecânica que fazia as vezes de casa de shows. Não achei que teríamos problemas para fazer Tyson notar Morgan; só havia mais umas trinta pessoas ali. Morgan abriu a bolsa e aplicou mais uma camada de batom vermelho.

Houve uma movimentação em direção à parte da frente quando a banda entrou no palco: Pete Vaughn se sentou atrás da bateria e começou a rodopiar as baquetas; Brian Silverman e Trent Riley entraram no palco com os respectivos instrumentos, guitarra e baixo, e Tyson entrou tocando guitarra. Imediatamente a banda começou a tocar “London Calling”, do The Clash. Tyson, sempre tão tímido nas aulas, dominou o palco e eu fiquei completamente surpresa. Ele se movimentava com a música, conduzia o público e se comportava como um profissional experiente. E o som até que não era ruim.

A música terminou, e todos começaram a aplaudir e a gritar.

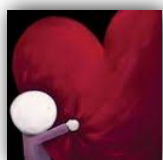
— É isso aí! — Tyson pegou o microfone. — Chega de covers. Temos uma música nova que vamos tocar para vocês essa noite. Então, mandem ver! .

Foram mais palavras do que eu jamais o ouvira dizer.

— Ai, mal posso esperar para ouvir as músicas novas deles. O Tyson compõem todas.

Morgan parecia uma menina completamente apaixonada.

Tyson começou a tocar uns acordes pesados. Seus cabelos longos estavam caídos sobre os olhos enquanto ele balançava a cabeça para frente e para trás. O restante da banda acompanhou e eu me vi dançando ao ritmo da música. Havia algo intenso na batida. Olhei em volta e vi todo mundo movendo a cabeça no ritmo



do baixo.

Enquanto ele cantava a letra ao microfone, fiquei surpresa com a sua voz — tão clara, potente e, de alguma forma, bonita. E as letras eram bem mais profundas do que eu poderia imaginar.

Tyson fechou os olhos e estendeu a mão para a platéia. “você é a sombra que me persegue a visão de quem eu quero ser.”

Apesar do fato de Tyson ser um garoto, comecei a pensar se não tinha sido injusta com ele. Não em relação a parte ele ser a escória da humanidade, por ele ser do sexo masculino. Mas, além do fato de ele ser um garoto, eu simplesmente o ignorara todos esses anos, sem nem me dar conta disso. Será que deixara que sua aparência e o seu comportamento tímido obscurecesse o que estava se tornando cada vez mais óbvio!

Tyson Bellany não era um aspirante a punk: era um prodígio musical.

Depois que a banda terminou a última música, Morgan se virou pra mim e disse:

— Promessa é promessa, então podemos ir embora.

Começamos a sair, mas havia uma aglomeração de pessoas a nossa frente. Decidi passar pelo lado do palco para chegar a saída, mas tropecei no fio de um amplificador.

— Você está legal? — Alguém se segurou para manter meu equilíbrio. Olhei para cima.

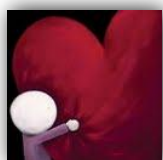
— Estou. Valeu, Tyson. Show maneiro.

— Valeu, Penny. — Ele disse com um meio sorriso. — Fiquei um pouco nervoso quando vi que você estava aqui.

Sério?

— Sério?

— Sério. — Pude ver que ele ficou vermelho por trás do cabelo. — Quer



dizer, seu nome é uma homenagem a uma das músicas da maior banda de rock de todos os tempos.

— Ah. — Eu ri. — Hum, você conhece a Morgan né? — Fiz um gesto em direção a Morgan, que tentava se esconder atrás de mim. E o papo de não segurar vela já era.

— É, oi — Tyson disse e olhou para o chão.

— Oi — Morgan respondeu, também olhando para baixo.

— Hum, então vocês ensaiam aqui? — perguntei, tentando tornar as coisas menos constrangedoras.

Tyson balançou a cabeça.

— É, à noite. — Ele não levantou os olhos.

— Ahã, bem, isso é... interessante.

Morgan me cutucou.

— Hum, bem, foi bom falar com você...

Tyson fez que sim com a cabeça e olhou para nós por apenas um instante, para sorrir.

— Quero morrer! — Morgan gritou quando saímos da garagem. — Aquilo foi muito constrangedor. Seria impossível parecer menos interessado em mim!

— Ele só é tímido — eu disse, sem ter certeza de que fosse realmente isso.

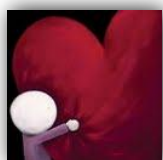
Morgan destrancou o carro e nós entramos.

— Penny, você sabe a quanto tempo eu sou a fim do Tyson?

Balancei a cabeça.

— Desde o primeiro ano. Dois anos. E finalmente decidi que este ano eu iria fazer alguma coisa. Ele está no último ano, então o meu tempo está acabando. Mas é tão óbvio que ele não está nem ai... — Morgan apoiou a cabeça no volante. — Estou muito envergonhada.

— Não tem do que se envergonhar. Você não precisa do Tyson para...



Eu me interrompi. Não queria repetir a cena daquele almoço do começo da semana.

— Para quê? — Morgan olhou para mim com expectativa.

— Você não precisa dele.

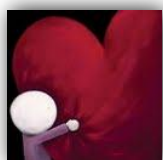
Morgan balançou a cabeça lentamente.

— Tem razão, não preciso. Já desperdicei tempo de mais com ele. — ela suspirou.

— Ei, tem um lugar pra mais uma no seu clube!

Eu sorri.

— Claro. Vai fazer alguma coisa amanhã à noite?



Quinze

— TENTEM SE COMPORTAR — MEU pai disse enquanto vestia o casaco, no sábado à noite. — Agora, Penny Lane, vamos ficar fora apenas algumas horas. Nada de garotos.

Tentei não rir. Se ele soubesse...

Meus pais estavam saindo para jantar, enquanto Tracy e eu nos ocupávamos com os preparativos mais importantes para nossa primeira reunião oficial do Lonely Hearts Club: Batatas fritas, molho, refrigerante, pizza e uma seleção de comédias bregas.

— Não se preocupe, Dr. Bloom: se Paul ou Ringo aparecerem por aqui, seremos anfitriãs perfeitas — disse Tracy, que adorava o fato de meus pais serem tão... fora do comum.

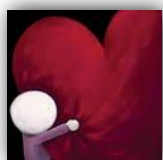
— Obrigada, Tracy — minha mãe respondeu. — Tenho certeza disso. — Ela deu um beijo na bochecha antes de sair.

— por que você os estimula? — perguntei a Tracy.

— Por que isso deixa você louca.

A campainha tocou — ao ritmo de “Leve Me Do”. Claro.

— Que comecem as festividades! — Declarou Tracy.



Tinha esperado ansiosamente essa reunião durante toda a semana. Apenas nós, as meninas, passando algum tempo juntas. Mas parte de mim torcia para que, talvez, acabasse sendo algo mais importante que isso,

Depois Tracy, Diane, Jen, Amy, Morgan e eu nos instalamos no porão, confortavelmente espalhadas pelo sofás, e começamos a mastigar ruidosamente as batatas fritas, Tracy se levantou e deu folha de papel para casa uma.

Olhei e li: *As regras oficiais do Lonely Hearts Club de Penny Lane.*

— Ei, o clube não é só MEU... — protestei.

Tracy jogou uma batata frita em mim.

— Dá pra ficar quieta e ler?



As regras oficiais do

Lonely Hearts Club De Penny Lane

Até o momento, estão aqui estabelecidas as regras para as integrantes do Lonely Hearts Club de Penny Lane. Todas devem estar de acordo com os termos apresentados, ou sua participação será removida dos registros do referido clube.

1. Todas as integrantes concordam em não mais namorar homem (ou referindo-se à população masculina da McKinley High, “menininhos”) pelo restante de sua existência escolar. Caso queiram namorar após o término do ensino médio, as referidas participantes escolherão preceder por sua conta e risco. O insucesso no



cumprimento desta que é a regra mais sagrada resultará na mais alta punição permitida por lei: correr nua pelos corredores do McKinley depois do almoço.

2. As integrantes comparecerão a todos os eventos de casais juntas, como um grupo, incluindo, mas sem limitar-se a, Festa dos Ex-alunos, a Festa de Formatura, festas e outros eventos para casais, apesar da possibilidade de serem tachadas de esquisitonas e de receberem olhares invejosos dos garotos, que gostariam de tê-la como suas acompanhantes gostosas, mas, em vês disso, têm de se conformar com alguma aspirante constrangedora.

3. Sábado à noite é a data oficial das reuniões do Lonely Hearts Club de Penny Lane. A presença é obrigatória, exceção feita apenas a casos de emergência familiar e dias que o cabelo estiver ruim.

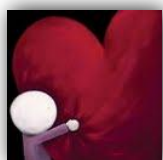
4. As integrantes devem apoiar as companheiras, ainda que elas tenham péssimo gosto para roupas, cabelo e/ou música.

Adorei. Tudo bem, era um pouco melodramático em alguns trechos (típicos de Tracy), mas fora isso, funcionava.

Jen olhou para a lista e deu um suspiro.

— Desde que você contou sobre o clube, tenho pensado muito a respeito de todos os episódios ruins que aconteceram na minha vida por causa de garotos. Quer dizer, há pouco tempo descobri que, no ano passado, três caras do time de basquete fizeram uma aposta para ver quem iria conseguir tirar minha virgindade. É ou não idiota demais? — Jen revirou os olhos.

— É, infelizmente Jon Cart me tirou esse privilegio no ano passado. — Amy balançou a cabeça. — Se eu pudesse voltar atrás naqueles quarenta e cinco segundos da minha vida....



– O QUÊ?! – Tracy praticamente berrou.

Amy cobriu a boca.

– É, odeio dizer isso, mas perder a virgindade não é nem um pouco divertido.

Tracy pareceu desapontada.

– Não que um dia eu vá saber. – Ela cruzou os braços e fingiu estar de mau humor. – Clube idiota.

– É, e para continuar a tradução de os garotos serem completos babacas comigo por nenhuma razão, literalmente um segundo depois ele perdeu completamente o interesse em mim.

– Típico. – Jen concordou.

– Tudo o que a gente vê nos filmes e na televisão é um monte de mentiras. Eu não vi fogos de artifícios e nem tinha nenhuma sinfonia tocando dentro de mim. – Amy olhou rapidamente para Diane. – Mas tenho certeza que com você e Ryan provavelmente foi a luz de velas, com um monte de pétalas de rosas.

Diane corou.

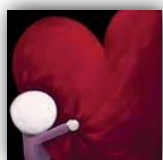
– Hum, não exatamente.

Eu não tinha certeza se queria realmente ouvir aquilo.

– Por favor, diga que teve ao menos lençóis de seda. – disse Amy.

Diane disse algo, mas a voz estava baixa, que mal se podia ouvir.

– Hum, talvez a gente deva mudar de assunto? – sugeri.



Diane olhou para todas nós e sorriu.

– Tudo bem, é só que... Eu sou virgem.

– VOCÊ É O QUÊ? – Tracy berrou e pulou do sofá.

Diane apenas deu de ombros.

Conte. Outra.

Ela e Ryan tinham ficado juntos por tanto tempo, que era praticamente casados. Bem, Talvez aquelas brincadeiras sobre pessoas casadas não fazerem sexo sejam verdade.

– Mentira! – Tracy gritou.

Diane fez que sim com a cabeça.

– Sêrio.

– Uau.

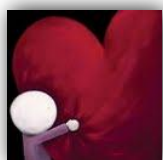
Depois de uma pausa um pouco constrangedora, Diane se levantou e foi até Tracy.

– Obrigada, Tracy – ela disse, dando uma piscadela brincalhona. – Obrigada por pensar Durante todo esse tempo que eu fosse uma grande vagabunda.

Tracy deu de ombros.

– Ei, é pra isso que estou aqui: julgar as amigas.

– Penny, será que podemos pôr uma musica pra abafar a voz dela? – Diane sorriu para mim.



— Como se alguma caixa de som pudesse fazer isso — Tracy contra-atacou.

Eu não podia estar mais de acordo com Diane. E já sabia a música perfeita para colocar a todo o volume.

Qual?

“Come Together”. Unam-se.

— Não precisa se preocupar em limpar tudo, sério — eu disse a Diane depois que todas as outras garotas tinham ido embora. Peguei algumas latas de refrigerante para a reciclagem.

— É que eu queria perguntar uma coisa a você.

Sentei-me à mesa da cozinha ao lado dela, que mudou de posição desconfortavelmente.

— Você acha bizarro?

— O clube?

— Não, não. O Ryan e eu nunca termos...

— Hum, bom, acho que eu só imaginei que...

Ela olhou para o chão.

— É, eu sei. É só que... Posso contar uma coisa?

Fiz que sim.

— Nunca contei isso a ninguém, mas nós tentamos uma vez. No ano-novo passado íamos fazer, tínhamos tudo planejado. Meus pais iam passar a noite na cidade, então fomos para o meu quarto depois da festa do Todd, e *tinha* velas e ele



me deu rosas... — Diane riu. — Acho que éramos bem previsíveis. — O sorriso se desfez lentamente, e ela ficou em silêncio por um momento.

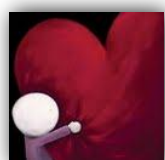
Eu balancei a cabeça em solidariedade. Lembranças da minha noite desastrosa e constrangedora com Nate começaram a me inundar.

— Eu me lembro de ter total certeza de que Ryan era o cara certo, de que íamos ficar juntos pra sempre. Tudo foi tão romântico, tão perfeito, e aí... Eu pirei. Não estou falando de nervosismo com a maioria das roupas, mas eu simplesmente comecei a chorar, e o Ryan se levantou na mesma hora e acendeu a luz. Ele parecia bastante preocupado, e isso só fez com que eu me sentisse pior. Ainda não entendo o que aconteceu. Acho que entrei em pânico. Passamos aquela noite deitados um ao lado do outro, ele me abraçando enquanto eu chorava. Depois, as coisas ficaram diferentes entre nós. Acho que Ryan ficou preocupado de ter feito alguma coisa errada, então nunca mais tentou nada. Ficamos com tanta vergonha, que nunca mais falamos sobre isso. Quase não fizemos nada nos últimos meses de namoro. É por isso que foi tão fácil ficarmos amigos, porque no final nos tornamos... só amigos. — Diane pareceu triste por um momento, depois me olhou e deu um sorriso de leve. — Todo o mundo quer saber o que aconteceu, por que o casal perfeito terminou. Acho que aquela noite foi o começo do fim pra nós dois. Não porque íamos transar, mas porque acho que percebemos que estávamos nos forçando a ser algo que nenhum dos dois queria. — Ela me olhou de novo e deu de ombros. — Estou cansada de fazer as coisas por causa das pessoas ou do que elas esperam de mim. Não vou mais fazer isso.

— Isso mesmo!

Diane sorriu para mim.

— Tem mais uma coisa que quero que você saiba.



Eu me aproximei dela, imaginando o que viria pela frente.

— Depois da temporada de futebol americano, vou sair da equipe de líderes de torcida.

Isso me surpreendeu mais do que as novidades sobre ela e Ryan.

— Sério?

— Sério. Vou fazer teste para entrar no time de basquete. Vou fazer isso por mim.

O rosto de Diane se iluminou, e percebi que ela estava falando muito sério.

Minha cabeça girava com todas as informações daquela noite. Tinha sido só nossa primeira reunião oficial, e tantas de nós já estávamos mudando, e tantos segredos tinham sido contados...

Eu tinha certeza de que com o tempo mais coisas seriam reveladas.

Talvez até alguns dos meus segredos.



Dezesseis

A primeira saída oficial do clube foi no sábado seguinte, para comprarmos nossos vestidos para a Festa dos Ex-alunos. Eu estava super animada, porque Rita tinha vindo da Northwestern passar o fim de semana em casa e seria integrante honorária durante a excursão.

Mas primeiro tivemos de sobreviver ao jantar com meus pais na sexta a noite.

— Ai, é tão bom ter minhas filhinhas em casa! — mamãe não parava de dizer.

Tentei ignorá-la, examinando o cardápio do nosso restaurante favorito. A Selva. (Nunca entendi o que havia de tão selvagem em um restaurante familiar colado ao shopping.)

O garçom veio anotar os pedidos, e olhei para baixo, para que Rita pudesse ser a primeira a pedir. Ela sempre tinha muito mais coragem do que eu de enfrentar nossos pais.

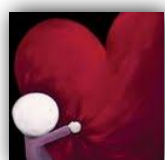
— Vou querer o filá-mignon com purê de batatas ao alho — ela disse, olhando diretamente para mamãe, em tom de desafio.

— Rita... — mamãe disse com profunda desaprovação.

Rita pegou o guardanapo que estava em cima do prato e o colocou sobre o colo.

— Mãe, garotas precisam de proteína. Penny, o que você vai querer?

O garçom olhou para mim, obviamente confuso. Eu apenas sorri e pedi um chesseburger — levemente malpassado.



Mamãe começou a falar, os grandes olhos castanhos, iguais aos meus, estreitando-se enquanto ela encarava Rita:

— Rita... Penny Lane... — Ah, que ótimo!, eu também tinha me dado mal. — Vocês sabem que respeitamos a decisão de vocês de comerem o que quiserem, mas eu realmente gostaria que tentassem entender por que seu pai e eu somos contra certas coisas.

— Mão, eu sei por que vocês dois são contra. — Rita fez um grande gesto enquanto estendia as mãos. — Eu sei o que Paul faria em uma situação dessas, mas eu não sou Paul McCartney. Sou Rita Bloom, e quero comer carne. Um monte de carne.

Enquanto a maioria das pessoas se torna vegetariana por razões de ética ou de saúde, meus pais são vegetarianos simplesmente porque Paul McCartney os levou a isso.

Sentindo a tensão a mesa, papai se virou para mim:

— Então, Penny Lane, quais são seus planos para sua irmã mais velha nesse fim de semana?

Eu estava prestes a começar a contar a ele sobre as compras quando Rita interrompeu dizendo:

— Estou muito animada porque pude conhecer o clube da Penny.

Opa.

— Você entrou para um clube, querida! Isso é ótimo — mamãe disse enquanto tomava um gole de água.

— É, que tipo de clube, filhota? — Papai se inclinou em minha direção todo interessado.

— Hum, bem, não é um clube oficial de verdade.

Fuzilei Rita com os olhos. Aquilo era muito humilhante. O que eu deveria dizer? *Sabem, é que estou de saco cheio de garotos porque o filho do seu melhor amigo é um*



babaca; então decidi me juntar com algumas amigas e esquecê-lo completamente.

— Foi a Penny que fundou. Chama-se Lonely Hearts Club — Rita se meteu.

— Ah, Penny Lane, isso é maravilhoso! — Mamãe levou a mão ao peito animadíssima por eu ter nomeado alguma coisa em homenagem aos Beatles, mesmo que não fizesse idéia do que se tratava o clube.

Eu podia ter começado um clube chamado Yellow Submarine, que fosse para o mar e abatesse filhotes de foca, e *ainda assim* eles ficariam orgulhosos.

— Filhota é tão bom que você se interesse por sua herança. *Goo goo g'joob!* — papai disse radiante, citando o refrão de “I Am the Walrus”.

Minha herança? Meu bisavô por parte de pai era da Inglaterra, é verdade, mas nenhum lugar perto de Liverpool. E a família da minha mãe era da Alemanha.

— Vocês não querem nem saber sobre o que é o clube? — perguntei. — Eu e algumas amigas decidimos não namorar mais... pelo menos até terminarmos o colégio.

Os olhos de papai brilharam.

— Penny Lane, essa é a melhor idéia de todas para um clube!

Mamãe ficou pensativa por alguns minutos antes de dizer qualquer coisa.

— Penny Lane, há alguma razão pra você estar fazendo isso?

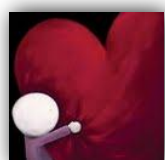
Meu coração começou a bater acelerado. Ela sabia. Balancei a cabeça.

— Na verdade, não. São vários fatores, acho. Estou cansada de ver minhas amigas sofrerem...

— De novo, Penny Lane, isso é simplesmente formidável — Papai esticou a mão por cima da mesa e pegou a minha. — Quero que saiba que estou disposto a colocar mais mesas no porão quando essa idéia realmente decolar. E pensar que nossa filhotinha começou um Clube dos Beatles!

— Não é um Clube dos Beatles! — Puxei a mão.

Ele piscou para mim.



— Bem, um pai pode sonhar, não pode?

Mamãe ficou em silêncio. Não tinha certeza do que ela achava de tudo aquilo, mas vi que não deu nem uma palavra quando a comida chegou, e Rita e eu devoramos nossa carne vermelha e nos deliciamos com cada mordida.

Foi estranho. Eu tinha ido a varias festas e eventos mais formais desde o ensino fundamental, mas era a primeira vez que saia para comprar vestidos com um grupo de amigas. Isso realmente consolidou a importância do clube, e nos mostrou quanto poderíamos nos divertir sem garotos. Acho que os vendedores ficaram um pouco irritados por terem seis adolescentes vasculhando a seção de vestidos e gritando umas para as outras, mas não demorou muito até que Rita assumisse o controle.

— Em uma escala de sensualidade, você está pegando fogo, gata! — ela disse para Amy quando ela saiu do provador com um vestido preto.

Enquanto eu observava, minha irmã pegou o celular e começou a imitar uma apresentadora de programa de auditório cafona.

— Agora, temos Amy, que está usando um vestido preto cetim. Notem o detalhe do bordado com contas na manga curta e a cintura império, que acentua os seios volumosos...

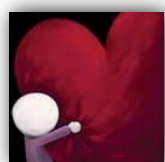
Amy corou, deu uma voltinha e fez uma reverencia.

A porta do provador ao lado se abriu.

— Estão prontas para mim? — Tracy perguntou enquanto saia para que todas pudéssemos admirar seu vestido... ou o que quer que fosse aquilo.

Ficamos paradas olhando. Tracy estava usando uma coisa mais parecida com um guarda-pó — um horrendo guarda-pó florido, que até minha avó preferiria morrer a ser vista usando. Tracy desfilou pelo corredor até o espelho triplo.

— Ei, Pen, achei que podia começar a adequar o guarda-roupa para quando



formos velhas solteironas. — Ela riu enquanto tirava o guarda-pó e revelava o vestido justo de seda vermelha com uma faixa de lantejoulas que vestia por baixo. Ela estava incrível. — E aí, Rita, qual é a minha escala de sensualidade?

— Um vulcão em erupção!

Tracy bateu palminhas e deu pulinhos. Notei que a cada dia ela se parecia mais com Diane.

Ela teria me matado se eu lhe dissesse isso.

— Parece que todas encontraram seus vestidos — Rita disse enquanto inspecionávamos as escolhas umas das outras.

Diane tinha encontrado um vestido rosa estilo anos 1920; Jen vestia um tomara que caia preto clássico e Morgan usava um modelo com cintura império de seda vermelha, enquanto eu tinha escolhido um vestido preto frente única e de saia justa rendada.

Ficamos lado a lado em frente ao espelho para uma visão completa.

— Sabe — disse Jen —, gostei de escolher um vestido para mim. Antes eu sempre ficava preocupada se *ele* ia gostar o bastante...

— É — completou Amy. — Gostar o bastante para tirá-lo.

Jen riu.

— A sensação é de que tirei um peso das costas.

Diane mordeu o lábio, nervosa.

— Eu sei, principalmente porque preciso me concentrar em outras coisas. Na verdade, é nesse ponto que eu preciso de sua ajuda, Jen. Decidi sair da equipe de líderes de torcida depois do baile... e fazer um teste para entrar no time de basquete.

Houve alguns gritinhos abafados. Rita começou a aplaudir.

— Caramba! — exclamou Tracy. — Diane! Você vai...

Diane enrubesceu e olhou para baixo.



— ... simplesmente arrasar!

O rosto de Diane se iluminou.

— Você acha?

— Se acho! Mal posso esperar até que o diretor Braddock ouça essa notícia.

Ele vai morrer quando descobrir que uma das suas amadas líderes de torcida vai... hum... mudar de time, acho.

Diane riu.

— Já ouço os boatos que vão se espalhar quando eu contar as meninas.

— Posso perguntar por que você decidiu entrar para o time? Não é tão fácil quanto parece — disse Jen.

— Eu não acho que seja fácil. Sempre gostei de basquete, e costumo treinar com meu pai de vez em quando, no quintal, acho que porque ele não teve um filho com quem jogar. Mas quero fazer parte de um time. Quero experimentar alguma coisa diferente. Pode ser que eu esteja sendo egoísta, mas estou cansada de torcer para as outras pessoas. Quero que alguém torça por mim.

— Você quer ir até minha casa nesta semana, para praticarmos? — ofereceu Jen.

Diane sorriu.

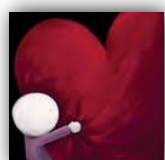
— Seria incrível. O Ryan já está me ensinando algumas jogadas, e nós temos treinando nos fins de semana.

— Sério? — perguntou Tracy.

— É. — A expressão de Diane mudou rapidamente. — Espere aí... Não está rolando nada entre a gente. Espero que você não esteja achando isso.

Tracy deu de ombros.

— Ele tem me incentivado a fazer isso já faz um tempo, e eu precisava treinar um pouco para ver se levava jeito. E o Ryan acha que eu vou me sair bem. Provavelmente não vou começar jogando, nem nada assim, mas isso realmente não



importa para mim. Só quero fazer parte do time.

Jen fez um gesto de aprovação com a cabeça.

— É esse o espírito da coisa! E eu tenho certeza de que você vai se sair superbem.

— Não sei...

Palavras de incentivo irromperam de nossos lábios. Eu podia ver a confiança de Diane crescendo enquanto ela recebia nosso apoio.

Tracy estendeu a mão diante de si. E nós a encaramos por um momento.

— Vamos... — disse ela.

Eu coloquei minha mão por cima da de Tracy, e uma a uma todas as outras garotas fizeram o mesmo. Ali, com nossos novos vestidos, diante de espelhos e mais espelhos.

Tracy olhou para mim para dizer algo.

— As novas integrantes, aos nosso vestidos sensacionais para o baile, e a Diane Monroe, a deusa do basquete!

Demos vivas e gritamos. As pobres vendedoras quase desmaiaram em cima das caixas registradoras.

Depois que compramos nossos vestidos, Tracy sugeriu que “comêssemos loucamente, até não cabermos mais neles”. Nós fizemos o melhor que podíamos.

Depois que nos despedimos, Tracy nos levou para casa, Rita e eu. Ela colocou um CD no carro.

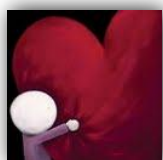
— Tenho uma surpresa para você, Srta. Penny Lane — disse ela, e os Beatles começaram a tocar.

— Uau, Tracy! Não acredito...

— Pois é, gosto de pensar que também posso ser uma caixinha de surpresa!

— Ela piscou para mim.

Rita enfiou a cabeça entre o banco do motorista e o do carona.



— Sabe, Pen, vocês vão ficar cada vez mais populares. Papai vai precisar construir um novo anexo lá em casa para caberem todas vocês.

Eu sorri. Talvez Rita estivesse certa. Talvez fosse apenas o começo.

Tracy aumentou o volume, todas começamos a cantar com a musica.

"I've got to admit it's getting better..." Tenho que admitir que as coisas estão melhorando...



Dezessete

UMA SEMANA DEPOIS, CHEGOU A HORA de ir à festa, e eu estava um completo desastre.

O que eu estava pensando? Minha mente está a mil. Por que fizera tanta questão de que fôssemos á Festa dos Ex-alunos? Eu não podia ser vista e público daquele jeito!

Ouvi pancadas na porta do banheiro. Diane.

— Vamos logo, Penny, o que ainda está fazendo aí dentro? Estamos morrendo de curiosidade de ver como você está.

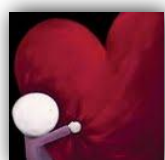
Eu tinha quase certeza de que estava tendo um ataque de pânico

— Hum, só um segundo...

Tentei ajeitar o vestido pela milionésima vez, mas não tinha jeito. Nem morta sairia como estava. Queria entrar na festa de cabeça erguida. Podia jurar que não era assim que ficara quando experimentei o vestido na loja. Comecei a sentir meus olhos umedecerem. Ótimo, não bastava estar ridícula, eu ainda ia arruinar a maquiagem que Diane tinha levado tanto tempo para fazer.

— Penny Lane, dê o fora daí agora — Diane ordenou, socando a porta com a mão.

Tudo bem, aquelas eram as minhas amigas, e teriam de ser sinceras. Ia sair e



ouvir o que elas tinham a dizer. Talvez eu estivesse exagerando.

Ou talvez estivesse passando mal.

Abri a porta...

— Tcharã! — Fiz o que pude para conseguir uma entrada dramática, mas não ousei estabelecer contato visual.

— Penny, você está linda — Diane sorriu admirada. — Estou tão acostumada a vê-la de camiseta e jeans, mas olhe só para você!

Ela estava dando pulinhos. Eu nunca tinha visto alguém mais animado para uma festa... com um monte de garotas.

É claro que eu sabia que Tracy iria direto ao ponto.

— E olhe só seus peitos, quem diria que você tinha uma comissão de frente dessas?

Diane deu um soco de leve no braço de Tracy.

— Eu sei. Estou apavorada. Não fiquei assim quando experimentei o vestido. Talvez seja o sutiã. — Olhei para baixo e tudo que conseguia ver era o decote.

— Ah, por favor! — Diane discordou. — Você tem um corpo supermaneiro e precisa começar a mostrar mais.

— Eu sei. É incrível — disse Morgan. — Tem ideia de como tem sorte por não precisar fazer dieta?

Diane se aproximou e começou a arrumar meu cabelo.

— Não se preocupe, você está demais. E não é tão ruim quanto imagina.



Você deveria se olhar inteira, não só os peitos, no espelho. Você está linda.

Quando chegamos à escola, checamos novamente o cabelo e a maquiagem. Eu estava mais confiante em relação ao meu visual e — odiava admitir — parte de mim mal podia esperar para ver a reação de alguns garotos.

Dava para ouvir a vibração da música antes mesmo de abrirmos a porta da frente. Apressei o passo, subitamente querendo chegar logo ao ginásio e entrar de uma vez. Entrei apressada, sem saber muito bem o que esperar. Pelo menos ninguém estava rindo ou apontando para nós.

Então ouvi: gritinhos altos e agudos, de meninas adolescentes, quando se encontram em eventos sociais.

— AAAAMMMYYYY, você está tããããã linda!

— AIMEUDEUSJEN, esse vestido é um arraso!

— Olhe para você!

— Para tudo. Não posso acreditar que você esteja usando essa cor.

— Não, para tudo você.

Kara, que no fim das contas foi com um garoto olhou para nós seis e disse:

— Então vocês estão levando a sério essa coisa de clube, né?

— Pode apostar — Diane disse com tanto entusiasmo, que era provável que ela fosse a mais animada de todas nós.

— Bem... bom pra vocês. — Kara enrolou o corpo magro em um xale.

— Acho que nunca conseguiria fazer isso, mas que bom pra vocês, meninas.



Diane me pegou pelo braço.

— Venha, vamos dançar.

Nós seis fomos para a pista e começamos a nos mover ao ritmo da música.

Algumas de nossas amigas se juntaram a nós. A música estava alta demais para conversar, mas me vi explicando sobre o clube toda vez que alguém se juntava ao grupo.

Eu me virei e fiquei surpresa ao ver que o nosso círculo de seis dobrara — Kara tinha se juntado a nós, assim como algumas alunas do terceiro e do último ano.

Depois de dançar sem parar por uma hora, fiz uma pausa para ir ao banheiro e me certificar de que ainda tinha alguma maquiagem. Estava me divertindo tanto, que quase esquecera completamente os casais da festa. Sorri ao pensar nas garotas que estavam passando mais tempo conosco na pista de dança que com seus acompanhantes.

A rainha do baile, Marisa Klein, ficou tanto tempo com o nosso grupo, que o namorado dela, o rei do baile, Larry Andrews, finalmente a puxou para dançar.

Jessica Chambers e o namorado começaram uma briga, já que ele achava que ela o estava ignorando. Na verdade, eles brigavam por causa de praticamente tudo — eu não o conhecia muito bem, pois ele não estudava na McKinley, mas sabia que ela merecia coisa melhor.

— Acho que somos o centro das atenções essa noite — Tracy disse, rindo, quando voltávamos para dentro.

Então o Dj mudou a música de pop para romântico e Tracy e eu ficamos paralisadas, sem saber muito bem o que fazer enquanto casais passavam por nós de



mãos dadas.

— Hum, alguém quer ir pegar uma bebida? — Tracy perguntou quando o restante do grupo se aproximou.

Nós nos refugiamos em uma mesa, e foi bom sentar e descansar os pés.

— Ah, meu Deus, Diane! — Tracy disse, inclinando-se sobre a mesa. — Você viu com quem o Ryan veio?

COM QUEM?!

Casualmente mudei minha linha de visão para procurá-lo. Eu estava tão entretida com o clube, que nem tinha notado que ele estava lá.

— Relaxe — disse Diane. Relaxe? Ela estava doida? — Eu sabia que ele viria com a Missy, meninas. Está tranquilo.

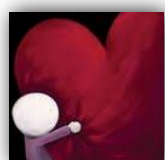
Estava? Por que Diane estava tão clama em relação aquilo? Finalmente tive um estalo.

— Espere um segundo, Missy Winston? — eu disse. — Aquela menina do primeiro ano que derrubou refrigerante na Kara? Você só pode estar brincando!

— Sério, Penny, não tem nada demais. Aparentemente, a Missy o convidou depois do jogo contra o Poynette. Acho que ele ficou um pouco surpreso por ela ser tão atirada, mas parece que quem ele queria convidar já tinha outros planos.

— Quem ele queria convidar? — Por alguma razão, meu coração batia mais forte.

— Ele não quis dizer. Eu disse a ele que não queria mais namorar, então não entendo por que ele achou que eu ia ficar chateada.



Diane foi muito mais madura do que eu teria sido. Levantei-me e decidi que era hora de dar uma checada no ambiente. Erin Fitzgerald estava me contando sobre a peça da escola quando alguém tocou no meu ombro.

Eu me virei e quase perdi o fôlego. Ryan estava usando um lindo terno preto, com uma camisa azul-clara e uma gravata azul que faziam seus olhos se destacarem ainda mais.

— Oi, Penny. Você está muito bonita.

— Oi.

Notei que ele olhou para o meu decote e rapidamente desviou o olhar. Ele corou e limpou a garganta.

— É. Parece que vocês estão se divertindo bastante esta noite. Dá para entender por que decidiram vir juntas. — Ele se inclinou e colocou a mão na minha cintura. — Mas, cá entre nós, com todas as melhores meninas da escola vindo juntas à festa, ficou realmente difícil para nós, garotos, encontrar alguém legal para nos acompanhar.

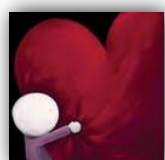
Ah, pelo amor de Deus! Só as típicas cantadas vazias de sempre, disse a mim mesma.

— Ah, você sabe... Precisamos fazer vocês suarem um pouco.

Dei um soco de leve no ombro dele, como se estivesse dando mole, mas acabei acertando-o com mais força do que pretendia.

— Ai! — Ryan exclamou. — Nossa Penny, quem ia imaginar que você fosse tão forte.

Ótimo, estava indo bem.



Olhamos um para o outro em silêncio enquanto a música mudava novamente para outra balada romântica.

Ryan passou os dedos pelo cabelo.

— É, Penny, você acha que suas acompanhantes iriam se importar se você dançasse comigo?

Antes que eu pudesse responder, ouvi aquela voz aguda e nasalada:

— Não, mas a SUA acompanhante sim.

Ryan ficou ainda mais desconcertado do que antes.

— Ah, oi, Missy. Não tinha certeza de que você ia voltar. Hum... você conhece a Penny, né?

Missy me olhou de cima a baixo de maneira desaprovadora. Por que ela estava tão furiosa? Ela colocou os braços em volta da cintura de Ryan, e tentei não rir quando o vi se contorcer um pouco.

— É, já ouvi falar de você. Seu pai não é um dos Rolling Stones ou algo assim?

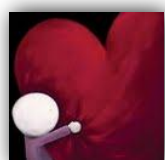
Ela só pode estar brincando.

— Meu nome é em homenagem a uma música dos Beatles, Penny Lane.

Missy me olhou como se eu fosse lunática.

— Que seja — ela disse, dispensando-me. — Ryan, adoro essa música, vamos dançar.

Ela agarrou Ryan pela mão e o arrastou para a pista de dança. Para uma criatura que não passava de um graveto de um metro e meio sem alma, ela

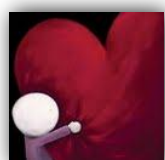


certamente tinha a força de cem jogadores de futebol americano.

A raiva e a indignação começaram a fervilhar dentro de mim. Parte de mim queria interromper os dois. Só para irritar Missy.

Mas eu não jogava mais esse joguinho. Eu estava com as minhas garotas.

Ainda que o fato de Missy ter vencido esse round realmente me tirasse do sério.



Revolution

“We all want to change the world...”

Todos querem mudar o mundo...



Dezoito

CHEGUEI À CONCLUSÃO DE QUE eles fazem as festas no sábado a noite para que o drama possa se dissipar no domingo e tudo seja normal na escola na segunda-feira.

Bem, assim que abri a porta do carro de Tracy na segunda de manhã soube que esse não ia ser o caso.

— Cale essa boca! — ela estava gritando.

Eu puxei a maçaneta com cuidado, esperando que o que quer que estivesse acontecendo fosse acabar quando eu entrasse.

— Você é ridícula — Mike gritou para Tracy quando entrei.

— Ah, e VOCÊ é um anormal — Tracy respondeu.

Ninguém pareceu notar que eu tinha entrado no carro.

— Hum, gente. — tentei chamar a atenção deles, mas não funcionou.

— Não é MINHA culpa se sua namoradinha estava se divertindo mais com a gente — Tracy disse enquanto saía com o carro.

— Só fique bem longe de mim, e bem longe de qualquer pessoa que eu conheça. Tenho muita vergonha de você ser minha irmã.

Tracy meteu o pé no freio.



— Então caia fora

Mike abriu a porta e começou a sair do carro no meio da rua.

— Tracy pode me dizer o que está acontecendo? Vá buscá-lo, ele não vai poder ir andando.

Ela agarrava o volante com força.

— Não.

— Ele vai se atrasar para a escola.

— Não estou nem aí.

— Está bem, pode ir parando. O que diabos está acontecendo?

Tracy continuou a dirigir e olhou fixamente para frente quando passamos por Mike.

— Ele de um ataque comigo, ontem, só porque a idiota da namorada dele passou a maior parte da festa com a gente, e não com ele.

— Serio? Quem é ela? — tentei repassar todas as meninas que tinham dançado com a gente, mas perdi a conta.

— A lourinha com aquela saia rodada lilás, fofa.

— Ah! Ela é a namorada do Mike?

Tracy fez que sim com a cabeça enquanto entrava no estacionamento.

— Bem, eu não vejo porque você e Mike têm que brigar desse jeito por isso.

Foi ele quem começou. Eu sabia que ele ia arranhar um jeito de arruinar nossa noite incrível. — Tracy deu um sorriso. — Serio, a gente arrasou na festa!



Todas as meninas ficavam dizendo que o acompanhante delas era uma droga, Você viu algum garoto se divertindo na pista de dança? Não, eles só ficam sentados juntos, falando sobre esportes... — Ela fez sua melhor imitação de Mike. — É isso aí, cara!

Ao entrarmos na escola fiquei tentando me convencer de que aquela seria apenas mais uma semana normal, de que eu não tinha nenhum motivo para ficar nervosa. Mas meu estômago dava cambalhotas cada vez que eu pensava em Ryan na festa, nas garras daquela monstrixinha. Decidi andar um pouco mais devagar que o habitual. Talvez ele não estivesse lá. Talvez eu pudesse simplesmente fingir que não estava com raiva. Talvez...

Quando virei no corredor em direção ao meu armário, vi Ryan tirando a jaqueta. Fiquei muito, muito aliviada ao perceber que não havia sinal Daquela Que Não Deve Ser Nomeada.

Comecei a destrancar meu cadeado e o vi se virar. Nossos olhos se encontraram. Ele sorriu e começou a dizer algo...

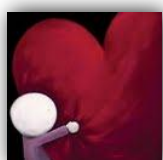
— Hum, Penny?

— Levei um susto e quase deixei cair minha bolsa. Virei e vi Eileen Vodak e Annette Ryan, ambas do primeiro ano, paradas atrás de mim.

— A gente, hum, a gente acha vocês muito legais, e foi tão divertido, hum, ficar com vocês na festa. — Eileen corou e começou a torcer nervosamente uma mecha do longo cabelo ruivo entre os dedos.

Ela estava conosco no sábado?

— A gente, hum, realmente admira vocês. O que você fizeram foi legal demais.



— Valeu — respondi em voz baixa, esperando que Ryan não ouvisse.

Annette cutucou Eileen com o ombro.

— Hum, é, estávamos pensando se seu clube é só para meninas do terceiro ano ou se vocês considerariam a hipótese de aceitar meninas do primeiro ano...

Olhei para Eileen por alguns segundo enquanto tentava compreender o que ela dizia.

— Quer dizer, sei que nós somos novatas, mas...

Arregalei os olhos quando me dei conta do que elas estavam pedindo.

— Claro. Quanto mais gente, melhor!

Os rostos de Eileen e Annette se iluminaram.

— Ai, superobrigada, Penny! É só dizer o que quer que a gente faça.

Eu não sabia nem o que *eu* estava fazendo.

— Tá, pode deixar.

Eu me virei novamente para o armário quando elas foram embora. Ryan fechou o dele e chegou mais perto.

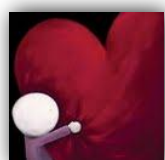
— Oi, você.

— Oi.

Seu eu apenas pudesse controlar minha vontade de sacudi-lo e perguntar o que diabos ele tinha pensando ao levar aquela criatura desprezível para a festa...

— Ei, Penny.

Eu me virei quando Jen e Amy se aproximaram. Sorri para Ryan, pedindo



desculpas, mas fiquei feliz por poder desviar minha atenção. Ele fez um gesto de cabeça e oi para a aula.

— Algumas meninas do time que foram acompanhadas à festa me ligaram para falar sobre o clube — disse Jen. — Acha que podemos aceitar mais algumas integrantes?

Enquanto eu ia para a aula de espanhol, não pude deixar de notar quantas garotas me disseram “oi”

— *Hola*, Margarita — Todd me cumprimentou quando me senti.

— *Hola*. — Peguei meu livro de espanhol e abri no capítulo novo.

Todd se inclinou na direção da minha carteira.

— Ei, Penny, qual foi a do seu desfilezinho de meninas no sábado à noite?

— Bem, Nós nos divertimos muito. Não vejo qual é o problema. — Eu estava começando a ficar um pouco na defensiva.

— E qual é a da Diane, com essa historia de não ser mais líder de torcida? — Ele começou a balançar a cabeça. — tem umas paradas estranhas demais acontecendo.

— Não é *tão* estranho assim. Enfim. Como foi sua noite com a...

— Hilary — ele completou com raiva.

— Ah, é, Hilary! Ela é muito legal, você deve ter se divertido.

Tentei animá-lo um pouco, pois era estranho não ver Todd fazendo as brincadeiras de sempre.

— Não sei, ela passou a maior parte da noite com vocês.



Ah, é verdade.

Todd abriu o caderno e fingiu estar muito interessado em suas anotações.

Esse comportamento não era nem um pouco normal.

Eu tinha certeza de que ele logo superaria isso. Realmente não era algo tão importante.

— Por que você se importa com o que o Todd Chesney acha? — Tracy perguntou enquanto nos juntávamos a Jen e Amy na nossa mesa de almoço de sempre.

— Não é só ele: estou sentindo vibrações esquisitas vindas dos garotos o dia inteiro. — Joguei minha sacola de almoço em cima da mesa. — E varias garotas vieram me dizer coisas legais.

— Eu sei, não é demais? — Tracy respondeu.

— Oi, meninas, tudo bem se a Kara se sentar com a gente? — Morgan perguntou, com Diane e Kara atrás dela.

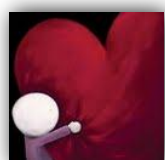
— Claro — Tracy respondeu. — É bom ter você de volta, Kara.

Kara ficou vermelha.

— Bem, vocês disseram que eu podia voltar quando eu estivesse pronta...

Tracy arregalou os olhos.

— É claro. Bem-vinda ao lado negro da força. — Ela riu — Acho que a gente devia juntar outra mesa, para ter mais espaço.



Em seguida, Teresa Finer e Jessica Chambers pediram para se sentar com a gente. Logo nossa mesa estava cheia de meninas que tagarelavam sobre a festa. Teresa contou que seu acompanhante tinha se atrasado quarenta e cinco minutos acabou sendo no *drive-thru* do Burger King. E o par de Kara passou a noite toda dando em cima de outra garota.

— Você estavam certas. — Kara balançou a cabeça e brincou com o cabinho da maçã que comia.

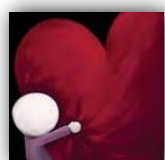
— Não tem relação com estar certo ou errado, mas com estar com pessoas que são valor a gente — Diane disse. — Fico muito feliz por você estar aqui, Kara.

Kara riu e deu uma mordida na maçã.

— Então, basicamente, eu tive as melhores companhias na festa — disse Tracy.

Enquanto Diane, Jessica e Jen discutiam planos de jogar basquete no fim de semana, não pude deixar de ficar impressionada ao ver como Diane não mostrava absolutamente nenhuma hesitação em falar de sua grande mudança. Não havia nenhum remorso nem arrependimento — ela sabia que estava tomando a decisão certa, mesmo se no fim das contas acabasse não entrando para o time.

Parecia que agora tínhamos nosso próprio time.



Dezenove

As coisas chegaram ao ponto de eu não fazer mais idéia de quantas meninas iriam a reunião em minha casa no sábado a noite. Claro, muitas tinham dito que iriam. De acordo com Tracy, a namorada de Mike, Michelle, até dera o fora nele só para poder ir. Ele, por sua vez, agora pegava carona com outra pessoa para ir a escola. Fiquei arrasada — eu não queria que Mike sofresse, mas se Michelle estava disposta a dispensá-lo por causa de algo como o clube, havia grandes chances de que o relacionamento dos dois não fosse durar, de qualquer maneira.

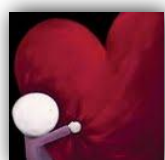
— Está tudo bem, filhota? — papai perguntou, pouco antes de as meninas chegarem. Mamãe tinha saído sozinha, pois ele estava se recuperando de um resfriado. — Se estiver achando que vou atrapalhar, não se preocupe. Fiz um chá, peguei o jornal e vou ficar quietinho no meu quarto.

— Estou bem, pai. Só um pouco preocupada com a quantidade de gente que vai aparecer aqui hoje a noite.

— Penny Lane, sua mãe e eu estávamos muito orgulhosos de você, então não se preocupe com quantas pessoas vão aparecer. Marisa Klein foi fazer uma limpeza nos dentes hoje e me contou o sucesso que você e o Clube dos Beatles estão fazendo na escola.

— Pai, eu já...

— Eu sei, eu sei. — ele levantou as mãos. — Estou orgulhoso de você, filhota, de qualquer jeito.



A campainha tocou e fui abrir a porta.

— Você vai lá pra cima e se cuide — gritei enquanto ele ia em direção a escada.

Tracy e Diane foram as primeiras a chegar.

— Essa noite vai ser muito divertida! — Diane disse.

Olhei para fora, e atrás dela, vi uma fila de carros estacionando. Jen e Amy levaram Jessica Chambers e Teresa Finer. Atrás do carro delas, Maria Gonzales, acompanhada de Cyndi Alexander, parava sua caminhonete.

— Oi, meninas. Entrem.

Fomos lá pra baixo e a campainha tocou novamente: Hilary Jacobs, Christine Murphy, Meg Ross e Karen Brown.

Depois de novo: Jackie Memmott e Marisa Klein, com Erin Fitzgerald e Laura Jaworski, do ultimo ano.

E de novo: a agora ex-namorada de Mike, Michelle e Eileen Vodak e Annette Ryan — as representantes do primeiro ano.

E de novo: Morgan e Kara, com Paula Goldberg fechando o grupo.

Fui para o porão e não pude acreditar que houvesse mais de vinte meninas da McKinley sentadas ali — meninas do primeiro, do segundo, do terceiro e do ultimo anos.

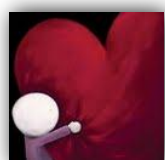
Todas olhavam. Eu então percebi. Elas esperavam que eu dissesse alguma coisa. Tinha pensado que fossemos apenas ver um filme ou algo assim e comer pizza.

— É isso aí, Penny! — Hilary gritou, e começou a aplaudir.

O porão explodiu em palmas e gritos. O que eu tinha começado? Eu me virei esperando ver alguma celebridade entrando.

— Shhhhhh! Deixem a Penny falar.

Quem dissera isso? Eu não fazia idéia do que as pessoas estavam esperando.



Abri a boca e rezei pelo melhor.

— Valeu, valeu por terem vindo. Hum, estou um pouco surpresa com quantas pessoas apareceram. Não sei muito bem o que você esperavam ao virem aqui, mas...

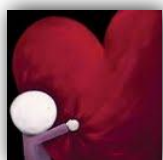
Olhei para Diane e Tracy em busca de ajuda, e elas estavam sorrindo para mim. Eu podia perceber que elas confiavam plenamente em mim. Queria poder dizer o mesmo.

— Eu realmente não sei por que todo o mundo decidiu vir aqui esta noite. Acho que tudo o que posso dizer a vocês é por que estou aqui... bem, além do fato de que moro aqui. — Todas riram, e eu respirei fundo. — Para ser sincera, estou cansada de tudo. Os joguinhos... os garotos... tudo. Duvido que haja aqui alguma menina que nunca tenha ficado obcecada imaginando se aquele garoto iria ligar, ou se teria companhia para ir a uma festa. E por causa da pressão para fazer isso e aquilo com um garoto, acabamos nos conformando com alguém que não vale a pena. E, quando *realmente* encontramos um carinha que pensamos ser especial, esquecemos as amigas. — Tentei não olhara para Diane. — Ou então mudamos alguma coisa em nós mesmas para agradar a um garoto, em vez de fazer o que nos deixa feliz ou o que sabemos que é certo. Por que fazemos isso? Por que nos damos o trabalho? — Senti meus nervos se acalmarem quando vi todas as meninas concordando. — Sei que algumas pessoas vão pensar que estou sendo pessimista, mas é serio: vamos analisar a população masculina da McKinley. — O riso tomou conta da sala. — Não é como se tivéssemos uma grande fartura de garotos decentes para escolher!

Algumas pessoas gritaram:

— Apoiada! Muito bem!

— Então, não estou dizendo que temos de abrir mão dos garotos para o resto da vida. Não sou *tão* maluca assim. Mas acho que não devemos nos conformar,



acho que prefiro passar meus últimos dois anos na McKinley me divertindo com minhas amigas. E os garotos só iriam atrapalhar isso. Se olharem em volta vão ver que tem um grupo de pessoas incríveis aqui está noite, um perfeito sistema de apoio. Podemos fazer qualquer coisa, se ficarmos juntas. Só precisamos acreditar em nós mesmas. E merecemos tudo o que quisermos. Se uma de nós decidir ir atrás dos próprios sonhos, não importa o que os outros achem disso — pisquei pra Diane —, vamos ficar do lado dela. Então, tudo o que estamos pedindo é que as integrantes do clube coloquem a si mesmas e as amigas na frente de um garoto. Todo sábado a noite, temos um encontro marcado. Precisamos nos apoiar para nos lembrarmos de como somos especiais. E a melhor parte? Não temos de aturar mais nada dos garotos!

Amy se levantou.

— À Penny!

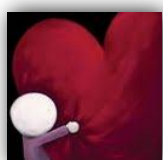
— Não! — eu protestei. — Esse clube não diz respeito só a mim, mas a todas *nós*. Ao Lonely Hearts Club!

O porão se encheu de gritos de comemoração. Diane foi até o som e pôs para tocar os únicos garotos que tinham permissão para entrar naquela reunião: os Beatles.

— Sabe, Penny — Diane me disse, mais alto que a musica —, se eu soubesse que ser dispensada por meu namorado teria uma influencia tão boa sobre as outras pessoas, teria feito com que Ryan me desse o fora há muito mais tempo.

Comecei a rir. Não fazia idéia se era a euforia por causa do clube, a musica ou apenas o senso de humor de Diane, mas por alguma razão aquela foi a coisa mais divertida que ouvi na vida.

— Do que vocês duas riem tanto? — Tracy perguntou, sacudindo os quadris no ritmo da musica. Ela bateu o quadril no meu e eu quase cai. — Tem idéia do que acabou de começar, Srta. Penny Lane? Por conta da própria, acabamos de mudar



toda a estrutura social da McKinley High. Sabe o isso significa?

Eu nunca tinha pensado nas coisas desse jeito.

— O quê?

Ela sorriu.

— Bem, se antes achávamos que os garotos eram uns babacas, pode acreditar que de agora em diante eles estarão a *quilômetros* de distancia de nós.

Nós três nos olhamos antes de voltarmos a rir.

Se ficar solteira pelo restante da minha existência escolar fosse ser assim, eu não ia me importar nem um pouco.



Vinte

— OI, PENNY, É O RYAN.

Olhei para o número do meu celular. Por que Ryan estava me ligando? Era terça a noite, e o vira na escola algumas horas antes. O fato de desde a festa só termos conversado superficialmente fazia com que fosse ainda mais estranho ouvir a voz dele agora.

— Alô? Penny?

Fale! Diga alguma coisa!

— Ah, é... Oi, Ryan, e aí?

— Tudo certo. Eu estou com uma dúvida sobre a aula de história. Acho que anotei errado o número do capítulo que precisamos ler. É o doze?

— Espere aí, que eu vou checar... — Tive de correr até minha escrivaninha para pegar o livro. — Droga! — Uma onda de dor veio do meu dedão esquerdo quando bati com ele no pé da cadeira. Que ótimo. — É, capítulo doze.

Houve uma pausa do outro lado da linha.

— Você está bem?

Aparentemente eu não estava bem.

— Estou, estou ótima, só dei uma topada com o dedão...

— Ah, tá. Valeu, Penny. — Outra longa pausa. — Na verdade, tem outra coisa que eu queria perguntar... É que meus pais compraram ingressos para assistir a uma banda que vai fazer um tributo aos Beatles no Civic Center daqui a algumas semanas, mas depois se tocaram que vão ter de sair da cidade para ir a um



casamento, então iam ver se algum amigo deles queria os ingressos, mas eu pensei que talvez fosse legal ir... se você quiser.

Ryan falava muito mais rápido que de costume, então demorei um momento para entender o que ele estava perguntando.

Ele não estava me convidando pra sair, estava?

Claro que não. Isso seria idiota. Ele estava namorando aquela coisa baixinha de cabelo encaracolado.

Eu era amiga dele. A amiga dele com nome de uma música dos Beatles, nada mais. Fazia sentido ele me convidar para um não encontro para ver uma banda inspirada nos Beatles.

— Alô? Penny?

Opa.

— Hum, parece ótimo.

Eu ainda podia ser amiga de garotos. Ryan e eu sempre fomos amigos, e de jeito nenhum ele me veria de outra maneira. O que ele tinha dito na festa do Paul? “Eu nunca faria nada com ela”.

— Legal — ele disse. — Diane me falou que seus pais são contra essas bandas que fazem tributos ou algo assim, mas ela achou que você fosse gostar.

Diane sabia! Por que ela não tinha me dito antes que Ryan iria me convidar... para... um tipo de evento social?

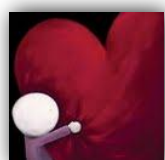
Limpei a garganta.

— Acho que vai ser divertido. Valeu por pensar em me convidar.

— Claro! Achei que seria bacana ver um tributo aos Beatles com ninguém menos que a própria Penny Lane.

Argh.

— Então acho que podemos combinar os detalhes depois, mas pensei que a



gente podia ir para cidade um pouco mais cedo e comer alguma coisa antes do show. O que você acha ?

— Parece ótima a ideia,Ryan. A gente se vê amanhã.

Eu desliguei e fiquei olhando para o celular.

Então me toquei. Eu tinha aceitado ir ao show de uma banda de tributo aos Beatles com Ryan Bauer. Agora teria de contar para a pessoa que iria odiar completamente essa ideia.

— Ah,Penny Lane,não,não,não. Estou tão decepcionada com você !Como pôde fazer isso ?

Ia ser mais difícil do que eu imaginara.

Sentei-me à mesa da cozinha.

— Poxa,mãe,não tem nada de mais !

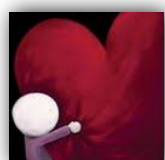
Mamãe apoiou a xícara de café na mesa e olhou para mim como se eu tivesse duas cabeças.

— Penny Lane,essa não é a educação que seu pai e eu demos a você. Ir ao show de uma banda que não passa de uma imitação barata ?É simplesmente ... Dave,dá para me ajudar aqui ?

Papai parou de se esconder atrás do jornal e o pôs na mesa

— Becky,não acho que seja necessariamente uma coisa ruim.Pelo menos ela esta interessada em aprender sobre o legado.E acho que deveríamos confiar em que Penny Lane sabe o que ela vai ouvir não é nada,se comparado à banda verdadeira. Lembra-se de como ela ficou envergonhada com o massacre na formatura da Lucy ?

Sim,eu tinha ficado mortificada na formatura da Lucy,mas infelizmente meus pais tinham sido a arma de humilhação em massa. Um pobre formando cantou uma versão não muito agradável de “Yesterday”, e meus pais quase se retiraram do auditório. Eles até mesmo se recusaram a aplaudir. Não teria sido tão ruim se os



pais do garoto não estivessem sentados bem ao nosso lado,filmando a coisa toda. Tenho certeza de que eles devem ter gostado de ver o vídeo com os comentários dos meus pais ao fundo:"Eca,completamente errado ... Por que as pessoas sentem a necessidade de mexer em um clássico... Só existe um Paul McCartney,e você ,garoto,não é ele."

— Ah,é,pai,foi horrível.

Eu me levantei e comecei a tirar a louça da lavadora. Pensei que talvez isso ajudaria a melhorar o humor da minha mãe.

— O que você acha Becs? — Papai esticou o braço por cima da mesa e apertou a mão dela.

— Ah,tudo bem ... — Mamãe parecia derrotada.

Tentei não rir enquanto abria o armário de cima para guardar os copos.

— Ah,se anime. Esqueceu de que teremos hospedes daqui a algumas semanas? — Papai estava tentando fazer mamãe sorrir.

— É verdade!Penny Lane,esquecemos de contar,temos noticias maravilhosas:os Taylors vão passar o feriado de Ação de Graças aqui em casa. Não é ...

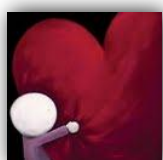
Tentei piscar algumas vezes para recuperar o foco enquanto sentia o copo escorregando da minha mão. O copo se espatifou no chão. Levantei o olhar e vi meus pais me encarando,surpresos.

Eles não tinham acabado de dizer ...

— Ah, Penny! — Mamãe se levantou e pegou uma vassoura e uma pá de lixo na despensa. Eu fiquei paralisada enquanto ela começava a limpar o vidro em volta de mim. — O que deu em você ?

Eu não poderia nem começar a explicar.

Só poderia ser um pesadelo.



Vinte Um

EU AINDA ESTAVA EM ESTADO DE CHOQUE na manhã seguinte. Fiquei sentada do lado de fora, completamente entorpecida, enquanto esperava Tracy passar para me buscar. Depois das notícias horrendas da noite anterior, precisava mais que nunca de minha melhor amiga.

O carro de Tracy virou na Ashland, e eu praticamente corri para a rua.

Sem que ela tivesse parado completamente, abri a porta e sentei-me no banco do passageiro.

— Nossa! Alguém está ansiosa para chegar à escola — Tracy observou.

— Você não vai acreditar no que aconteceu ontem à noite! — Minha voz tremia, à beira de um completo ataque de nervos.

— Calma aí, o que diabos está acontecendo, Pen? Depois de tudo o que aconteceu nas últimas semanas, tenho certeza de que não de que não pode ser assim tão ruim.

— Ah, sério, sério, acho que você vai querer parar o carro para ouvir essa.

Tracy parou o carro e contei a notícia. As palavras pareciam estar fermentando dentro de mim havia semanas, e não horas.

— O QUÊ?!!! Como assim você não me ligou?



— Eu deixei umas catorze mensagens.

Tracy pegou a bolsa e começou a xingar enquanto ligava o celular.

Eu continuei.

— Eu só, eu só... É tão horrível... Não quero ver a cara dele de novo. O que vou fazer? — Meus olhos estavam começando a se encher de lágrimas.

— Você quer dizer além de matá-lo? O que exatamente seus pais disseram? Você contou a eles que esse cretino não é bem-vindo na casa?

Balancei a cabeça.

— É claro que não disse isso. Você sabe que meus pais não fazem ideia do que aconteceu nesse verão com Nate. Às vezes tenho certeza de que eles não têm a mínima noção de nada.

— Tá, me diga em linhas gerais o que aconteceu, e depois vou convocar uma reunião de emergência do Lonely Hearts Club na hora do almoço para ajudarmos você.

Eu não só estava tendo a pior manhã da minha vida, como também, se continuasse desse jeito, repetiria o ano na escola.

Por sorte, Tyson tinha sido designado meu parceiro de laboratório para dissecação de uma feto de porco, e parecia saber tanto de biologia quanto sabia de punk rock. Eu devia estar muito nervosa, porque até ele percebeu que havia alguma coisa errada comigo.

— Ei, está tudo bem? — ele perguntou, desviando o olhar do roteiro da aula.



Eu fiz que sim vagamente.

— Então, acha que a gente devia dar um nome a ele?

Eu não fazia ideia do que ele estava falando.

— O quê?

Ele sorriu. Fiquei surpresa ao perceber que tinha dentes bonitos.

— O que você acha: devíamos dar um nome a ele? — Tyson fez um gesto indicando o feto de porco que estava na bandeja de dissecação.

— Ah, claro.

— Bem — Tyson se inclinou e começou a examinar o porquinho —, estava pensando em Babe ou Wilbur.

Olhei para ele surpresa.

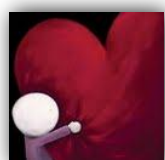
— O que foi? Achou que eu fosse querer chamá-lo de alguma coisa tipo Slash ou Killer?

Não consegui deixar de rir. Era exatamente o que eu estava pensando.

— Gosto de Wilbur. — Olhei para o pobre porquinho em conserva.

— Então vai ser Wilbur. — Tyson pegou uma caneta e escreveu o nome na bandeja.

Quando as aulas da manhã terminaram, num átimo catei meus livros e praticamente saí correndo da sala, esbarrando em metade da turma. No caminho para o refeitório, o corredor era um mar de gente conversando e de portas de armário batendo.



Quando cheguei lá, vi Jen e Tracy arrastando mesas ao fundo.

— Acho que vamos ter muita gente hoje — Tracy disse, puxando algumas cadeiras.

Agora mais gente se sentava à nossa mesa que nas das líderes de torcida e dos atletas.

Todas começaram a chegar rapidamente. E sorriram para mim ou me deram um abraço antes de se sentar.

Depois de alguns minutos, a mesa ficou em silêncio, e notei que elas me observavam com olhares encorajadores.

— Bem, acho melhor começarmos. — Coloquei meu sanduíche em cima da mesa e me inclinei para mais perto, de modo que todas pudessem me ouvir.

— Primeiro, valeu mesmo por você terem vindo me apoiar. Eu preciso de verdade de todas a ajuda que puder conseguir. — Olhei para os rostos das minhas amigas, antigas e novas. Respirei fundo antes de começar a contar minha história.
— Hum, acho que algumas de vocês devem se lembrar do Nate....

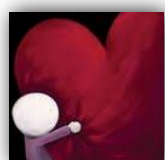
Aparentemente, elas de fato se lembravam, pois ouvi um burburinho na mesa e consegui identificar as palavras *idiota*, *babaca* e *cretino*.

— Bem, ontem à noite meus pais jogaram a bomba: ele e a família vão passar o feriado de Ação de Graças lá em casa. Boom!

Hilary levantou a mão.

— Hum... Hilary?

— Por que não conta a seus pais o que aconteceu? Provavelmente eles iriam entender e desconvidar o imbecil e os pais dele.



— Pensei nisso, mas o Sr. Taylor é um dos amigos mais antigos de meu pai. Não quer que papai saiba que o filho do amigo dele é um total e completo babaca.

Jackie Memmott levantou a mão em seguida.

— Meninas — eu disse, não estamos na sala de aula. Não precisam levantar a mão.

Jackie abaixou a mão e pareceu realmente constrangida.

— Foi mal, Jackie, você ia dizer alguma coisa?

— Se quiser, pode passar o feriado com minha família, Penny.

Um coro de “com a minha também” irrompeu do grupo. Essa era toda a prova que eu precisava de que, não importava o que acontecesse, eu ficaria bem.

— Obrigada mesmo, a todos vocês. Acho que talvez eu esteja exagerando um pouco. Provavelmente será bom pra mim ver o Nate; afinal, nunca terminamos as coisas direito. Eu basicamente sumia quando ele estava pela casa.

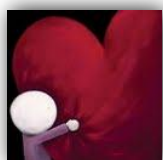
— Ei, Pen, adoraria ajudar você a terminar as coisas. Quer dizer, se com *terminar* você quiser *acabar com a rala dele* — Tracy disse.

Comecei a relaxar. Além disso, talvez Tracy estivesse certa. Eu não iria usar violência, mas não deixaria passar a oportunidade de pôr os pingos nos is.

— Está bem, chega de falar de mim! Alguém mas tem algum problema, relacionado ou não com garotos?

Jen levantou rapidamente da cadeira.

— Na verdade, tenho! — Ela gesticulou para Jessica e Diane. — Muitas de vocês devem saber que o time de basquete feminino está precisando



desesperadamente de uniformes novos. E como, ao que parece, toda a verba esportiva da escola é destinada aos esportes masculinos, precisamos organizar algum evento para arrecadação de fundos. Queríamos imaginar algo diferente este ano, em vez de lavar carros ou toda aquela coisa terrível de vender doces. Então o que você acham de fazermos uma noite de caraoquê, para juntarmos dinheiro?

Erin Fitzgerald gritou:

— Adorei essa ideia, Jen, sensacional!

Ninguém ficou surpreso com a reação de Erin, já que todos na escola sabiam que tinha a melhor voz da McKinley e adorava qualquer chance de mostrar isso.

— Valeu, mas vocês acham que as pessoas participariam? — Jen perguntou.

— Pagar a entrada e um dólar por musica pra cantar na frente de outras pessoas?

— Erin levantou a mão. — Alguém além de Erin?

— Podemos cantar em grupos? — Amy perguntou.

— Não vejo por que não. — As meninas começaram a conversar entre si, cutucando-se umas às outras, animadas, enquanto discutiam sobre as músicas. Jane pareceu esperançosa. — Tá legal, vamos fazer um caraoquê, então. Só me prometam que vão ajudar e começar a cantar, se as pessoas amarelarem.

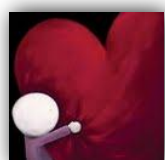
Erin ficou de pé.

— Prometo que vou ser a primeira da fila. Mal posso esperar!

— Então, Diane, como estão os treinos? — Amy perguntou.

Diane sorriu.

— Bem, as pessoas têm me olhar de forma um tanto esquisitas nos últimos dias porque... — Ela suspirou, se levantou da cadeira e colocou o pé em cima da



mesa.

Tracy engasgou.

— Diane, você ta usando *tênis*?

— Estou! Estou oficialmente dolorida e não consigo usar salto alto. Acho hilário vocês não terem notado. Estou uns dez centímetros mais baixa!

— Eu sabia que tinha algo diferente! — Tracy gritou.

— Ah, mas isso não é a única coisa. — Diane fez uma cara maliciosa ao abrir a bolsa que trazia o almoço e tirar de dentro um pedaço grande de pão. — Estou comendo carboidratos complexos!

— Minha Nossa Senhora! — Tracy arregalou os olhos. — É como se você fosse outra pessoa.

Diane jogou um guardanapo nela.

— Não, só estou com fome, por causa dos exercícios. É incrível, meninas, Estou tão animada!

— Ela com certeza conseguirá uma vaga no time — Jen decretou. — Meg, você precisa escrever um perfil da nossa mais nova jogadora.

Meg Ross sorriu.

— Bem, tem mesmo uma coisa que eu gostara de discutir com todas vocês na reunião de sábado, mas tenho prazos a cumprir, então nada como ir direto ao ponto. Como algumas de vocês sabem, sou diretora de Estilo de Vida do *McKinley Monitor* e, hum, queria escrever um artigo sobre o Lonely Hearts Club.

Ah, meu Deus, não. Não tinha certeza se conseguiria lidar com ainda mais



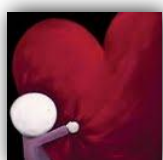
drama na minha vida. O jornal da escola?

Meg continuou:

— A história do clube já está começando a se espalhar pela escola e um monte de gente não entendeu direito do que se trata. Acho importante darmos a nossa versão dos fatos. O que acham?

Meg olhou diretamente para mim quando fez a pergunta, e percebi que só podia haver uma resposta.

O Lonely Hearts Club viria a público de maneira estrondosa.



Vinte e Dois

Meg passou aquele sábado entrevistando as integrantes do clube para o artigo que ia escrever. Mas queria me entrevistar separadamente, assim como a Tracy e a Diane.

Embora eu fosse cem por cento comprometida com o clube e não pudesse estar mais feliz com nosso sucesso, a escolha do momento para aquela entrevista não poderia ter sido pior. Os olhares que recebíamos da população masculina da McKinley High e das meninas que não faziam parte do clube estavam ficando cada vez mais estranhos. Todd simplesmente parara de falar comigo.

— Então você se considera feminista? — Meg perguntou depois que eu tinha explicado sobre o clube.

— Hum, acho que sim.

Boa resposta.

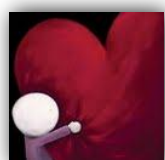
Eu sabia que precisava começar a me concentrar na entrevista. O clube era importante demais para mim, e eu realmente queria que ele fosse retratado como algo positivo.

— É melhor você só estar dizendo coisas boas sobre mim — Tracy interrompeu ao entrar no quarto. — Já é a minha vez?

Meg desligou o gravador.

— Eu só preciso pegar outra fita. Já volto.

Durante uma semana eu evitar contar a Tracy o-que-quer-que-fosse sobre o Ryan. Quando Meg saiu do quarto, pareceu um bom momento.



Depois que contei, perguntei:

— Então o que você acha?

— Parece legal, Pen. Não é um encontro nem nada do tipo, é?

— Tá brincando comigo? Não, Tracy. É só um show. Nada de importante.

— É, eu sempre gostei do Ryan. Não entendo como ele ainda não começou a namorar outra garota.

— Bem, ele foi a festa com a Missy...

— Penny, eles não estão *namorando*. Ele só a levou a festa. Ele está cem por cento solteiro e disponível.

Meu coração parou, enquanto Tracy continuava:

— Cara, eu devia falar com a Meg sobre escrever uma coluna de fofocas ou algo assim para o *Monitor*. Odeio pensar em como você ia ficar sem meus conhecimentos sobre o que está rolando entre os alunos. Enfim, você não vai acreditar no que aquelas duas pestes fizeram comigo ontem enquanto eu cuidava deles...

E assim acabou a conversa. Eu não tinha nada com que me preocupar. Seriam apenas dois colegas de colégio indo a um show a noite. Nada mais.

Diane parecia que ia vomitar.

— Vai ficar tudo bem. — Fiz o que pude para encorajá-la.

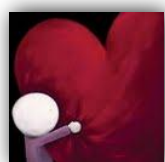
— Ah, meu Deus, meu Deus, meu Deus! — Ela caminhava pelo corredor, as mãos estavam fechadas em punhos.

Tracy e eu trocamos olhares preocupados.

Diane escorregou para o chão.

— Ode eu estava com a cabeça?

Eu me sentei ao lado dela. Tracy se afastou um pouco com Jen para nos dar privacidade.



— Diane. — Passei um braço em volta dela — Não consigo acreditar em quanto você mudou nas ultimas semanas, deveria estar orgulhosa. Não importa o que aconteça.

Olhamos para cima e vimos a treinadora Ramsey abrir as portas do ginásio e andar lentamente em direção ao quadro de avisos. Um grupo de meninas abriu uma passagem estreita para ela e rapidamente fechou o círculo depois que ela afixou a folha de papel.

— Quer que eu veja? — perguntei.

Diane observou enquanto varias meninas pulavam sem parar, comemorando. Tracy foi até lá e examinou a lista. Ao caminhar de volta para o ginásio, a treinadora Ramsy passou por nós, parou e se virou.

— Bem-vinda ao time, Monroe.

Diane arregalou os olhos.

— Quer dizer...

— É claro que você entrou para o time! — Tracy não podia mais se conter. — Você está na bendita equipe *principal*, Diane!

Diane se levantou de um pulo, correu até o quadro de avisos e leu a lista de convocação.

— Eu... Eu... — Ela se virou para nós. — Eu consegui! Caramba, eu consegui!

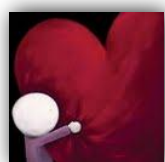
— Ela correu e me deu um abraço gigantesco.

— Parabéns, a gente sabia que você iria conseguir! — Eu estava praticamente gritando, de tão feliz por ela. — Tudo bem, meninas, podem vir agora.

Um grupo de meninas correndo, gritando e segurando cartazes de “Parabéns, Diane” veio pelo corredor.

— O que está acontecendo? — Diane perguntou, surpresa.

— Você não queria que fizéssemos nada pois poderia acontecer de você não entrar para o time, mas é claro que todo mundo queria estar aqui para dar uma



força.

Laura mostrou orgulhosa seu cartaz de “Mandou bem, Diane”, e depois o virou rapidamente, para mostrar a outra opção: “Que se danem, eles não sabem o que estão perdendo.” Ela piscou para Diane.

— Uma garota precisa estar preparada!

Diane foi engolida por um enxame de meninas que queriam cumprimentá-la, incluindo suas companheiras de time.

Tracy colocou o braço em volta de mim.

— Nossa menininha cresceu! Você imaginava que isso fosse acontecer um dia? — ela perguntou.

Eu balancei a cabeça.

Nem nos meus sonhos mais loucos.

— Extra! Extra! Leia tudo sobre nós! — Meg me cumprimentou em frente ao meu armário no intervalo das aulas de segunda e me entregou uma cópia do *McKinley Monitor*.

Eu peguei o jornal, e meus olhos foram direto para a manchete sobre o Clube e uma foto nossa na *primeira* página.

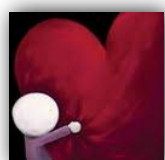
— Ah, eu não sabia que teria tanto destaque — comentei enquanto tentava não ter um ataque de pânico.

Corri para o banheiro das meninas, chequei os reservados, para ter certeza de que estava sozinha, e me sentei. Era mais ou menos a história básica que eu já considerava bastante velha... até que eu cheguei ao final.

Rumores sobre o clube tem circulado pela escola nas últimas semanas, especialmente entre os garotos da McKinley.

“Todo aquele estrogênio junto não pode ser bom”, afirmou o aluno do terceiro ano Todd Chesney. “Só acho que essa coisa de não namorar é uma palhaçada.”

“Não notei nenhuma grande mudança nas meninas da escola, só que elas estão um



pouco ocupadas demais para sair”, acrescentou o aluno do ultimo ano Derek Simpson.

Apesar da preocupação da população masculina da McKinley High, parece que o Lonely Hearts Club não vai diminuir o ritmo tão cedo.

“Estou muito animada para ver o que vai acontecer”, disse Bloom. “Realmente não parece haver um fim a vista.”

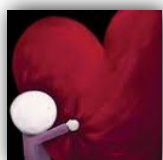
Uma coisa é certa: esta repórter espera ansiosamente seu encontro marcado todo sábado a noite, graças a Penny Bloom e seu coração solitário.

Eu fiquei olhando para as ultimas palavras:

Penny Bloom e seu coração solitário.

Meu estomago se contorceu quando finalmente me dei conta de que a escola inteira iria ler aquilo. *A escola inteira.*

O que as pessoas pensariam de mim depois disso?



Vinte e Três

EU ME SENTIA DESSECADA. Estava exposta. Então achei muito apropriado estar na aula de biologia, dissecando nosso porquinho, quando Tyson, meu discreto parceiro punk-rocker de laboratório, disse:

— Hum... Penny. Tem uma coisa, hum, sobre a qual queria conversar com você. — Ele se recostou na cadeira e ficou olhando para as próprias mãos. — Bem, eu li sobre aquele seu clube no jornal. É verdade que quem faz parte dele não pode namorar ninguém?

— Bem, é, mas o clube é mais do que isso — respondi.

Pela primeira vez, Tyson me olhou diretamente nos olhos.

— Sabe, nem todos os garotos da escola são imbecis.

Eu fui pega de surpresa.

— Eu não acho...

Ele colocou o cabelo atrás da orelha.

— Talvez alguns de nós mereçam uma chance.

Eu comecei lentamente a fazer que sim com a cabeça.

— Sabe, é muito difícil para um cara reunir coragem e chamar uma menina pra sair.

Eu olhei para a mesa, sem saber exatamente o que dizer em seguida.

— Eu ia finalmente fazer isso e aí li o artigo. E agora é inútil, porque a Morgan não pode nem sair com um garoto.

Fiquei de queixo caído e me virei para onde Morgan e o seu parceiro de



laboratório liam o roteiro da aula.

— Não olhe! — Tyson disse rapidamente, afundando na cadeira.

Ai. Meu. Deus

O Tyson gostava de Morgan. Por que ele não tinha dito isso antes?

— Esqueça o que eu disse. — Ele abriu o caderno e começou a escrever energicamente alguma coisa.

Olhei por cima do seu ombro e vi que havia palavras por toda folha — provavelmente a letra de uma música. Queria arrancar-lhe o caderno das mãos e ler o que estava escrito ali. Eu já reparara em Tyson enquanto ele escrevia coisas antes, mas achava que estivesse apenas fazendo apenas rabiscos sem sentido ou escrevendo várias vezes o nome de sua banda. Mal sabia eu que Tyson colocava no papel o que estava em seu coração.

Andei atordoada até o refeitório. Enquanto esperava na fila, decidindo entre pizza e nuggets de frango, ouvi aquela voz aguda irritante.

— Ai MeuDeus! Que ridículo!

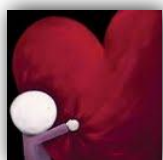
Missy estava parada ao meu lado com algumas aspirantes a Missy.

Peguei uma fatia de pizza e uma garrafa de água e fui para o caixa. Ela me seguiu bem de perto.

— Meninas, vejam só, é a Penny solitária. Onde está o seu grupo de fiéis seguidoras, Penny? — Ela virava a cabeça de um lado para o outro exageradamente, como se procurasse por todo o refeitório. Então olhou para mim, seu bando dando risinhos atrás dela. — Você só deixa pessoas ridículas entrarem para o seu clube?

Revirei os olhos e tentei passar, mas ela bloqueou o caminho.

— Você está realmente falando sério? — perguntei de volta. — Qual é o seu problema? — Mais pessoas nos observavam agora.



Missy arregalou os olhos, tentando parecer inocente.

– Problema?Moi? Não, não, só acho muito triste você ser tão solitária...

As missyletes bateram as mãos espalmadas, comemorando.

– Isso é ridículo...

Tentei me virar, mas Missy segurou meu ombro.

– O que foi ? Não posso entrar para o seu clube? Ah, espere, não posso, porque na verdade os garotos querem sair comigo.

Uma voz veio de trás mim.

– Você não pode entrar porque só aceitamos pessoas que tenham Q.I. – Missy largou meu ombro, e me virei e vi Diane em pé, de braços cruzados.

– E em geral preferimos pessoas com identidade própria. Bela blusa, Missy.

– Diane fez um gesto apontando o suéter de gola redonda e laço na cintura que Missy estava usando. – Isso é tão eu dois anos atrás!

Achei que ela fosse parar por aí, mas então Diane chegou mais perto de Missy e disse:

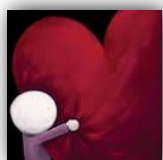
– Pode tentar ser como eu o tanto que quiser. Ele nunca vai namorar você.

– Se fosse humanamente possível, tenho certeza de que teria saído fumaça das orelhas de Missy. Estava me divertindo tanto com aquilo, que fui pega um pouco de surpresa quando Diane passou seu braço no meu e disse:

– Não vamos mais desperdiçar nosso tempo, Pen.

Fomos aplaudidas quando chegamos ao nosso grupo de mesas. Diane fez uma mesura.

– Oi, meninas! – Uma voz alta silenciou o grupo. Olhei por cima do ombro e vi Rosanna Shaw, uma aluna do último ano, com sua bandeja de almoço. Ela a pôs no pequeno espaço entre mim e Tracy. – Pode chegar um pouco pra lá? – ela perguntou a Tracy, que se afastou para que ela se sentasse. – Eu simplesmente amei, AMEI o artigo, meninas. O que está rolando? – Rosanna perguntou, como se



houvesse algo importante que ela estivesse perdendo.

Dei de ombros.

— Nada, só estamos conversando sobre o nosso dia...

— Enfim, vocês não vão acreditar no que aconteceu comigo esta manhã enquanto me arrumava pra vir à escola...

Rosanna começou a contar uma longa história que acho que tinha relação com ela ter ficado sem água quente no chuveiro, mas estava tão impossível de ouvir que parei de prestar atenção. Olhei em volta da mesa e vi todo mundo olhando pra baixo.

Kara se inclinou para dizer algo a Morgan.

— Espere aí, eu ainda não terminei! — Rosanna explodiu.

— Hum, na verdade — disse Diane —, é permitido conversar umas com as outras na hora do almoço.

Algumas pessoas da mesa riram.

— Ah, sinto muito. Acho que vou precisar me atualizar sobre as regras depois. Só acho que é falta de educação interromper as pessoas.

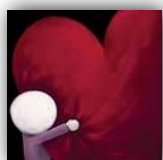
Rosanna continuou a falar pelo restante do almoço. Como era de esperar, muitas pessoas saíram da mesa antes do que pretendiam.

— Argh, Penny, realmente precisamos desenvolver algum tipo de processo para ingresso no clube — Tracy disse enquanto caminhávamos até meu armário. — Depois do artigo, mais pessoas vão querer se associar, e acho que não necessariamente pelas razões. Você não pode estar acreditando seriamente que Rosanna Shaw é a favor de estreitar os laços entre as meninas.

Ela só quer uma plateia maior para suas histórias chatas.

Eu hesitei.

— Sei que Rosanna pode ser irritante, mas acho que devíamos ao menos dar a ela uma chance.



— Pode ser. Ei, você não ficou impressionada por eu não ter gritado com ela nem nada disso? Acho que esse clube está me domesticando!

Eu balancei a cabeça enquanto pegava os livros para as aulas da tarde.

— Oi. — Ryan começou a procurar alguma coisa no armário. — O artigo no jornal foi muito bacana.

— Valeu.

Isso tudo só duraria um dia, certo?

— Então... — Ryan se encostou no armário e começou a brincar com o canto do livro de física. — Ainda está de pé na semana que vem?

— Está, por quê? — perguntei.

— Ah, nada... — Ele colocou a mão em meu ombro e senti uma descarga de eletricidade. — Como, tecnicamente, você agora é uma celebridade, talvez precise de um segurança. — Ele estendeu o braço. — Posso escoltá-la até sua próxima aula?

Hesitantemente, comecei a mover em direção ao braço dele. Meus nervos estavam à flor da pele.

— Jesus Cristo, você só pode estar brincando — Todd disse ao se aproximar de Ryan. — Não vai encorajar a Eleanor Rigby aí.

Ryan abaixou o braço.

— Todd...

— Deixa pra lá, Ryan. Vamos para a aula ou não? — Todd nem ao menos olhou na minha direção.

Antes que Ryan pudesse falar qualquer coisa, eu disse que tinha de ir e saí pelo corredor.

— Ah, Penny, você está solitária?

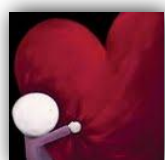
Ouvi uma voz, não a de Todd, gritar atrás de mim, junto com algumas risadas.

Apenas olhei para o chão, desejando chegar à sala de aula o mais rápido



possível.

Continuei a ouvir risos e meu nome enquanto andava pelo corredor.



You've Got to Hide Your Love Away

“How can I even try?

I can never win...”

Como posso tentar?

Nunca vou vencer...



Vinte e Quatro

DEPOIS QUE O ARTIGO FOI PUBLICADO, a escola ficou insuportável. As caras, os olhares, a súbita atenção dada ao clube. Fiquei radiante quando a noite de sábado finalmente chegou.

Pouco antes de ir para o porão, chequei meu e-mail uma última vez e vi que tinha uma mensagem de Nate com o assunto:

POR FAVOR, LEIA.

Hesitei antes de abrir.

Pen:

Espero de verdade que me dê uma chance e leia esta mensagem, mesmo sabendo que você provavelmente não vai fazer isso. Você tem todos os motivos para ficar com raiva de mim. E sinto muito por tê-la magoado. Estou me sentindo péssimo desde que voltei para casa. Sinto demais a sua falta. Você é tudo pra mim, e o que eu fiz, o que eu disse, tudo aquilo foi um erro. Sou um idiota. Um babaca. Um otário.

Sinto muito, Pen. Se houvesse algo que eu pudesse fazer para apagar o que fiz e apagar qualquer sofrimento que tenha causado a você, eu faria. Faria qualquer coisa. Preciso de você na minha vida, fico completamente perdido sem você. Quando meus pais me contaram sobre o feriado de Ação de Graças, fiquei tão feliz com a ideia de te ver! Até que me dei conta de que você não sentiria o mesmo. Acha



que seu coração, tão lindo e bom, pode ouvir o que tenho a dizer no feriado? Tem tanta coisa que quero que saiba, tanta coisa que quero dizer! Você é tudo pra mim, Pen. Quero você de volta, e estou disposto a fazer o que for preciso para reconquistar sua confiança.

Por favor, fale comigo.

Beijos,

Grande Idiota Tapado

O cursor do mouse pairou sobre o botão de APAGAR, mas não consegui excluir a mensagem.

A campainha tocou e dei um pulo. Tinha de ir para bem longe do computador, para tirar aquela mensagem da cabeça.

— Está tudo bem? — Tracy perguntou quando me viu.

Fiz que sim.

— Acho que vai ser uma reunião importante. Devíamos começar a arrumar logo as coisas.

Diane e Tracy trocaram olhares preocupados. Eu fingi não notar. Meia hora depois, a reunião estava um verdadeiro caos.

Eu parara de contar o número de pessoas no porão quando chegou a quarenta. Isso deveria ter me deixado animada, mas eu não conseguia não me perguntar quem estava ali porque acreditava no Lonely Hearts Club e quem estava ali porque éramos "o" assunto do momento na McKinley.

— Então, o que vamos fazer? — Rosanna gritou do braço de um sofá lotado.

Todos olharam para mim.

— Estou com um pressentimento de que meu lado mal vai se manifestar esta noite — Tracy sussurrou.

— Dê uma chance a ela, só isso — implorei.



Não podia lidar com mais nenhum drama, especialmente depois do e-mail de Nate. Mas eu tinha de admitir: Rosanna parecia não fazer a mínima ideia do que era o clube.

— Hum, tudo bem, gente. — Levantei a voz para fazer todo mundo ficar quieto. — Estamos com a casa cheia hoje à noite.

Rosanna levantou a mão.

— Tenho uma pergunta a fazer;

Tentei não parecer irritada.

— Pode fazer.

— Pensei que não pudéssemos namorar.

— Hum, bem, as *integrantes* do clube — fiz questão de que ela percebesse que ainda não era uma sócia oficial — sabem que é muito mais do que apenas não...

— É, mas você não vai sair com Ryan Bauer? — Rosanna perguntou, com o olhar presunçoso muito claro no rosto afilado.

Todas se voltaram para mim. O “núcleo” original — como Tracy, Diane e eu costumávamos nos referir às seis de nós que tinham começado no clube — sabia tudo sobre o fato de eu ir ao show com o Ryan. E ninguém achara nada de mais. Porque *não* tinha nada de mais

— Não exatamente. Vamos a um show. Ryan e eu somos amigos há anos, então não tem nada demais.

— Sei, então você não está interessada no Ryan?

Diane olhou com raiva pra Rosanna.

— Na verdade, isso não é da sua conta.

— Bem — Rosanna se levantou e jogou o cabelo liso com mechas loiras para trás —, vocês estão me pedindo para não sair mais com garotos, então quero ter certeza de que nossa *líder* está sendo fiel ao clube. — Ela nem tentava mais esconder o sarcasmo.



— Eu não vou ter um encontro com o Ryan — repeti.

Diane se levantou do chão.

— Está bem, todas vocês, que são novas no clube, vamos comigo lá para cima. Tem algumas regras que precisamos esclarecer, para termos certeza de que as pessoas estejam aqui pelas razões certas. — Ela olhou diretamente para a Rosanna.

Mais ou menos vinte pessoas subiram com Diane.

— No que nós fomos nos meter? — Jen perguntou.

Fiquei um pouco surpresa, e ela levantou as mãos.

— Não, não, não estou falando do clube, estou falando dessa Rosanna e das outras garotas que estão aqui atrás dos seus quinze minutos de fama.

Por mais estranho que fosse, eu *estava* pensando no clube.



A semana passou voando, e quinta chegou sem que eu percebesse. Não tinha respondido ao e-mail de Nate, e ele não mandara outro. Eu odiava o fato de ele ter dito todas as coisas certas. Não queria lidar com isso, então tentei não pensar, o que significava nem mesmo contar às minhas amigas sobre o email. Isso tornaria as coisas mais reais, e eu já tinha muitos problemas com que lidar — não apenas defender meu não encontro com Ryan, mas também descobrir o que uma garota deveria usar em um não encontro.

Fiquei olhando para o meu guarda-roupa, esperando que a resposta fosse sair de dentro dele. Primeiro pensei em usar uma camisa vintage dos Beatles e jeans. mais achei que seria muito brega; além do mais tinha quase certeza de que a multidão de cinquentões iria usar exatamente isso. Ouvi a campainha tocar e rapidamente vesti uma camiseta branca justinha e uma jaqueta de veludo cotelê



azul-marinho.

Corri escada abaixo , bem a tempo de ouvir meu pai dizer a Ryan:

— Sabe , acho bom que as bandas queiram manter a musica viva, mas as pessoas não devem se enganar ...

— Estou pronta! — interrompi

Eu estava com medo de que Ryan saísse correndo pela porta se meu pai continuasse com aquilo. Disse tchau para meus pais enquanto caminhava para a saída. Dei uma olhada rápida em Ryan e tentei não notar como ele estava particularmente bonito de calça caqui e camisa azul — Rita e eu costumávamos brincar que os garotos se vestiam assim no primeiro encontro, enquanto as garotas sempre usavam jeans e blusa Preta. Como eu não estava usando blusa preta, aquilo claramente não era um encontro.

— Espera um segundo, Penny Lane. — Papai me olhava de um jeito muito estranho. *Por favor, não faça sermão. Por favor , não faça sermão.* — Querida, você está linda! Esta usando *maquiagem* ?

Meu Pai do Céu, por quê , por que agora ?

Olhei para Ryan, e ele tinha o sorriso mais maravilhoso do mundo no rosto; estava claramente se divertindo com meus pais , como a maioria das pessoas se divertia — menos as filhas deles.

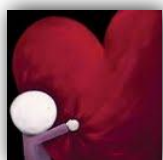
Podia sentir minhas bochechas queimarem de vergonha.

— Pai...

— Ah , deixe ela , meu bem. — Pela primeira vez , foi mamãe que me salvou. — Tenha uma noite maravilhosa , Penny.Você também , Ryan.E , Penny, você *realmente* está linda.Não consigo acreditar em como está crescendo rápido .Parece que foi ontem que ...

— *Yesterday....* — meu pai começou a cantar.

Talvez, pensei, *eu devesse ir correndo para o meu quarto e ficar lá escondida ... at é*



fazer 18 anos .Mas ,em vez disso , reuni o pouco de dignidade que ainda me restava.

— Se vocês já terminaram de me deixar envergonhada, acho que já vamos.

Quando tínhamos nos livrados deles, eu disse:

— Bem, Ryan, agora você pode entender por que estou pesquisando faculdades na Europa.

Ryan riu e balançou a cabeça.

— Acho que os pais pensam que têm o direito de envergonhar os filhos, provavelmente como um jeito de se vingar dos próprios pais. Tenho certeza de que você vai fazer o mesmo.

Bem, de uma coisa eu sabia: certamente eu daria aos meus filhos nomes normais.

Chegamos ao carro, e Ryan abriu a porta do carona para mim. Isso com certeza se encaixava na categoria “encontro.”

— Além disso, seus pais só estavam dizendo a verdade. Você realmente está linda hoje — Ryan disse depois de entrar no carro.

Minha mente girava quando ele deu a partida.

Será que alguém pode me explicar o que está acontecendo?

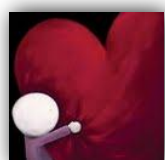
Durante o trajeto de carro falamos principalmente sobre a escola e fofocas básicas sobre professores, mas o único pensamento que ficava se repetindo em minha mente era: *Ryan Bauer disse que estou linda. Ryan Bauer me acha bonita.*

Talvez ele só estivesse sendo educado.

Olhei por cima da mesa do restaurante e vi que ele lia o cardápio. O cabelo preto ondulado ainda estava um pouco úmido do banho que, com certeza, ele tinha tomado depois do treino. Ele levantou os olhos e me pegou olhando.

— Viu alguma coisa que gostou?

Você não faz ideia.



Eu fiquei indecisa sobre o que comer. Rita sempre pedia salada no primeiro encontro, mas eu não estava em um primeiro encontro. Embora tivesse ficado imaginando se Ryan esperava que eu comesse alguma coisa leve. Mas eu estava com muita fome...

— O que vai querer, querida?

Nossa garçonete de meia-idade olhou para mim e sorriu de forma encorajadora, provavelmente percebendo que estávamos em um... seja lá o que fosse.

Escolhi um sanduíche de peru com batatas fritas e refrigerante. Eu odiava salada, e nunca aprovaria que alguém abrisse mão de sua identidade por causa de um garoto, mesmo que fosse apenas um amigo. Eu não fingiria ser alguém que não era. Embora tivesse torcendo para que Ryan pedisse alguma coisa parecida.

— E você?

A garçonete olhou Ryan de cima a baixo, claramente impressionada. Sei que a maioria das garotas ficaria chateada se outra mulher desse uma checada em seu acompanhante, ou, nesse caso, pseudo-acompanhante, mas tomei como um elogio. Além disso, ela era uns trinta anos mais velha que a gente.

— Eu vou querer uma salada verde — Ryan disse. Minha cabeça começou a latejar. *Não, não, não, pelo amor de tudo que há de mais sagrado, você não pode estar pedindo uma salada, você é um garoto de 16 anos!* — Com molho ranch, para começar, depois um cheeseburger duplo, batata frita e Milk-shake de chocolate. *Esse é o meu garoto.*

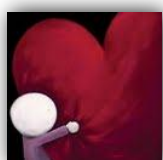
Bem, tecnicamente, não meu.

— Então, Penny, estou um pouco surpreso por você ter aceitado sair comigo.

— Por que está dizendo isso?

Ele deu de ombros.

— Sei lá. Para falar a verdade, fiquei com um pouco de medo que seu grupo



de meninas fosse me amarrar quando descobrisse que iríamos fazer alguma coisa juntos.

— Sabe, as coisas que o Todd diz sobre o clube não são verdade. — Senti minhas bochechas começarem a queimar.

— Eu sei... — Ele começou a brincar com o guardanapo de papel. — Acho que às vezes não sei em quem acreditar. Mas nada disso importa, porque você está aqui comigo agora.

Olhei para ele em silêncio , sem saber exatamente o que dizer.

— Eu realmente estava muito ansioso para esta noite chegar.

Eu também, pensei. Talvez ansiosa até demais.

Houve alguns minutos de silêncio. Não conseguia desviar os olhos dos deles.

— Ah, bem, então. — Ryan olhou para o lado e passou a mão no cabelo.

— Hum, espero que você não pense mal de mim depois que eu contar isso , mais não sei muito sobre os Beatles. Provavelmente só conheço uma ou duas músicas.

— O quê? *Não* pode estar falando sério! — eu praticamente gritei, esquecendo que estava em um restaurante.

— Uau , desculpe-me!Essa foi uma das razões por que eu quis vir, para ver por que eles são tão famosos.

— Por que eles são tão famosos? — Era bom saber que Ryan tinha um defeito e um dos grandes. — Os Beatles são a banda mais importante do mundo. Eles eles... — Coloquei a cabeça entre as mãos.

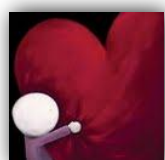
— O que foi?

— Nada. Só comecei a fala como meus pais , e foi muito , muito assustador.

— Ah, não fique assim. — Ryan pegou meu queixo e levantou meu rosto.

— Eu acho uma graça.

— É uma graça de um jeito demente. Como um filhotinho de cachorro



bêbado.

Ele balançou a cabeça, mas continuou com a mão em meu queixo.

— Não , quero dizer uma graça de um jeito completamente irresistível.

O sorriso no rosto de Ryan começou a desaparecer enquanto ele lentamente se inclinava para a frente...

— Quem de vocês pediu a salada?

Ryan voltou a sentar-se ereto enquanto nossa comida era colocada na mesa. Eu olhei para o prato e tentei me recompor. Praticamente podia sentir os olhos de Ryan em mim.

Ele não ia...

O episódio da noite de sábado com Rosanna passou rapidamente por minha cabeça. Se ele... o Lonely Hearts Club estaria arruinado.

Mas eu estava sendo boba. Ryan só estava se inclinando para frente. Só estava sendo gentil. Ele sempre fora gentil. Eu claramente estava interpretando as coisas da maneira errada.

Comecei a beliscar as batatas fritas, desejando sair dali para ligar para Rita do celular.

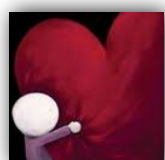
Aquilo era um emergência das grandes.

— Você não pode estar falando sério! — Ryan revirou os olhos. — Esqueça isso.

Ele me deu meu ingresso enquanto entrávamos no Civic Center. Reparei que o envelope estava endereçado a Ryan, não sua mãe ou a seu padrasto, embora supostamente eles é que tivessem comprado os ingressos.

Um tremor percorreu minha espinha quando Ryan colocou a mão na parte de baixo das minhas costas para me guiar até os assentos.

— Tudo bem, então: torne as coisas difíceis — Eu me sentei e cruzei os braços.



Ryan riu.

— Ah, *eu* estou tornando as coisas difíceis, é? Sério, Penny, não sabia que você era do tipo teimoso.

— Ah, mas eu sou. — Tentei ficar séria. — Além disso, não sou eu que não está sendo nem um pouco razoável.

Ryan colocou o braço no encosto da minha poltrona e se inclinou na minha direção.

— Ah, é? — A voz dele era de quem estava se divertindo muito. — Não acho que tenha uma só pessoa aqui que vá ficar do seu lado nessa discussão.

Eu escorreguei na poltrona e suspirei exageradamente.

— Tudo bem, se não acredita em mim... — Ele deu um risinho e começou a olhar ao redor, procurando pessoas mais velhas na platéia. — Com licença, moça?

— Ryan deu um tapinha no ombro da mulher que estava sentada na nossa frente.

— O que você está fazendo? — perguntei, surpresa.

Ele se virou novamente pra mim.

— Estou provando meu argumento.

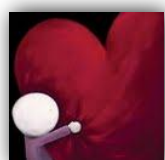
Uma mulher com seus 50 anos — que vestia uma camiseta dos Beatles, óbvio — se virou e olhou para trás, surpresa por ver alguém como Ryan ali, em meio à geração *baby boomer*.

— Desculpe-me por incomodá-la. — Ryan deu seu melhor sorriso para a mulher, que não pareceu nem um pouco importunada por ele. — Estava pensando se a senhora poderia me ajudar numa pequena divergência que estou tendo com minha garota.

Ele tinha dito “a minha garota”?

Ryan continuo:

— Sabe, eu gosto de pensar que o cavalheirismo na verdade não está morto, então estou tentando agir como um gentleman esta noite. — A mulher concordou



animadamente com Ryan. Já dava para perceber que ele ganharia essa.

— Pois é, parece que deixei essa linda mulher que está sentada ao meu lado, e que por acaso tem o nome de uma música dos Beatles, chateada. — Ryan fez um gesto em minha direção, e me esforcei para sorrir e dar um tchauzinho para a mulher simpática, em vez de um soco no meu acompanhante cavalheiresco. — Para ser sincero, acho que ela está sendo injusta. Eu a convidei para sair hoje à noite, então é mais do que razoável que eu pague, mas ela não está cooperando.

Ryan olhou para mim e piscou. Eu movi meu pé para o lado, de forma que meu salto pudesse afundar no pé esquerdo dele.

— Au! — Ele afastou o pé e limpou a garganta. — Na sua opinião, não acha que ela deveria agradecer, em vez de ficar tentando jogar dinheiro em mim?

A mulher deu tapinhas no joelho de Ryan.

— É claro, é muito gentil da sua parte. Dá pra ver que você é um excelente namorado.

Eu abri a boca para protestar, mas Ryan levantou os olhos, sorrindo radiante para a mulher.

— Ora, muito obrigado, senhorita!

A mulher corou um pouco, deliciando-se com a atenção de Ryan. Ela se aproximou dele.

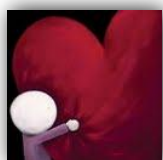
— Primeiro encontro?

Prendi a respiração.

Ele riu.

— É. E quantas chances eu teria de um segundo encontro se fizesse ela pagar?

A escuridão me tragou. Por um momento, desejei estar desmaiando. Eu piscava sem parar, mas a escuridão não ia embora. Então meus ouvidos foram invadidos por gritos e meu pulso acelerou. Uma punição adequada por ter ido a



um encontro.

Houve um clarão de luz algumas centenas de metros adiante enquanto quatro garotos vestidos com ternos pretos entravam no palco.

O show. Balancei a cabeça enquanto voltava para a realidade. Ryan se levantou da multidão quando os Faux Four começaram a tocar “I Want to Hold Your Hand”. Precisei me apoiar no braço da poltrona para me levantar — havia muita confusão rodopiando em minha cabeça.

Olhei para Ryan, que riu para mim e colocou gentilmente o braço em volta da minha cintura.

Estou em um encontro com Ryan Bauer.

Meu estômago deu uma cambalhota e tentei recuperar o fôlego. *Droga, estou em um encontro com Ryan Bauer. Eu não deveria estar em um encontro!* Não apenas isso: eu tinha afirmado diante de todo o Lonely Hearts Club que não era um encontro.

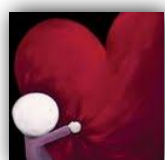
Eu me concentrei na música. As letras de cada uma das canções fluíram por mim como memórias — boas e ruins — enquanto o *set list* continuava.

Tudo bem, Penny... você consegue.

As luzes diminuíram uma guitarra começou a tocar, e senti um aperto no coração. Eu podia sentir meus olhos se enchendo de lágrimas e lutei contra elas com todas as minhas forças. Tentei bloquear as palavras em minha cabeça, mas não consegui. Eu não ficaria bem; toda aquela situação estava errada. E, claro, deixei que John, Paul, George e Ringo — mesmo que os falsos — colocassem as coisas em perspectiva.

Comecei a balançar no ritmo da música e fechei os olhos. Cantei as letras que falavam de sentir desesperança, ter desejos e ser tolo em relação ao amor. Basicamente tudo o que eu sentia no momento.

Eu era uma perfeita hipócrita. Apesar de dizer para todo mundo que aquilo não era um encontro, grande parte de mim queria que fosse. E naquele momento eu



me dava conta disso.

Aquilo parecia muito certo, Ryan nunca fora nada além de legal comigo.

Ele era uma pessoa boa;

Mas eu tinha pensado o mesmo de Nate . Nate era legal comigo, era uma pessoa boa. E então mentiu para mim e partiu meu coração.

E eu tinha prometido a mim mesma nunca mais deixar que isso acontecesse.

Grande Idiota Tapado.

Foi assim que Nate assinou o e-mail.

Eu não queria ser uma Grande Idiota Tapada também.

Por mais que quisesse me enganar, dizendo a mim mesma que as coisas seriam diferentes com Ryan, não seriam. Eu não podia me perder por isso. Não cairia nessa de novo.

Quando a música terminou, eu sabia o que tinha de fazer. Aquilo precisava terminar — o encontro, o desejo, tudo. O que importava não era só o que eu queria, era o que era melhor para o grupo, minhas amigas.

Encare o que diz a música, Penny. Você tem de esconder seu amor. Não adianta apenas esconder seus sentimentos. Tem de destruí-los. Acabar com eles antes que eles acabem com você.

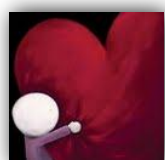
As luzes se acenderam, e Ryan olhou para mim animado:

— Foi demais... Mas não diz a seus pais que eu falei isso, tá?

Dei um rápido sorriso e comecei a sair da fileira em que estávamos.

Permaneci em silêncio durante a maior parte do caminho para casa, apenas respondendo às perguntas de Ryan sobre os Beatles. Quando ele virou na esquina da minha rua, soube que precisava de uma rápida estratégia de fuga, uma que garantisse que não haveria segundo encontro. E como me conheço, sabia que não seria uma saída elegante.

Ele parou em frente à minha casa.



— Estou muito feliz por você ter saído comigo hoje, Penny. Eu me diverti muito.

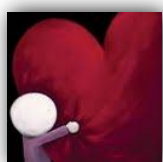
Saltei do carro antes mesmo que ele tivesse a chance de desligar o motor.

Virei-me com a porta ainda aberta e vi um Ryan atordoadado.

— É, obrigada. Tchau — eu disse. Bati a porta e corri para casa, tentando desesperadamente entrar antes de cair em prantos.

Estou fazendo a coisa certa.

Era isso o que eu ia continuar dizendo a mim mesma.



Vinte e Cinco

— ENTÃO, COMO FOI ONTEM À NOITE? — Tracy perguntou quando entrei no carro na manhã seguinte.

Horrível.

— O show foi bom... — respondi enquanto começava a vasculhar minha bolsa, sem saber muito bem o que estava procurando.

— Tá, mas, e aí, o Ryan deu em cima de você?

Fiquei olhando para Tracy como se ela tivesse ficado maluca.

— Ei, eu não culparia o cara por tentar. Você é uma gata!

Eu a ignorei e continuei a remexer dentro da bolsa..

— Ah, Pen, só estou provocando você! O Ryan é um cara legal. Se tem um garoto por quem eu quebraria as regras, é ele.

Minha bolsa caiu no chão.

— Droga! Foi mal! — Comecei a catar meus livros e canetas.

— Você está legal?

Não, nem um pouco.

— Estou.

Diane nos esperava na porta da escola.

— E aí, Penny, como foi a noite passada?

— Agradável.

Diane pareceu confusa.



— Agradável?

Voltei a mexer na bolsa enquanto andávamos.

— Ah, foi divertido, a banda era ótima. É claro, eles não tocaram todas as músicas que eu queria ouvir, mas estamos falando dos Beatles, afinal de contas, que têm muitos clássicos. Você sabia que eles têm mais músicas no primeiro lugar das listas de mais tocadas que qualquer outro artista na história?

Tracy apenas balançou a cabeça. Era óbvio que já estava acostumada a me ouvir simplesmente despejar fatos aleatórios sobre os Beatles. Diane começou a dizer algo, e descobri que não conseguiria parar de falar sobre a história dos Beatles. Tracy foi em direção ao armário dela, mas Diane continuou a me seguir.

— Penny. — Ela colocou a mão no meu braço, provavelmente tentando acalmar meus nervos. — Tem algo sobre o que você queria conversar?

— Ah, esqueci uma coisa! Preciso ir!

Saí andando na direção oposta à do meu armário e à da minha primeira aula. Qualquer coisa seria melhor do que ter uma conversa sobre Ryan com Diane.

Aquele seria um dia longo.

— Você se importa de fazer a incisão? Minha mão está me matando. — Tyson não parava de flexionar os dedos da mão direita e gemer.

— Claro. — Peguei o bisturi que estava com ele. — O que aconteceu?

— Ah, acho que estou ensaiando demais, só isso. — Ele parecia um pouco preocupado.

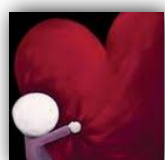
— Apresentação importante chegando?

— Pode-se dizer que sim. — Ele olhou para o chão e, quando não respondi, me olhou novamente. — Tenho um teste.

Mas ele já tinha uma banda. Talvez quisesse tentar coisas maiores e melhores.

— Um teste pra quê?

— Juilliard. — Ele voltou a olhar para baixo.



— Juilliard? A Juilliard? — Minha voz começou a ficar mais alta. — A escola de música?

O rosto de Tyson ficou imediatamente vermelho enquanto ele concordava com a cabeça. Ele olhou em volta, esperando que ninguém tivesse me ouvido.

— É, e acho que tenho ensaiado demais. Eu realmente queria me sair bem. Eu estava chocada. Juilliard era provavelmente a escola de música de mais prestígio do país.

— O que você vai tocar?

Isso era fascinante. Toda vez que eu achava que tinha sacado quem Tyson era, ele me surpreendia completamente.

Assim como Ryan, que acabou sendo uma maravilhosa surpresa.

Mas então a voz da razão me deu sua contribuição. *Nate também a surpreendeu. E no começo tudo era maravilhoso, não era?*

— Bem, primeiro vou tocar a Sonata n° 8 em C menor de Beethoven; depois, uma composição original na guitarra.

— Você toca piano?

Ele fez que sim.

— Desde os 4 anos.

Balancei a cabeça, completamente admirada.

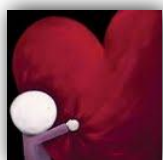
— Sério, Penny, você acha que eu sou tão patético assim?

Eu não achava que Tyson fosse patético. Na verdade, eu o achava um cara legal. É, um cara legal — o que me parecia um paradoxo, mas talvez eu estivesse errada... no caso dele.

Tyson não era Nate.

Tyson não era Ryan.

Eu tinha a intuição de que ele seria legal com a Morgan. E Morgan merecia um cara legal.



Olhei para ele.

– Você deveria chamar a Morgan para sair.

– O quê?

Eu me aproximei dele.

– Acho que deveria chamar a Morgan para sair.

– Mas... eu pensei...

– Esqueça o Lonely Hearts Club. Eu dou um jeito nisso.

Ele fez cara de pânico total.

– Mas como vou saber se ela vai aceitar?

– Ela gosta de você. Já tem muito tempo.

Tyson deu um sorriso tão grande, que parecia que ia explodir.

– Tudo bem, vou chamar a Morgan para sair. Mas depois do teste. Já estou nervoso o suficiente.

– Ótimo!

Concluí que pelo menos uma integrante do Clube deveria ter o que queria.



– Oi... acho que fiz uma coisa errada – confessei para Tracy depois do almoço.

– Beijou o Ryan? – ela perguntou, praticamente dando pulinhos.

– Não... O quê? Não tem nada a ver com Ryan.

Contei a Tracy sobre a Morgan e o Tyson, e ela assentiu enquanto processava tudo o que eu dizia.

– Não vejo nada de errado no fato de a Morgan sair com ele – eu disse.

– Desde que ela continue indo às reuniões do sábado à noite e a almoçar com a gente, qual é o problema? Assim que ela começar a perder a identidade, nós



a trazemos de volta.

— Você se dá conta de que isso vai mudar as coisas no clube?

Fiz que sim.

— Eu sei, mas não vejo mau nenhum em falarmos sobre isso no sábado. Comecei a andar apressada, pensando, pela primeira vez em toda a minha vida escolar, que matar aula talvez fosse a melhor opção. Até aquele momento eu conseguiria evitar Ryan, mas isso não iria durar muito. Quando entrei na sala de historia mundial, eu o vi pelo canto de olho. Fui imediatamente até Jackie Memmott, que se sentava duas fileiras atrás de nós, e comecei a jogar conversa fora sobre o clube. Fingi estar falando muito seriamente, mas pude ver que Ryan estava inclinado para o lado direito da carteira, perto de onde eu me sentava.

— Srta. Bloom, posso começar a aula? — A Sra. Barnes perguntou, batendo impacientemente com o giz na lateral da mesa.

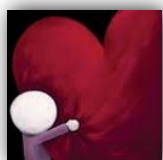
Tudo bem, talvez eu não estivesse sendo muito discreta. Tiver de ir para a minha carteira e dei um sorriso de leve para Ryan quando me sentei. Eu me concentraria na aula, tomaria notas ficaria debruçada sobre a mesa e estudaria. Não o deixaria me distrair. Vi que ele escrevia alguma coisa no caderno. Parecia que não estava tendo nenhum problema para se concentrar.

Senti um tapinha na minha mão esquerda, e quase pulei da cadeira. Ryan estendeu o caderno para que eu pudesse ler o que estava escrito. Tentei ignorá-lo, mas ele empurrou o caderno tão para beirada da carteira, que estava praticamente no meu colo.

Está tudo bem?

Eu apenas olhei para a frente e fiz que sim com a cabeça.

Ele começou a escrever novamente no caderno enquanto a Sra. Barnes falava sem parar, em um tom monótono, sobre as consequências financeiras da Segunda Guerra Mundial.



Ryan bateu de leve na minha mão outra vez. Eu olhei.

Me diverti muito ontem à noite .

Um sorriso se espalhou pelo meu rosto ao pensar em quanto eu tinha me divertido. Ryan ficou alegre e se endireitou na carteira , claramente satisfeito com minha resposta.

Por que eu tive de sorrir , e por que ele estava tornando as coisas tão difíceis para mim ? Tirar Ryan Bauer da cabeça seria muito mais complicado do que eu imaginava.

Quando o sinal tocou , pulei da cadeira e fui em direção a porta o mais rápido que pude. Senti um puxão , e meu corpo se espatifou no chão frio e duro de cerâmica. Tentei entender o que tinha acontecido enquanto um pequeno grupo se juntava em torno de mim. Eu me levantei e desenrosquei a alça da minha bolsa , que ficara presa em uma cadeira.

— Ei , Penny , você esta bem ? — Ryan perguntou ao correr até onde eu estava.

— Estou *ótima*— As palavras saíram mais ásperas do que era minha intenção , mas talvez fosse melhor assim. Ele tentou me ajudar , mas afastei o braço dele. — Estou bem. Estou com pressa...

— É, eu percebi.

O tom dele me surpreendeu, ele não estava mais se divertindo com a situação. Ficamos olhando um para o outro em silêncio,até que ouvimos um aviso nos alto-falantes.

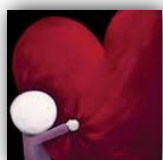
“Penny Bloom , favor comparecer à sala do diretor. Penny Bloom.”

Terminei de catar minhas coisas , e Todd começou a fazer “ooh”.

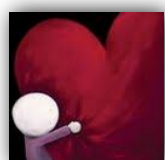
— Parece que a Srta. Coisa está encrencada.

— Cale a boca , Todd — Ryan e eu dissemos um unísono.

Ryan me dirigiu um ultimo e doloroso olhar antes de sair.



Enquanto caminhava para a sala do diretor , tentava imaginar o que eu poderia ter feito de errado. Vi meus pais esperando lá, com aparência de preocupados. Corri o restante do caminho.



Vinte e Seis

— O que aconteceu? — perguntei assim que entrei na sala.

— Estamos perguntando a mesma coisa — mamãe respondeu. — O Sr. Braddock nos telefonou e disse que era importante. Seu pai teve de cancelar vários pacientes para vir até aqui.

Eu estava confusa. Olhei para meus pais e deu para perceber que estavam zangados.

— Eu não sei.

Eu não tinha colado, não tinha chegado atrasada a aula. Minhas notas, que sempre foram boas, estavam ficando ainda melhores este ano...

A porta da sala do diretor se abriu, o Sr. Braddock saiu e fez um gesto para que entrássemos. Braddock era um homem grande, atarracado e careca, que parecia um cara legal, até abrir a boca. Quando entramos em sua sala com paredes revestidas de painéis falsos de madeira, cobertos de fotos e troféus de seus dias de glória na McKinley mais de trinta anos antes, meu coração começou a disparar.

— Peço desculpas por chamá-los aqui tão em cima da hora. — Ele se dirigiu a meus pais. — Mas temos um problema com a Penny que está começando a ficar fora de controle. Não sei se estão sabendo desse *clubinho* que ela começou.

O QUÊ?

— É claro que estamos — papai respondeu. — Elas se reúnem em nossa casa



todo sábado à noite. Um bom grupo de meninas.

O diretor Braddock mudou de posição na cadeira.

— Bem, está causando alguns problemas na escola.

Está?

— Está? — mamãe perguntou. — Que tipo de problemas?

O diretor Braddock ajeitou a gravata.

— Senhor e Sra. Bloom, o problema é que Penny está usando suas experiências malsucedidas para jogar o restante da população feminina contra os garotos da escola.

Eu estava sem palavras.

— O clube não é para isso!

O diretor Braddock levantou a mão para me silenciar.

— Sinto muito que Penny não consiga arrumar um namorado...

— Alto lá! — minha mãe protestou.

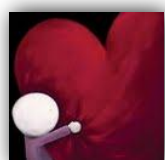
O diretor levantou novamente as mãos.

— Peço desculpas. O que eu quis dizer é que realmente não acho que seja apropriado ela ficar impondo seus ideais ao restante das estudantes desta escola, especialmente as meninas influenciáveis do primeiro ano.

— Espere aí — mamãe começou. — Penny Lane formou um incrível grupo de amigas. Não há nenhuma intenção oculta no clube, a não ser passar o tempo com as amigas sem as pressões de um namoro. Sr. Braddock, o senhor sabe como os romances na escola podem provocar confusão. Estou surpresa de que não esteja *incentivando* essa iniciativa.

Olhei para mamãe e vi que suas bochechas estavam vermelhas. Aquilo ia ser bom.

— Sra. Bloom, não vou ficar aqui sentado e permitir que uma garota comece a dirigir a McKinley. Penny está conquistando poder demais nesta escola. A



influência que ela exerce sobre a população feminina está saindo de controle.

Mamãe começou a bater o pé com impaciência.

— E imagino que o senhor não veja nenhum problema no fato de que, apenas porque um atleta consegue lançar uma bola longe, toda a população masculina resolva endeusá-lo. Deixe-me fazer uma pergunta, Sr. Braddock: alguma das meninas do clube se meteu em encrenca por qualquer motivo?

— Bem, tecnicamente não. Mas o clubinho dela não foi autorizado pela escola, portanto...

— Portanto — mamãe o interrompeu —, na verdade não é da sua conta.

O Sr. Braddock pigarreou.

— *Portanto*, a senhora pode entender o problema: algo não autorizado pela direção não deve ser encorajado pela escola. Não posso permitir que isso continue.

Mamãe cruzou as pernas.

— Perdoe-me, Sr. Braddock, mas as notas de Penny Lane estão sendo prejudicadas?

— Não...

— Na verdade, as notas melhoraram no semestre passado não é?

Ele começou a folhear a fina pasta com meu histórico escolar.

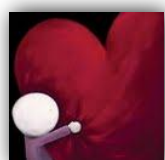
— Suponho que sim;

— Então, Penny Lane não fez nada de errado, o clube não está afetando suas notas e as reuniões acontecem fora da escola. Estou certa?

— Tecnicamente...

— Bem, então não vejo qual seja o problema.

— O problema, Sra. Bloom — parecia que o rosto do Sr. Braddock ia explodir —, é que depois do artigo que saiu no *Monitor* muitos garotos da escola têm reclamado. Não apenas isso, mas recebi relatórios preocupantes da minha Comissão de Aconselhamento Estudantil.



Espere, Ryan não...

— Nada aconteceu, ainda. Mas isso não significa que não vá acontecer. Isso cheira a encrenca. E-N-C-R-E-N-C-A.

Mamãe se levantou.

— Bem, eu estou C-A-G...

— Becky. — Papai finalmente falou.

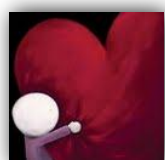
Ele se levantou e colocou a mão no ombro dela. O Sr. Braddock relaxou consideravelmente, com certeza esperando que papai fosse concordar com ele.

— Obrigado, Dr. Bloom.

— Penny Lane — papai disse —, estamos de saída, vamos embora. E Sr. Braddock, tenho certeza de que o senhor não vai se importar de levar a Penny conosco, pois realmente acho que não é justo ela ter de ficar aqui hoje depois de o senhor a ter insultado dessa forma.

Papai pegou o casaco. Eu apenas olhei para ele.

— E, Sr. Braddock, como pais da Penny, nós encorajamos esse, como o senhor chama, “clubinho”. O que ela tem feito é incrível, e o senhor deveria colocar uma foto dela na parede, em vez de puni-la. Não poderíamos estar mais orgulhosos. — Papai me abraçou e me deu um beijo na testa. — Vamos filhota. Pegue suas coisas.



Vinte e Sete

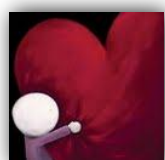
A NOTÍCIA DA MINHA SAÍDA-RELÂMPAGO da escola se espalhou como rastilho de pólvora. Os não integrantes acharam que eu tivesse sido expulsa. Todd chegou a dizer às pessoas que a polícia tinha me escoltado para fora do prédio. No caminho para casa, mandei uma mensagem de texto para Tracy e Diane contando a verdade, e elas espalharam a notícia para as meninas do Lonely Hearts Club. Todas me consideraram uma heroína.

Na reunião seguinte, todo mundo estaca em êxtase. Era como se o fato de Braddock reprovar o clube de alguma forma nos legitimasse.

Torci para que isso tornasse aquele dia um bom momento para fazer meu anúncio.

Diane e Tracy se juntaram a mim na frente. Olhei em volta e vi que Morgan estava vermelha. Ela tinha ficado super feliz ao descobrir que Tyson gostava dela, mas, felizmente, não queria sair do clube.

— Tudo bem, quero que todo mundo ouça o que temos a dizer, antes de tomar uma decisão ou tirar conclusões precipitadas. — Olhei para Rosanna quando disse isso. — Comecei este clube porque estava cansada de garotos. Mas conforme ele foi crescendo, percebi que, na verdade, o mais importante era nos unirmos, e somos realmente boas nisso. Então, acho que agora talvez não devamos mais nos concentrar tanto em nunca namorar um garoto, mas em permanecermos fiéis às amigas. Se uma de nós quiser sair...



— Eu sabia! — Rosanna se levantou de onde estava. — Eu sabia! Você quer mesmo sair com o Ryan! — Ela apontou para mim como se me acusasse de um crime.

— Se você esperar um pouco e ouvir...

— Ah, mas isso é ótimo. Que grande líder você é — ela me interrompeu novamente.

Notei que todas olhavam com raiva para Rosanna.

— Isso não é sobre mim — respondi.

— Ah é mesmo? — Rosanna revirou os olhos dramaticamente. — Como é conveniente você decidir mudar as regras depois de ter saído com o cara mais bonito da escola. — A inveja brotava da voz dela. — Talvez não devamos chamar este clube de Lonely Hearts Club, talvez devamos chamá-lo de Regras que Mudam Quando é Conveniente para a Penny.

— Ah, cale essa boca! — Tracy gritou para Rosanna. — Sente esse traseiro magrelo e escute o que Penny tem a dizer, ou dê o fora daqui. Posso apostar que não vai rolar nem sequer uma lágrima se você for embora.

Foi bom ter a velha Tracy de volta.

Rosanna sentou-se novamente, como uma menina mimada de 6 anos que tinha acabado de ser informada que não iria ganhar um pônei de Natal.

— Obrigada, Tracy — eu disse.

— De nada, venerada líder. — Tracy sorriu para mim.

— Isso não tem nada a ver comigo. Na verdade, diz respeito a Morgan. — Todas na sala se voltaram para ela, que se encolheu de vergonha. — Desculpe-me por ter que chamar tanta atenção pra você, mas todo mundo vai ficar sabendo uma hora. Então, gente, o garoto de quem Morgan gosta há anos também gosta dela. E o negócio é que Tyson é realmente um cara legal, provavelmente um dos únicos da McKinley, e não quero ser responsável por negar a eles a chance de



descobrirem o que poderia acontecer. Então, Tracy, Diane e eu conversamos com Morgan, e concordamos que, contanto que ela venha às reuniões no sábado à noite, compareça aos eventos do grupo e continue a ser a Morgan que todas amamos, não há motivos para ela não dar uma chance a Tyson.

Morgan se levantou.

— Considerem-me uma cobaia. Além do mais, tudo isso pode ser muito prematuro, pois ele ainda nem me convidou para sair...

É bom que ele convide, pensei. Tyson não fazia ideia da confusão que estava causando.

Fui até Morgan e coloquei a mão no ombro dela.

— E eu, no que me diz respeito, vou ficar ansiosa para saber todos os detalhes de seu encontro na nossa próxima reunião.

Rosanna começou a rir.

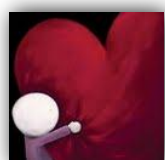
— Você só pode estar brincando. E quando vamos ouvir sobre o seu encontro?

Chega. Agora ela tinha ido longe demais. Minha paciência com Rosanna tinha se esgotado.

— Deixe-me esclarecer uma coisa para você e para todo mundo. — Eu não tenho absolutamente nenhum interesse em Ryan Bauer, e nunca vou ter. Então, para esclareceras coisas, caso alguém ainda tenha dúvida: eu nunca, nunca vou namorar o Ryan.

Todas ficaram em silêncio. A expressão de Tracy e de Diane era de verdadeiro horror.

O que eu tinha feito?



Vinte e Oito

EMBORA EU ESTIVESSE APROVADO completamente todas as regras de que Tracy criara para o clube, havia uma, muito importante, que ela tinha esquecido de incluir: O que acontece no Lonely Hearts Club fica no Lonely Hearts Club.

Achei que isso estivesse subentendido.

Se não se podia confiar nas integrantes do clube, em quem confiaria?

Mas eu não estava contando com uma mensageira relâmpago.

Tracy, Diane e eu estávamos andando juntas pelo corredor na manhã de segunda, falando sobre a Morgan e o Tyson, e torcendo para que ele tivesse isso bem no teste e estivesse pronto para chamá-la para sair. Tínhamos acabado de virar no corredor quando a expressão de Diane mudou subitamente.

— Ah, não — ela disse.

Tracy e eu seguimos seu olhar, e vimos Rosanna conversando com Ryan em frente ao armário dele, com uma cara de quem estava muito satisfeita consigo mesma.

Aquilo não podia ser bom,

Diane apressou o passo, e Ryan viu o que nos aproximávamos. Ele me dirigiu um olhar magoado antes de bater a porta do armário e sair andando.

— Deixe que eu falo com ele. — Diane o seguiu.

Eu notei que Tracy estava preste a pular no pescoço de Rosanna, mas se conteve quando viu a expressão preocupada em meu rosto.



— Tudo bem, Penny, ela é uma idiota — ela disse.

Eu concordei lentamente. Um torpor tinha se espalhado por meu corpo.

— Chega, ela está fora do clube — Tracy continuou. — Vou falar com ela.

Tracy me levou até o armário e o abriu para mim. Tudo o que eu consegui fazer foi continuar olhando para o nada.

— Não, eu falo com ela — eu disse. — Na hora do almoço. — Eu mal conseguia articular as palavras.

— Tudo bem. — Tracy pegou os livros para mim. — precisa de mais alguma coisa?

Sim, eu precisava saber por que, se eu não sentia nada por Ryan, estava tão arrasada...

Diane me contou tudo um pouco antes do almoço.

— A Rosanna disse ao Ryan que você basicamente declarou diante de todo o clube que o acha patético, que nem mesmo gosta dele como amigo, e que nunca sairia com ele.

— Não foi isso que eu disse! — protestei.

Bem, não as duas primeiras partes.

— Foi o que eu disse a ele, mas mesmo assim ele ainda estava bastante chateado. Acho que ele não gostou muito de você ter falado sobre ele no clube.

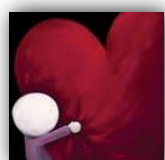
— Calma aí — Tracy entrou na conversa. — vamos parar um pouco e recuperar o fôlego. — Ela colocou o braço em volta de mim e olhou nos meus olhos. — Tem certeza que quer fazer isso agora?

Eu não podia acreditar que em uma hora daquelas Tracy tivesse decidido ser a voz da razão. Até mesmo Diane olhou-a como se ela estivesse louca.

É claro que eu queria fazer aquilo.

Mesmo.

Agora.



— Tenho.

Marchei para o refeitório como um soldado indo para o campo de batalha, com Diane e Tracy bem atrás de mim. Rosanna estava no fim da mesa, enchendo os ouvidos das pobres Eileen e Annette. Ela sobressaltou-se quando eu bati com os livros na mesa bem a seu lado. Todas ficaram em silêncio.

— Preciso dizer uma coisa. — Eu olhava para Rosanna, mas falei bastante alto, para todo mundo ouvir. — Certas pessoas estão aqui pelas razões erradas. Certas pessoas não estão aqui por causa da amizade. Pessoas manipuladoras, que não saberiam ser boas amigas nem se seus traseiros magrelos dependessem disso. Estão aqui porque querem ser populares. Bem, quer saber de uma coisa? Eu já fui muito usada na vida para ficar parada e deixar isso acontecer de novo, Já é bastante ruim ter sido sacaneada pelos garotos, mas ser sacaneada por uma garota... uma suposta amiga... é ainda pior. Traidores não são mais bem-vindos no Lonely Hearts Club. — Rosanna continuou a comer sua banana, como se eu não estivesse falando com ela. — Parece que eu não estou sendo clara o suficiente. — Eu me inclinei para ficar cara a cara com ela. — Rosanna Shaw, você se aproveitou de mim, do clube e da nossa confiança. Pegou algo que eu disse quando pensei que estivesse entre amigas e distorceu em uma mentira maldosa. Você não é mais bem-vinda no clube, na minha casa, nem nesta mesa. Entendeu?

Ela me olhou com os olhos cerrados.

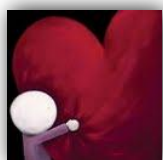
— Você realmente vai me expulsar?

— Acabei de fazer isso! — Comecei a levantar a voz. — Sai daqui, sua traidora ordinária e de duas caras.

— É isso aí!

Tracy se levantou e começou a bater palmas, seguida por Diane, depois Morgan, Kara e Jen. Logo, toda a mesa estava de pé, apoiando minha atitude.

Rosanna se levantou rapidamente e começou a se afastar. A adrenalina



percorria todo o meu corpo quando me sentei. Olhei para os rostos contentes à minha volta. Estava tão feliz de ter o velho e incentivador clube de volta.

Olhei ao redor e vi que todos no refeitório estavam virados em nossa direção. Algumas mesas até comemoraram conosco a partida de Rosanna.

Meus olhos encontraram os de Ryan do outro lado do refeitório, eu sorri, mas ele desviou o olhar.

O companheirismo no Lonely Hearts Club cresceu mais que nunca durante toda a semana. Estávamos mais fortes, mais unidas. Talvez fossem as ameaças de braddock, ou a interferência de Rosanna, mas todas as meninas pareciam ter ficado mais comprometidas com o clube e umas com as outras.

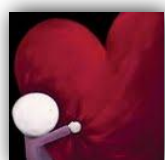
Fomos com força total apoiar Diane em sua estreia como integrante da equipe feminina de basquete da McKinley; as McKinley Ravens. Faltavam dois minutos para termina a partida e Diane ainda não tinha entrado no jogo.

— A treinadora Ramsey precisa deixar a Diane entrar, estamos ganhando pro dezanove pontos — Tracy reclamou.

Eu não parava de olhar de relance para os pais da Diane, com quem Ryan estava sentando. Imaginei que Todd e os outros garotos não teriam de jeito nenhum vindo apoiar Diane, não importava quantas vezes ela tivesse torcido por eles. Eu procurava falar com Ryan desde o desastre de segunda com Rosanna, mas ele nem sequer olhava para mim. Toda vez que eu tentava me aproximar, ele se afastava. Com certeza tinha ouvido nossa conversa no refeitório; não falava de outra coisa nos últimos quatro dias.

A equipe principal de líderes de torcida do primeiro ano entrou na quadra. Elas nem mesmo tentaram demonstrar algum entusiasmo pelo jogo, como se fosse um castigo ter de torcer pelo time feminino.

— Argh, que coisa horrorosa. Eu faria melhor. — Tracy disse quando as líderes de torcida perguntaram de forma anêmica se estávamos animados.



O sinal soou e os times voltaram para a quadra. Diane estava sentada impaciente na beirada do banco, o joelho nitidamente tremia de nervosismo. Jen repôs a bola em jogo, arremessando-a para Britney Stewart, que imediatamente sofreu falta de uma jogadora afoita do time de Springfield. A equipe se agrupou na linha de lance livre, e Britney marcou com facilidade mais dois pontos para o time.

— Ah fala sério, treinadora! — Tracy berrou. — Coloque Diane no jogo!

Todas as cinco jogadoras do Ravens correram para a outra extremidade da quadra. Jen pegou facilmente um rebote depois da tentativa malsucedida de pontuar do time de Springfield. Ela agarrou a bola com firmeza e começou a quicá-la pela quadra, driblando várias jogadoras. Uma morena alta do time adversário correu ao lado dela e a empurrou no chão com um movimento rápido de quadril;

Soou o apito e os árbitros deliberaram.

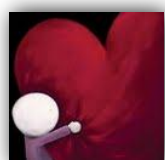
— É bom que isso seja uma falta técnica — Tracy sibilou.

O time se reuniu perto do banco para ouvir as instruções da treinadora Ramsey. Enquanto ela falava com a equipe e explicava a próxima jogada, Diane observava atentamente, depois mordeu o lábio e entrou na quadra.

Todas as meninas do clube que estavam na arquibancada se levantaram e começaram a torcer. Os cartazes foram levantados e gritos de “Diane” começaram a tomar o ginásio.

Os olhos de Diane se estreitaram enquanto ela se posicionava na linha da cobrança de falta e observava Jen errar seus dois lances livres. Então, quando o jogo recomeçou, ela correu a toda velocidade para o lado da quadra da equipe de Springfield. Ela estava com as pernas flexionadas e curvadas quando a armadora da equipe adversária se aproximou. Diane acompanhou a armadora o tempo todo, concentrando-se no tronco da jogadora, um truque que Ryan tinha lhe ensinado.

A bola foi jogada para uma laranja alta, que errou o arremesso, Jen fez o rebote e jogou a bola para Diane.



Diane saiu driblando pela quadra, com toda a atenção direcionada para a cesta à sua frente.

— vamos, Diane! — Tracy e eu gritamos em uníssono.

Tracy agarrou minha mãe enquanto observávamos Diane se aproximar da cesta para um arremesso da bandeja... e errar.

— Valeu, Diane! — Kara gritou a meu lado.

Todas continuamos a bater palmas enquanto a equipe de Springfield pedia outro tempo.

— Dá pra acreditar nessas garotas? — Tracy apontou para o espaço diante de nós perto da quadra, onde a equipe de líderes de torcida tinha decidido fazer uma pausa para descansar. — Elas se sentaram assim que Diane entrou em quadra. — Elas se sentaram assim que Diane entrou em quadra. É ridículo.

As líderes de torcida estavam sentadas no primeiro banco. Missy estava mandando uma mensagem de texto do seu celular, enquanto o restante delas fazia tudo o que podia para ignorar o jogo.

— Ai, elas me deixam tão irritada! Algumas semanas atrás, todas essas garotas estavam puxando o saco da Diane, e agora não são capazes nem de torcer pelo time... é a função delas!

Eu concordei, irritada por elas serem tão superficiais.

— Para mim chega. — Tracy se levantou.

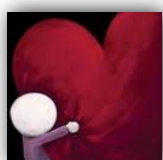
— Tracy, não faça nenhuma...

Antes que eu pudesse termina minha frase, Tracy subiu nosso banco, e se virou, de modo a ficar de frente para as pessoas atrás de nós, e gritou a plenos pulmões:

— ME DEEN UM D!

Nosso grupo ficou em silêncio enquanto todos olhavam pra Tracy.

Ela parecia exasperada.



– Vamos lá, gente, eu *disse* ME DEEN UM D!

Ah, meu Deus! Tracy estava fazendo papel de... líder de torcida?

– D! – Morgan, Kara e Amy gritaram.

– ME DEEM UM I! – Tracy continuou.

– I! – O Lonely Hearts Club começou a berrar.

– Agora sim. ME DEEM UM A! – Tracy começou a bater palmas e a pular do ginásio onde estava a torcida das Ravens dava um “N” para Tracy.

– ME DEEN UM E!

E o ginásio ecoou com um sonoro “E”!

– E isso forma o quê? – Tracy desceu até a frente das arquibancadas.

– DIANE!

Agora ela estava no espaço ocupado momentos antes pela equipe de líderes de torcida.

– NÃO CONSIGO OUVIR VOCÊS! – Ela colocou a mão espalmada atrás da orelha.

– DIANE! – a multidão gritou de volta.

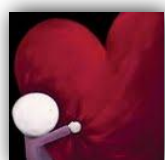
O sinal soou, e todos estavam de pé, torcendo. Tracy olhou para Missy e companhia e lhes deu um sorrisinho afetado, para que elas soubessem que não estavam mais no controle da torcida.

Diane voltou para a quadra, com a determinação estampada no rosto. Restavam menos de quinze segundos no cronômetro. A equipe de Sprongfield pegou a bola, e a armadora avançou lentamente pela quadra. O time delas perderia de qualquer maneira, então por que deixariam que fizéssemos mais pontos?

– DEZ.... – a torcida começou a contagem regressiva, acompanhando o cronômetro.

Os olhos de Diane se cravaram na jogadora que se aproximava.

– NOVE...



Ela começou a se mover rapidamente para a frente e para trás.

– *OITO...*

A armadora tentou fazer um rápido movimento para a esquerda, mas era tarde demais.

– *SETE...*

Diane roubou a bola e saiu quicando-a em disparada pela quadra...

– *SEIS...*

... enquanto todo o time de Springfiel corria atrás dela.

– *CINCO....*

Diane se concentrou na cesta à sua frente e...

– *QUATRO...*

... fez um arremesso de bandeja.

– *TRÊS...*

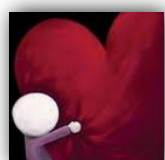
A bola resvalou no aro e bateu na tabela...

– *DOIS....*

... e foi para dentro da cesta.

O apito final foi abafada pelas comemorações da torcida. Diane foi abraçada pelas companheiras de time. As líderes de torcida as saíram do ginásio com expressões raivosas. A torcida do Springfiel certamente estava confusa com a celebração que acontecia diante deles.

Lembrei-me de Diane sentada à minha frente no restaurante, menos de dois meses antes. Olhei à minha volta e todas as integrantes do clube para quem ela tinha sido uma inspiração. Diane tinha mostrado a todas nós que era possível.



Vinte e Nove

Eu tinha perfeita consciência de que havia uma correlação entre o fim de minha amizade com Ryan e o estreitamento dos laços no clube.

Toda vez que o clube dava um passo adiante (a vitória de Diane no basquete na noite anterior), Ryan e eu dávamos um passo para atrás (ele não apareceu no armário naquele dia).

Embora isso me entristecesse, havia outro problema que eu precisava enfrentar.

Nate

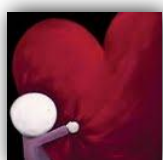
Outro e-mail estava esperando por mim quando cheguei do colégio. O assunto era:

AMIGOS?

Eu me sentei e cliquei para abrir a mensagem.

Pen:

Tenho pensado muito em nós dois ultimamente. Na verdade, não penso em mais nada, a não ser em você. Sei que não quer falar comigo. Sei que me odeia. Sei que nunca vai sentir por mim o sinto por você. Eu mereço. Mas só preciso perguntar uma coisa, e quero que pense nisso (se é que está lendo este e-mail) antes de eu chegar, daqui a algumas semanas. Acha que podemos pelo menos ser amigos? Preciso de você na minha vida. E vou aceitá-la do jeito que você quiser.



Faço o que for para tê-la de volta em minha vida.

Beijos,

Otário.



Amigos? Ele queria que fôssemos amigos? Será que eu conseguiria ser amiga de Nate, depois de tudo o que tinha acontecido?

Ryan e Diane eram amigos, mas Ryan não a tinha traído. Ele era...

Eu não suportava pensar em como Ryan era maravilhoso. Mas, nem conseguia mais ser amiga dele, já que ele claramente não tinha nenhum interesse em falar comigo outra vez.

Talvez fosse melhor simplesmente dizer a Nate que seríamos amigos, e esquecer tudo aquilo. Mas eu sabia: estava muito enganada se pensava ser capaz disso.

Depois de pensar durante uma semana, decidi pedir o conselho da Diane quando saímos para jantar.

— Como consegue ser amiga do Ryan? — deixei escapar, antes mesmo de termos feito o pedido.

Diane ficou surpresa.

— Ele faz parte da minha vida há tanto tempo...

— Mas Nate também... da minha — respondi.

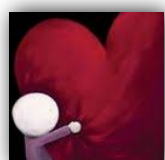
Diane parecia preocupada.

— É, mas Ryan nunca...

Eu afundei na cadeira.

— Por que está me perguntando isso? — Diane mordeu o lábio.

Contei a ela tudo sobre os e-mails e o pedido de Nate para que fôssemos



amigos.

Ela balançou a cabeça.

— Penny, você quer voltar a ser amiga do Nate?

— Não, nunca mais quero vê-lo na minha frente. Mas isso não vai rolar.

Ela suspirou.

— Eu realmente acho que você deveria contar tudo a seus pais.

— Nem pensar.

Diane largou o cardápio e pegou minha mão.

— Está tudo bem? Você ficou tão quieta a semana inteira...

Eu encolhi os ombros, e ela continuou:

— Sabe, no começo não foi fácil ser amiga do Ryan. Tivemos de estabelecer uma nova rotina, mas agora ele é um dos meus melhores amigos. Assim como você. — Ela hesitou. — E eu queria muito que meus dois melhores amigos perdoassem um ao outro.

— O quê? — Meu queixo caiu. — Perdoar um ao outro? Diane, ele nem olha para a minha cara. Tentei pedir desculpas, mas ele finge que eu não existo.

— Eu sei. Ele está chateado.

— Chateado? — Eu estava muito frustrada. — O que Rosanna disse foi uma mentira deslavada. Ele sabe disso, não sabe?

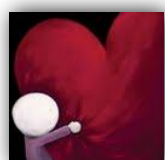
Ela fez que sim.

— Então, qual é o problema dele? Somos amigos há tanto tempo, e agora ele simplesmente não quer mais falar comigo? E por quê? Porque as pessoas pensaram que tivemos um encontro.

Diane mudou desconfortavelmente de posição na cadeira.

— Penny, o *Ryan* pensou que fosse um encontro.

— Diane, ele sabia sobre o Lonely Hearts Club. Sabia que eu não podia ter encontros.



Ela encolheu os ombros.

— Sabe — eu disse —, talvez Nate e Ryan não sejam assim tão diferentes, no fim das contas.

— Fala sério, Diane. — Meu rosto estava quente. — Tudo bem, Ryan pensou que fosse um encontro. Então só porque não comportei como... — Eu queria dizer “a namoradinha dele”, mas não quis ofendê-la. — Só porque eu não quis ir a um encontro, ele não quer ser mais meu amigo? Tudo o que ele quer de mim é, sei lá, dormir comigo?

Diane franziu os lábios.

— Você sabe que ele não é assim.

— Sei?

Comecei a ficar irritada. Eu sabia que tinha ultrapassado o limite. Sabia que Ryan não era como Nate, mas eu sentia falta do Ryan. Sentia falta de conversar com ele, de passar o tempo com ele nos intervalos entre as aulas. E ele simplesmente me abandonara. Como Nate tinha feito. Então, ele era mesmo diferente?

— Só estou dizendo que minha opinião sobre os garotos não mudou — completei.

Eu tinha certeza de que estava fazendo a coisa certa ao não me envolver com Ryan. Ele acabaria me fazendo sofrer, no fim das contas. Como já estava fazendo.



Tracy veio falar comigo no dia seguinte depois da aula.

— Oi. Preciso falar com você um minuto. — Ela parecia seria.

Fomos até os bancos do saguão perto do refeitório.

— Tem uma parada rolando no clube que preciso lhe contar.

— No clube?



Eu não achava que tudo estivesse ótimo. Mas andava tão distraída ultimamente, que não me surpreendia de ter perdido alguma coisa.

— É, Kara não vai poder ir as duas próximas reuniões.

— Ahn?

Tracy olhou ao redor.

— É, eu não disse nada a você nem a Diane porque jurei que não contaria a ninguém.

— O que está acontecendo?

— Ela vai começar a fazer terapia.

— Terapia?

Tracy suspirou.

— Ah, Pen, pelo amor de Deus! Todas nós ficamos caladas nos últimos anos, enquanto a víamos definhar. Não sei o que a levou a tomar essa decisão, mas na última reunião ela começou a conversar comigo e com Morgan sobre recuperar o controle.

— Isso é ótimo!

Eu estava muito feliz por Kara. Feliz e preocupada.

— Então — Tracy continuou —, ela entrará em um programa que dura todo o fim de semana.

— Claro, tudo bem. — Eu me senti mal por não saber nada daquilo e por não ter dado uma força a Kara.

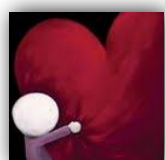
Ryan veio andando em direção ao armário dele. Era a primeira vez que eu o via fora da aula de historia mundial.

— Oi, Ryan — Tracy cumprimentou.

Ele desviou o olhar do armário.

— Oi, Tracy.

Mais uma vez ele fingiu que eu não estava ali, pegou suas coisas rapidamente



e saiu.

Tracy olhou para mim e depois para ele, que já saía pela porta.

— O que está acontecendo com vocês dois, afinal?

— Nada.

E era a mais pura verdade. Definitivamente, nada estava acontecendo.

Decidi que ia usar a semana antes do feriado de Ação de Graças para me concentrar de novo no clube. Eu já tinha me estressado demais com a frieza de Ryan e a vontade do Nate de sermos amigos.

— Muito bem, pode ir falando — Tracy disse a Morgan assim que ela se sentou, na nossa reunião de sábado. — Queremos detalhes.

Morgan corou, enquanto todo o grupo esperava os detalhes de seu primeiro encontro com Tyson.

— Bom, Tyson me pegou no carro da mãe dele.

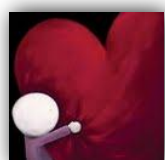
— Não acredito! — Erin exclamou. — Tinha imaginado algo muito diferente.

— Eu sei. — Morgan sorriu. — Achei que ele tivesse um carro de estrela de rock, mas foi muito fofo. Fomos ao Mexicana Grill e comemos um jantar maravilhoso, o guacamole deles é incrível. Depois fomos para a garagem, e fiquei ouvindo a banda ensaiar, e ele cantou uma musica para mim. — Morgan corou ao se lembrar.

— Uma musica dele? — Teresa perguntou.

Enquanto Morgan continuava a contar a historia de sua noite, dei uma olhada no grupo. Todas estavam interessadas no encontro de Morgan e felizes por ela. Não pude conter o sorriso.

Era desse tipo de amiga que eu precisava. Amigas que me apoiassem. Não alguém como Nate, que tinha me traído. Nem Ryan, que não pensara duas vezes em me dispensar.



— Ele beijou você ou não? Eu disse detalhes. — Tracy provocou.

Morgan ficou vermelha e baixou os olhos.

Um coro de “ooohh” tomou conta do porão enquanto Morgan escondia o rosto entre as mãos.

— Penny, precisa me ajudar — ela implorou.

— Tudo bem, tudo bem. Deixem a garota ter alguma privacidade — eu ri.

Listei alguns filmes que podíamos ver e deixei que ela decidissem entre uma comédia adolescente dos anos 1980 e um filme de terror.

— Ei, Penny — Teresa Finer veio falar comigo. — Tudo bem se a Maria e eu formos lá para cima estudar?

— Estudar? É sábado a noite meninas.

Maria Gonzales pegou seu livro de calculo avançado.

— Eu sei, mas tem uma prova importante na segunda, e precisamos ir bem.

Teresa chegou mais perto.

— Eu me dei muito mal na ultima prova e, se minhas notas piorarem, perco a bolsa de estudos para a faculdade.

— Ah, claro! — Fiz sinal para que elas me seguissem enquanto as levava até meu quarto. — Aqui vocês vão ficar sossegadas. Chame, se precisarem de alguma coisa.

— Valeu — Teresa disse enquanto se sentava no chão.

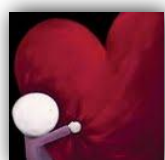
Quando estava voltando lá para baixo, vi que tinha uma mensagem de Nate no celular. Tracy colocara as chamadas e os avisos de mensagem dele no modo silencioso, mas isso não significava que as mensagens haviam parado de chegar.

Abri o telefone e dei uma gargalhada.

— O que foi? — Tracy estava na cozinha com Diane, pegando mais comida.

Eu continuei rindo.

— Nada, só uma mensagem do Nate...



Tracy veio rapidamente até mim e arrancou o celular da minha mão.

— O quê? Não entendi...

— O que ele disse? — Diane perguntou.

— *Leite foi uma péssima escolha* — Tracy leu.

Eu comecei a rir de novo.

— É... — Eu continuava rindo. — É o filme *O âncora: a lenta de Ron Burgundy*.

Nós vimos na TV neste verão, e ficávamos repetindo as falas sem parar. É o seguinte: estava fazendo muito calor...

Tracy e Diane estavam horrorizadas.

— Penny, você enlouqueceu?

— Qual é o problema? É um filme engraçado.

— Não percebe o que ele está fazendo?

O que ele *estava* fazendo?

Tracy apertou o botão de APAGAR.

— Vou ficar com isso esta noite. — Ela colocou meu celular no bolso. —

Vamos voltar lá para baixo. Talvez depois de passar um tempo com o grupo você se lembre de por que estamos aqui.

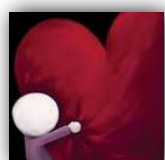
Segui Tracy. Mas sorria ao me lembrar de gargalhar tanto com Nate, a ponto de lágrimas escorrerem por meu rosto. Lágrimas boas.

Eu quase esquecera de que tive bons momentos com Nate.

Ele me mandou mensagens a semana inteira. E eu estava admitir que começava a esperar ansiosamente por elas. Como costumava esperar ansiosamente para ir até o armário e conversar com Ryan.

Eu disse a Tracy que as mensagens tinha parado, porque ela estava ameaçando confiscar meu celular. E um punhado de frases engraçadas não ia me fazer esquecer o que ele tinha feito.

Eu só precisava rir.



Fui correndo até o armário para pegar minhas coisas antes do feriado de Ação de Graças. Olhei o celular e comecei a rir da nova citação de Nate.

— Ei, o que é tão engraçado?

Eu quase não reconheci a voz.

Ryan. Ele estava sorrindo para mim.

— Ah. — Eu não falava com ele havia semanas. Tinha esperado por esse momento, mas não sabia o que fazer. — Ah, só recebi uma mensagem engraçada.

— Bem, é bom vê-la sorrindo de novo, Bloom.

Não sabia como interpretar aquilo.

— Hum... — Era bom falar com ele de novo. Se ao menos eu soubesse o que dizer. Decidi ser sincera. — Acho que posso dizer o mesmo a você.

Ele riu.

— É, tem razão. Foram semanas difíceis, né?

Eu concordei. De onde tinha vindo isso?

— Bem... — Ele fechou o armário. — Bom feriado de ação de Graças. A gente se vê quando as aulas voltarem.

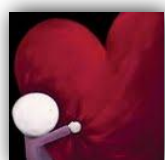
Ele tocou meu ombro enquanto ia embora. Senti um aperto no coração.

Na mesma hora, recebi outra mensagem de Nate, mas apaguei sem ler. Frases engraçadas eram legais e tal, mas não era isso que eu queria.

Fiquei preocupada com o fato de aquele breve encontro com Ryan ter significado tanto para mim.

Fechei os olhos. Eu estava grata pelo clube. Por não namorar.

Porque não tinha a menor possibilidade de Ryan Bauer fazer qualquer outra coisa além de partir meu coração.



Trinta

— Penny Lane, VOCÊ NÃO VAI ficar vestida assim, vai? — mamãe perguntou quando desci para a cozinha na manhã de Ação de Graças.

Olhei para baixo e inspecionei minhas roupas: um agradável par de jeans e camiseta de manga comprida.

— Hum... vou. É o traje-padrão de feriado na casa dos Bloom.

Ela estava ocupada secando a bancada da pia e parecia mais estressada que o habitual.

— Eu sei, mas este ano temos visita.

— Ah, desculpa-me: não percebi que a rainha da Inglaterra viria.

— Penny Lane! — Mamãe perdeu a paciência.

Eu tinha esquecido que ser a anfitriã a deixava esgotada. Rita e eu tínhamos nos esforçado para ajudar, descascando batatas e cortando legumes. Eu tinha cortes nas mãos que provavam isso.

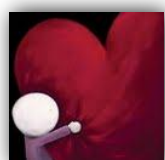
Papai entrou na cozinha com o jornal enrolado na mão.

— Penny Lane, por favor, troque de roupa, por sua mãe. Ela está um pouco chateada porque Lucy não vem pra casa neste fim de semana.

Ia ser o primeiro feriado que não passaríamos todos juntos, em família. Lucy ia ficar com a família do noivo, em Boston.

Mamãe enxugou o suor da testa.

— Eu sei que ela vai passar a semana inteira aqui no Natal, mas vamos estar muito ocupados com os preparativos para o casamento...



Rita entrou na cozinha vestindo jeans e camiseta.

— Meninas, vão se trocar agora mesmo!

Enquanto íamos lá para cima. Rita perguntou:

— O que eu perdi?

Apenas balancei a cabeça. Feliz Dia de Ação de Graças para mim. Rita percebeu que eu estava uma pilha de nervos.

— Penny, vai dar tudo certo — ela disse. — Você precisa ser superior. Não quer dar a ele nenhum poder, quer?

Os Taylors chegariam em menos de uma hora, e eu ainda não fazia ideia do que diria a Nate. Para ser sincera, não sabia nem o que sentiria quando o visse. Raiva? Tristeza? E-mails e mensagem de texto eram uma coisa, mas como eu reagiria quando o olhasse nos olhos? Isso revelaria muita coisa. Eu só esperava conseguir ser forte. Ele não iria me abalar. Eu tinha superado tudo aquilo.

Fui para o quarto e peguei a frente única branca e decotada que Diane me emprestara depois da festa, quando me disse que eu deveria valorizar o que tinha “herdado de minha mãe”. Então vesti a blusa com uma calça de risca de giz branca e preta e sapatos altos pretos. Fui lá pra baixo achando que estava muito mais bem-vestida... talvez um pouco vestida de menos para o meu pai.

— Hum, essa blusa é nova, Penny Lane? — papai perguntou enquanto olhava, nervoso, para minhas roupas.

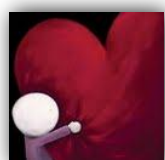
— Ah, Dave, relaxe — minha mãe disse. — Ela já está bastante crescidinha.

A campainha tocou, e tentei respirar fundo algumas vezes. Rita segurou minha mão e sussurrou:

— Não deixe ele ganhar.

Ganhar? O que havia a ganhar?

A porta se abriu e ouvi uma explosão de movimentos — meus pais abraçando o Sr. E a Sra. Taylor e trocando saudações animadas.



A Sra. Taylor se virou em minha direção.

— Ah, Penny, olhe só para você. — Ela me deu um abraço apertado. — Ah, querida, você está fantástica. Ela me largou e se virou.

E lá estava ele. Com uma expressão que eu não sabia se era de timidez ou de presunção.

— Oi, Penny.

Eu abri a boca e tentei dizer alguma coisa. Qualquer coisa. Mas era difícil. Pensei no que a Diane dissera sobre Ryan estar na vida dela há muito tempo. Ali estava Nate, diante de mim; o Nate que eu conhecia desde sempre. Pensei que talvez a última lembrança que eu tinha dele fosse afugentar as outras, mas não. Ver Nate era tão comum, e, apesar de sempre nos cumprimentarmos com um “Oi, Penny” e um “Oi, Nate”, como se não houvesse nada demais, em geral dizíamos isso como se compartilhássemos um segredo. Porque compartilhávamos. E agora era maior do que nunca.

Odiei vê-lo. Odiei que ele estivesse ali. Porque odiava o que estava sentindo. Por mais que quisesse gritar e sair correndo, eu mal podia respirar. Senti a mesma euforia que sentia ao vê-lo.

Seria mais difícil do que eu tinha imaginado.

— Pegue. — Rita jogou os casacos dos Taylors nos meus braços. — Penny vai pendurar os casacos.

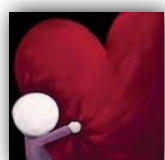
Olhei para Rita com gratidão e disparei até o armário. Demorei mais que o necessário pendurando as roupas. O tempo todo pude sentir os olhos de Nate me observando. E gostei disso.

— Então, o que vão querer beber? — perguntei assim que tinha terminado.

— Pode deixar, querida. — Papai começou a anotar os pedidos de bebidas.

— Não, pai — Rita protestou —, deixe eu e Penny ajudarmos.

Eu me virei em direção à cozinha quando senti alguma coisa puxando meu



braço.

— Penny — Nate disse enquanto me envolvia em um abraço —, senti tanto a sua falta!

— Aaahh — a mãe do Nate deu um pequeno gemido. — Ele não fala de outra coisa a não ser em vê-la novamente, querida.

Eu apenas fique parada, com os braços do Nate em volta de mim.

— Venha, Penny. — Rita apareceu, e Nate rapidamente desfez o abraço. — Temos de ir para a cozinha. — Ela se virou para Nate: — Sabe, aquele lugar cheio de facas afiadas.

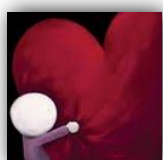
Enquanto nos afastávamos, dei uma boa olhada em Nate pela primeira vez desde que ele arrasara meu coração. E foi estranho, porque ele não estava como eu lembrava. Eu nunca notara antes como o rosto de Nate era achatado? E ele tinha olhos pequenos, pálidos, sem vida.

Eu começava a respirar um pouco melhor.

Fiquei na cozinha ajudando mamãe e Rita enquanto a Sra. Taylor nos bombardeava com perguntas sobre a escola. Felizmente, os homens estavam no porão, assistindo ao jogo de futebol americano. Foi a primeira vez que essa tradição machista não me incomodou.

Fui até a sala de jantar colocar água nos copos e notei que mamãe me colocara sentada bem ao lado de Nate. Seria impossível não conversar com ele.

Não havia mais tempo para trocar os lugares — todo mundo já estava entrando na sala para jantar. Enquanto pegava um prato, me dei conta de que mamãe certamente exagerara na comida. Eu mal consegui colocar um pouco de cada coisa em meu prato na primeira rodada, embora tivesse dispensado o molho de cranberry, por medo de manchar minha blusa. O molho de cranberry e o tofu. Meus pais não deixavam a tradição interferir em suas crenças; então eu acostumada a me satisfazer com salada, purê de batatas, arroz integral e batata-doce.



Nate ficou logo atrás de mim na fila para se servir. Quando se inclinou por cima de mim para pegar um pãozinho, colocou a mão na parte nua das minhas costas e moveu o dedão para cima e para baixo. Eu fiquei ali, sem conseguir me mexer.

— Senti saudades — ele sussurrou.

Por um momento, quase sussurrei de volta: Eu também. Estava tão acostumada a essas trocas entre a gente! Dessa vez, tentei recusar. Passei meses bloqueando as palavras e a sensação do toque de Nate. Sabia aonde isso sempre o levava.

Não consegui me forçar a olhar para ele. Simplesmente voltei para a mesa.

Então, enquanto estávamos nos sentando, ele deu uma longa olhada para os meus peitos.

E eu pensei: Espere aí.

O Sr. Taylor se virou para mim:

— E então, Penny, o que é esse clube que você criou, do qual eu tenho ouvido falar?

Eu quase engasguei com o purê de batatas. Como ele sabia?

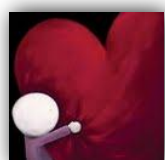
A Sra. Taylor entrou na conversa em seguida:

— É, sua mãe nos mandou o link para o artigo no jornal da escola. — Se mamãe achava que depois disso eu a ajudaria com os pratos, ela iria ver só! — Parece tão divertido. Eu queria ter participado de algo assim quando tinha a sua idade!

Isso significava que Nate sabia sobre o clube. Não consegui olhar para ver a reação dele. Em vez disso, sorri e respondi animadamente:

— É, é muito divertido!

Podia sentir minha mão começando a tremer. Olhei para Rita, que me dirigia um sorriso encorajador.



— É realmente muito legal — disse ela, olhando com raiva para Nate. — Especialmente porque vocês não acreditariam nos completos idiotas que queriam namorar a Penny. Ela está muito melhor sem eles.

O Sr. Taylor sorriu e concordou:

— Bem, isso é ótimo, Penny.

O tema da conversa mudou para política. Não resisti olhar para Nate. Ele estava enchendo a boca de comida. Uma migalha de tofu estava grudada em seu queixo.

Esse era o garoto com quem eu sonhava todo verão? Esse era o garoto que tinha partido meu coração? Ele?

Depois de jantar e lavar os pratos, fui para o quarto com a intenção de ligar para Tracy. Antes que eu pudesse discar, Nate bateu á minha porta e perguntou se podia entrar.

A ideia de ficar sozinha com ele fez eu me sentir um pouco mal, mas concluí que não conseguiria ignorá-lo por muito tempo.

Ele se sentou na beirada da cama.

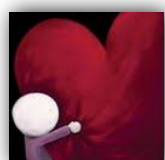
— Venha cá — ele disse, dando tapinhas no espaço a seu lado.

— Não, obrigada. — E fiquei na escrivaninha.

Nate se levantou.

— Ah, por favor, Pen. Eu fui sincero em cada palavra dos e-mails. Não é possível que você ainda esteja chateada comigo. — Ele se aproximou e colocou as mãos nos meus ombros.

O toque dele costumava ser tudo o que eu desejava. Minha vida costumava girar alegremente em função de momentos como esse — nós dois sozinhos, nós dois em segredo. Na minha lista não escrita de namorados costumava haver apenas um nome. Meu amor costumava fazer dele uma pessoa bonita, não importava como se comportasse, não importava o que fizesse.



— Diga-me o que posso fazer para consertar as coisas — ele sussurrou, inclinando-se para massagear meus ombros.

— Bem — eu disse —, você pode começar tirando as mãos de mim.

Ele continuou.

— Você costumava gostar quando eu fazia isso.

Eu me levantei e o afastei.

— É, eu costumava gostar de um monte de coisas idiotas.

Ele parecia genuinamente magoado.

— Não diga isso, Penny. Eu sei que as coisas não terminaram bem entre a gente, mas não foi tão ruim assim.

— Você só pode estar brincando. — Nem ao menos me dei o trabalho de controlar a minha voz.

Ouvi passos ruidosos nas escadas e, em alguns segundos, Rita estava em meu quarto.

— Veja se me dá uma ajudinha, cretino, e se afaste da minha irmã.

Eu me virei para Rita:

— Na verdade, Rita, feche a porta. — Ela colocou a mão na porta. — Não, quero dizer, deixe a gente sozinho. — Rita fechou a porta atrás de si.

Nate parecia triunfante.

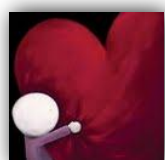
— Está vendo? Agora sim. — Ele veio em minha direção, mas eu estendi a mão, fazendo-o parar.

— Pare.

— Por que você sempre tem de se fazer de difícil? — Ele piscou para mim.

Senti meu rosto ficar quente. Eu estava reunindo todas as minhas forças para não dar um soco na cara dele.

— Como pode aparecer aqui e achar que depois de tudo o que fez comigo eu vou simplesmente perdoar você? E-mails e mensagens de texto engraçadas não vão



mudar isso.

Então Nate foi tomando por algo. Uma estranha calma, como se a resposta fosse a mais óbvia do mundo, pelo menos para ele.

— Achei que fosse me perdoar porque eu amo você — ele disse.

E ele acreditava naquilo. Ele era um falso, um traidor, um mentiroso, um cretino. Mas naquele exato momento ele precisava que aquilo fosse verdade.

— Nate, você não pode fazer isso. Não pode dizer isso. Você mentiu para mim. — Eu começava a sentir o gosto de bile em minha garganta. — Nate, você mentiu para mim.

— Eu disse o que você queria ouvir — disse ele, voltando para a defensiva.

— Bem, você já pensou que talvez eu quisesse ouvir a verdade?

Percebi o que estava acontecendo: no momento em que o desafiei, aquele “eu amo você” desapareceu.

— Quer saber, Pen? Não, não pensei nisso, porque você não queria ouvir a verdade. Você construiu um conto de fadas idiota sobre nós desde que éramos pequenos, então, sim, fiz o que achei que você quisesse.

— Você me usou.

Nate jogou as mãos para o alto.

— Como se eu tivesse ido muito longe.

Meu corpo começou a tremer.

— Foi longe o bastante.

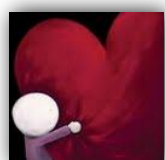
— Tanto faz. Acho que você me deve pelo menos um obrigada.

— O quê? — Eu devia ter ouvido errado.

Um sorriso se espalhou pelo rosto dele.

— O Lonely Hearts Club? É obvio que você começou isso por minha causa.

Meu queixo praticamente caiu até o chão. Ele acha que eu devia agradecer.



— Ah, fale sério, você precisava me esquecer, então começou esse clube. Seja sincera. Fico até um pouco lisonjeado, gata.

Olhei para ele completamente chocada.

Tentei me lembrar do que Rita dissera sobre ser superior. Eu podia dizer a ele calmamente que estava errado, ou soltar o verbo. Eu podia ser superior, ou podia me comportar como qualquer adolescente de 16 anos.

Como se houvesse escolha.

— Para começar, se me chamar de gata de novo, nenhuma junta médica do mundo vai poder dizer que um dia você foi um garoto.

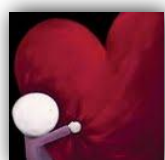
Afinal de contas, eu tinha apenas 16 anos.

O sorriso desapareceu do rosto de Nate.

— Sério, não sei o que vi em você. Você é um ser humano completamente egoísta. Não só isso: não chega bem perto de ser tão bonito quanto acha que é, e acrescenta a uma conversa tanto quanto um saco de pedras faria. Acredito que as pessoas aprendem com seus erros, e então deixe eu dizer uma coisa: você foi um erro gigantesco. Não só nunca mais vou cometer um erro como esse, como nunca mais vou ter que aturá-lo. — Fui até onde ele estava sentado e cheguei bem perto do rosto dele. — Você vai arranjar um emprego em Chicago no próximo verão e vai ficar por lá com alguém. Não vai passar nenhum verão com a gente, entendeu?

— Você não pode me obrigar a fazer nada. — Ele cruzou os braços

— Ah, não posso? Está bem. — Eu o agarrei pelo braço. — Então vamos lá embaixo agora contar a minha mãe exatamente o que aconteceu no último verão, e eu quero dizer tudo. — Nate ficou paralisado — Vamos, Nate, já que você acha que não fez nada de errado, qual é o problema? Acho que minha mãe adoraria ouvir o que você fez comigo, especialmente porque estava fazendo muito mais coisas com um monte de garotas ao mesmo tempo. Nossa, talvez eu tenha sorte e consiga estar presente quando ela contar tudo à sua mãe. Sinceramente, estou cansada de



guardar esse segredo. Provavelmente minha mãe vai ficar desapontada comigo por minhas péssimas escolhas e por me entregar a um imbecil. Mas por alguma razão acho que ela vai ter mais... ah, palavras a dizer a você.

Nate se desvencilhou.

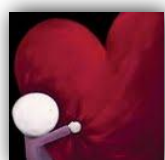
— Penny, pare com isso.

— Pare com isso o quê? Você não tem medo da minha mãe, tem? — Eu não acreditei que consegui dizer isso com a expressão séria. — Quer saber — continuei —, uma coisa boa de fato resultou desse verão. Eu mereço alguém muito melhor que você. Sempre mereci. Então acho que devia agradecer a você por ter sido um total e completo babaca, porque assim eu acordei e enxerguei o meu valor. E, no final, as pessoas que mais importam para mim são as minhas amigas, não alguém como você. Você não significa absolutamente nada. Tem razão: de certa maneira, suas ações são responsáveis pelo clube, que é a melhor coisa que já me aconteceu. Mas eu não devo nada a você.

Eu me virei e já saía do quarto, mas pensei melhor:

— E, Nate? Você beija como um cachorro babão, tem mau hálito e não saberia excitar uma garota nem se ela viesse com manual. Feliz Dia de Ação de Graças, otário.

Tudo bem, vou começar a ser uma pessoa superior a partir desse exato momento.



Trinta e Um

— VOCÊ NÃO FEZ ISSO! — Tracy berrou ao telefone depois que contei a ela todos os detalhes.

— Dá pra acreditar? Acho que peguei um pouco pesado demais no final, me senti como se incrível fosse tirado das minhas costas.

Eu estava deitada na cama, de pijama, sentindo como se flutuasse. Os Taylors tinham ido embora, e Rita me trouxera um enorme pedaço de torta de abóbora antes de ir dormir. A vida era boa.

— Sério, na próxima reunião, você vai ter de fazer uma reconstituição completa para o clube. Vou ficar mais do que feliz em fazer o papel de Nate. Eu só vou resmungar e jogar comida na minha cara. Hilário. Quem mais sabe?

— Só você e a Rita. Ela acha que sou uma deusa!

— Você precisa ligar para as meninas do clube! Todo mundo está morrendo de vontade de saber o que aconteceu.

— Vou ligar. Só não consigo acreditar que me encontrar com ele acabou sendo uma coisa boa. Não sei onde eu estava com a cabeça. Ele mudou tanto...

— Penny, não foi o Nate que mudou, foi você. Você sabe que nunca gostei dele. Eu sempre disse que você merecia alguém melhor, mas você nunca me escutou e agora sabe a verdade. Muito bom, né?

Muito bom mesmo.

Cai na cama exausta depois de ligar para Diane, Jen, Amy e Morgan.

Eu conseguira. Enfrentara Nate.



Fui até a escrivaninha, peguei meu velho diário e abri na última anotação. Aquela que tinha partido meu coração tantas vezes no passado. Passei o dedo pelas marcas que a caneta deixara no papel. Havia tanta dor naquelas palavras! Mas agora eu sabia que tudo ficaria bem.

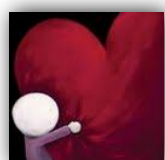
Peguei uma caneta na escrivaninha e escrevi abaixo da minha anotação que começava com "Yesterday". Eu não iria reescrever a história, só estava lembrando a minha mesma de que era capaz de me recuperar de uma decepção amorosa, se acontecesse de novo.

... Eu vou me recuperar.

É, eu ia me recuperar. Pode colocar meu coração em risco e me recuperar, e tudo que me fizesse sofrer, no fim, só me deixaria mais forte.

Eu realmente merecia tudo o que queria: alguém que me calorizasse, alguém em quem pudesse confiar, alguém que gostasse de mim como eu sou.

Senti um aperto no coração quando pensei em Ryan.



Trinta e dois

— Agora, Penny Lane, esse vai ser nosso segredo. Me dê o seu mindinho. — Papai estendeu o dedo mindinho, e eu preendi o meu no dele. — Sua mãe me mataria se soubesse que fizemos isso com todas as sobras da casa.

Papai e eu tínhamos ficado sozinhos na hora do jantar no sábado e não aguentávamos mais olhar para as sobras de tofu... então jogamos tudo pelo ralo da cozinha. Mamãe nunca acreditaria na história de que eu tinha ajudado papai a acabar com as sobras.

— Então, o que o clube vai fazer hoje à noite? — papai perguntou.

— Vamos ao cinema, assim vocês não precisam se preocupar com zilhões de garotas gritando aqui em casa.

Papai sorriu.

— Bem, isso é um alívio. Nada de caraoquê?

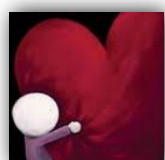
Ugh, era por isso que íamos sair — para tentar distrair Jen da festa do fim de semana seguinte. Ela estava surtando completamente por causa disso. Eu não apenas tinha concordado em cantar uma música sozinha, mas também prometera cantar com o clube uma versão de “Sgt. Pepper’s Lonely Hearts Club Band”.

O telefone tocou e papai foi atender.

— Ah, oi, Ryan — ele disse depois de ouvir a pessoa do outro lado da linha por um momento.

Não pode ser...

Olhei para papai, e vi que sua testa estava se franzindo.



— Não, não, você fez a coisa certa. Cego ao consultório em cinco minutos.

Emergência médica.

— Está tudo bem?

— Não, na verdade era Ryan Bauer. A irmã dele caiu, bateu com a boca em uma mesa e está sangrando. Tenho de ir até o consultório. — Ele pegou o casaco. — Penny Lane, poderia vir comigo? Posso precisar de ajuda.

— Hum...

— Além disso — ele acrescentou —, Ryan parece um pouco nervoso. Talvez seja bom para ele ter uma amiga por lá.

Antes que eu pudesse protestar, papai jogou meu casaco em cima de mim e saiu porta afora.

Ryan estava esperando por nós quando chegamos. Ele segurava a meia-irmã de 8 anos, Katie, nos braços, e o longo cabelo preto dela estava escondendo o rosto. Papai foi até ele e tocou a cabeça de Katie.

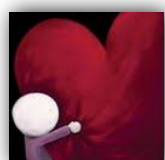
— Querida — ele disse a ela —, vai ficar tudo bem. — E me deu as chaves. — Penny Lane, abra o consultório, acenda as luzes da minha sala, ligue tudo e pegue um kit de instrumento esterilizado.

Ryan olhou para mim ao perceber que eu estava com meu pai, e vi em seus olhos que ele estava em pânico.

Procurei nervosamente as chaves e fui para o consultório. Acendi as luzes e corri para a sala de exames de papai. Automaticamente, liguei todos os aparelhos, peguei um kit de instrumentos esterilizado e o coloquei na bancada.

Os soluços de Katie ficavam mais altos conforme meu pai e Ryan se aproximavam da sala.

— Eu estava lá em cima preparando o jantar, e então ouvi um barulho. Acho que ela estava pulando e... caiu. — Ryan explicava a meu pai.



Ele colocou Katie na cadeira de dentista e papai removeu delicadamente a toalha que cobria o rosto dela. Tudo o que eu consegui ver foi sangue.

— Ah, não! — Ryan exclamou, colocou as mãos na cabeça e começou a andar de um lado para o outro.

— Vai ficar tudo bem — papai disse.

Não sabia se ele estava falando com Ryan ou com Katie.

Corri até o escritório, peguei Abbey, a Morsa, e voltei. Ele estava examinando Katie, que chorava ainda mais.

— Aqui, querida.

Eu me aproximei e entreguei a ela o bicho de pelúcia com o qual eu costumava a brincar quando tinha a idade dela. Hesitante, Katie pegou a morsa e depois se agarrou a ela como se sua vida dependesse disso.

— Tudo bem, alguns dentes estão um pouco moles, mas vai ficar tudo certo. Vou só limpar a ferida e depois tentarei estabilizar os dentes. — Papai olhou para Ryan, que parecia prestes a desmaiar. — Penny Lane, por que não leva Ryan para a sala de espera? — Papai continuou, mesmo depois de Ryan começar a protestar. — Ryan, acho melhor você esperar lá fora. Já fez tudo o que podia.

Eu saí, e Ryan me seguiu. Sem pensar, coloquei a mão no ombro dele.

Ele despencou no sofá da recepção e colocou as mãos no rosto.

— Minha mãe vai me matar.

Sentei-me ao lado dele e passei o braço sobre seus ombros.

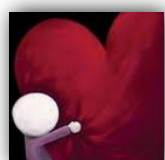
— Ryan, você não fez nada de errado.

— Tem tanto sangue.

— Mas é só porque o sangue está misturado com a saliva, então parece pior do que realmente é — garanti.

Ele levantou a cabeça.

— Por que você está aqui?



Eu não sabia dizer se ele estava com raiva ou vergonha.

— Meu pai, ele, hum, pensou que talvez precisasse de ajuda... e que você talvez precisasse de uma amiga. — Peguei a mão dele e apertei.

O celular de Ryan tocou e ele deu um pulo.

— Oi, mãe... não, consegui falar com o Dr. Bloom... É... ta... ta... Pode deixar... Tchau.

— Você tem que acreditar que isso não foi sua culpa — eu disse depois que ele desligou. Ele apenas olhou para a frente. — Hum, quando eu tinha 2 anos, Lucy devia tomar conta de mim. Ela só tinha 10 anos na época, então provavelmente foi irresponsabilidade dos meus pais pedirem isso a ela. Lucy me deixou subir na cama de cima do beliche no quarto dela e o restante você deve imaginar: eu caí do beliche direto no chão. E, como você sabe, fiquei quase normal. — Bati de leve meu joelho no dele. — Ou talvez não...

Ele riu.

— Sei que ela vai ficar bem, mas minha mãe falou de um jeito que parecia que estava realmente decepcionada comigo, e Cole é tão superprotetor em relação a Katie. É que... você tem idéia de como é cansativo ser eu, as vezes?

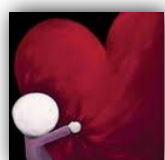
Olhei para ele sem acreditar.

— Ryan, ninguém espera que você seja perfeito.

— Tá bom, diga isso aos treinadores e a meus pais.

Eu nunca tinha pensado nisso. Sempre achei Ryan perfeito.

— A culpa é minha — ele continuou. — Eu me mato para corresponder as expectativas dos outros. Só uma vez na vida eu queria matar aula, beber em uma festa, nem sempre dizer a coisa certa. Parece que já estou ouvindo meus pais: “Você deveria ter ficado tomando conta dela, Ryan”, “Onde você estava com a cabeça, Ryan?”, “Que irresponsabilidade, Ryan”, “Estamos muito decepcionados, Ryan”. Isso é o pior, quando eles dizem que estão decepcionado comigo, como se eu não



pudesse fazer uma besteira de vez enquanto. Só fico feliz porque meu pai não precisa ficar sabendo disso. — Era a primeira vez que Ryan mencionava o pai desde que ele tinha deixado de ir ao jogo no início do ano. — Se eu tiver de ouvi-lo dizer mais uma vez um é a mesma coisa que um oito, e que eu nunca vou conseguir entrar para uma boa faculdade se não tirar dez em todas as matérias... Como se eu quisesse seguir os passos dele e me tornar um cretino egoísta.

Fiquei boquiaberta.

Ele parecia horrorizado.

— Desculpe-me... Eu não devia ter... Eu não quis...

— Tudo bem. — Passei a mão no braço dele. — Você só está muito nervoso por causa da Katie, só isso. Tem... muita coisa acontecendo ao mesmo tempo.

Ele se virou para mim, e parecia muito cansado.

— Eu sei que você acha que estou exagerando, mas passo tanto tempo fazendo cosias para não decepcionar as pessoas... E o que eu quero?

— O que você quer?

— Isso tem alguma importância? — ele respondeu enquanto encostava a cabeça na parede.

— Tem, se for importante pra você.

— Bem, eu não posso ter o que quero, então, o que importa?

Era um lado tão diferente do Ryan! — ele estava muito vulnerável. Fez com que eu gostasse dele ainda mais. Segurei sua mão de novo.

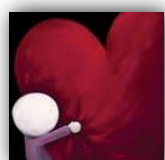
— Ryan, você é uma pessoa incrível, e merece ter tudo o que quiser.

Ele olhou para a minha mão na dele.

— Eu não sou burro, então estou disposto a abrir mão de algumas coisas.

Eu fiquei confusa; eu não fazia idéia do que ele estava falando. Ele estendeu a mão livre e pegou meu queixo.

— Sei que tudo tem estado estranho, mas será que, por favor, as coisas



podem voltar ao normal entre nós?

Eu não sabia mais se isso era possível. O que era normal aquela altura?

Fiz que sim.

— Sinto muito por tudo. A Rosanna foi uma...

— Eu sei — ele disse, recolhendo a mão que estava em meu queixo e a que estava enlaçada na minha.

Tive vontade de pegar de novo a mão dele, mas resisti.

— Bem. — Eu bati de leve no joelho dele. — Olhe só como são as coisas: você vem aqui com sua irmã e acaba fazendo com que eu me sinta melhor.

— Pois é, deixe com o Sr. Perfeito.

Eu ri.

— Acho que não. Não se esqueça de que eu o ouvi cantando durante o show, e você tem um pequeno problema de afinação. Eu diria que está longe de ser perfeito.

Ele balançou a cabeça e ficamos sentados em silencio. Comecei a cantar com os lábios fechados a musica ambiente que tocava ao fundo.

— Ah, meu Deus! — eu disse.

Ryan olhou para mim.

— O que foi?

Eu balancei a cabeça.

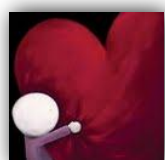
— Nada, é só que... — Fui até o balcão da recepção e aumentei o volume. — Parece apropriado, você não acha? — Comecei a cantar junto com a musica.

“Won’t you please, please help me”.

Por favor, por favor, me ajude.

— Você não faz ideia. — E deu o que pareceu ser um suspiro de alivio.

Papai apareceu alguns minutos depois, trazendo Katie pela mão. A boca parecia um pouco melhor, a não ser pela gaze que papai colocara para ajudar a



estancar o sangramento. Ryan se levantou do sofá de um pulo e se ajoelhou para abraçá-la.

— Dr. Bloom, muito obrigado. Desculpe-me por ter ligado para sua casa, mas eu não sabia o que fazer.

Meu pai apertou a mão do Ryan.

— Não se preocupe. Você fez a coisa certa.

Katie veio até mim e estendeu Abbey, a Morsa, em seus bracinhos. Eu me curvei.

— Sabe, acho que você pode precisar do Abbey mais que eu.

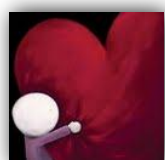
O rosto dela se iluminou, ela correu até Ryan e agarrou a perna dele.

— Bem, acho que é melhor a gente ir. Obrigado de novo, Dr. Bloom. — Então se inclinou e me deu um beijo na bochecha.

Eu vi o olhar de surpresa de papai. Quando os levamos até a porta, ele olhou para mim.

— Então... esse Ryan. Grande sujeito, hein?

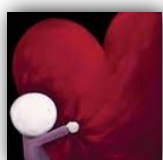
Você não faz ideia, pensei.



With a Little Help From My Friends

“ I get by with a little helpe from my friends...”

Eu sigo em frente com uma pequena ajuda dos meus
amigos...



Trinta e Três

GERALMENTE, DEPOIS DE UM FERIADO, eu detestava ter de ir para a escola. Mas mal podia esperar para ver Ryan. Para ver se as coisas estavam realmente bem entre nós.

Voltamos logo a ser como antes, e eu praticamente corria para o armário nos intervalos entre as aulas. Em vez de apreensiva, ficava ansiosa pelas provocações dele. Em geral, eu enumerava motivos pelos quais ele não era perfeito, e ele comentava sobre o desastroso formato da minha cabeça, devido ao traumatismo após a queda do beliche.

— Pensando bem, eu nunca a vejo usar chapéu... É por causa do seu, você sabe, acidente? — Ele puxou meu cachecol enquanto eu abotoava o casaco.

— Hum, deixe eu pensar... Nunca o vi tocando um instrumento musical. Será que é por que é completamente inepto em qualquer coisa relacionada com música?

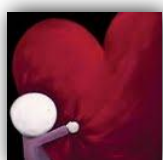
Enrolei o cachecol em volta do pescoço de forma que batia na cabeça dele toda vez que eu dava mais uma volta.

— Ah, desculpe-me...

— Penny!

Ouvi alguém gritar do outro lado do corredor. Vi Jen correndo na minha direção, e Tracy logo atrás.

Ouvi alguém gritar do outro lado do corredor. Vi Jen correndo na minha direção, e Tracy logo atrás.



Isso não podia ser bom.

Tracy deu a notícia.

— O diretor Braddock disse que não podemos mais fazer a noite de caraoquê no ginásio.

— O quê? — eu gritei. — É daqui a quatro dias!

Jen respirou fundo.

— Ele disse que parece que virou um evento do Lonely Hearts Club e que, por isso, não pode mais ser na área da escola.

— Isso não faz o menor sentido — protestei. — Estamos arrecadando dinheiro para o time de basquete. Só estamos ajudando porque você é nossa amiga. Todo o mundo está convidado.

Jen colocou a cabeça entre as mãos.

— Eu simplesmente não sei o que fazer. Trabalhamos tanto...

Tracy se sentou e colocou o braço em volta do corpo trêmulo da Jen.

— Tudo bem, a gente só vai ter de adiar até...

— Adiar coisa nenhuma! — declarei. Tracy e Jen me olharam, surpresas. — Vamos fazer essa festa e arrecadar tanto dinheiro que o time de basquete vai ter os melhores uniformes da história dessa escola.

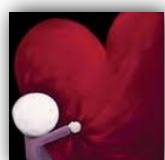
Tracy olhou para mim como se eu estivesse ficando louca.

— Mas, Pen, não podemos usar a escola.

— Então vamos encontrar outro lugar. Estou cansada de todo esse drama. Sério, qual é a vantagem de termos o clube, se não pudermos encontrar um jeito de superar esses pequenos obstáculos?

— Mas já distribuímos todos os panfletos... — Jen argumentou.

— Vamos fazer outros. Que se dano o diretor Braddock! Vamos mostrar a ele quanto poder nós realmente temos. — Agora, até eu estava um pouco surpresa comigo mesma. — Vamos para minha casa. Precisamos dar alguns telefonemas.



Em menos de uma hora, todas as trinta meninas do clube estavam em minha casa, prontas para entrar em ação. Meus pais pediram pizza para o grupo enquanto analisávamos nossas opções.

— Ainda acho que todos os pais deveriam se reunir e falar com Braddock — papai disse, abrindo uma caixa de pizza e pegando mais uma fatia.

Eu balancei a cabeça.

— Não, precisamos fazer isso por conta própria, e mostrar a ele que podemos andar com nossas pernas. Podemos resolver qualquer coisa que ele apronte pra cima de nós.

Papai concordou enquanto mastigava, olhando ao redor, claramente feliz por estar em meio a toda aquela agitação.

— Tudo bem, é o seguinte — Eileen Vodak disse ao entrar no portão —, meu tio deixa a gente usar o salão de festas do Bowlarama de graça, mas como vai ser num sábado à noite e ele vai ter de dispensar clientes pagantes, pediu para não levarmos comida, assim as pessoas comprem refrigerante e salgadinhos. Ou, se dermos cinco dólares por pessoa, eles fazem o bufê do evento, com refrigerante, batata frita e coisas do tipo.

— Mas isso vai diminuir a arrecadação — Jen respondeu, enquanto se sentava, nervosa, no chão.

— Quantas pessoas exatamente vocês estão esperando? — papai perguntou.

Jen brincou com sua fatia de pizza de pepperoni intocada.

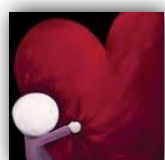
— Não faço ideia... Umas cinquenta?

— Cinquenta pessoas mal cobrem o time de basquete e o clube — Diane lembrou.

— Uau, é verdade. Acho que umas cem ou cento e cinquenta.

Jen começou a fazer cálculos no seu bloquinho.

Papai espiou por cima do ombro de Jen o que ela estava escrevendo.



— Pensando bem, Jen , acho que o Consultório Dentário Bloom ainda não fez sua doação para o time de basquete este ano. O que acham disso: vocês organizam tudo, e eu pago a bebida e os petiscos?

Jen olhou para meu pai com seus grandes olhos azuis e, pela primeira vez naquela noite, sorriu.

— Dr. Bloom, muito obrigada. — Ela se levantou e deu um abraço nele. — Prometo que vou passar fio dental todos os dias!

Papai riu.

— Bem, isso é ótimo.

Acho que isso deve ter sido mais importante para ele que salvar o time de basquete.

— Tudo bem. — Jen mordeu nervosamente o lábio. — Acho que agora precisamos avisar a todo o mundo que o local mudou. Temos panfletos... Acho que vai ser suficiente.

Ela não parecia convencida.

— Devíamos fazer um aviso no sistema de alto-falantes da escola. — Tracy disse, desenhando um microfone em um quadro de folhas de papel.

— Mas até parece que Braddock vai deixar! Se ao menos eu descobrisse uma maneira de entrar lá.

— Você não pode fazer isso — Diane disse a ela.

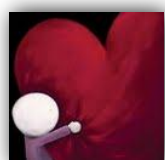
— Bem, eu sei. Estava só brincando — Tracy respondeu.

Diane se levantou.

— Não, estou dizendo que você não pode, mas eu posso.

Olhei aflita para o relógio e respirei fundo para me acalmar. Queria que Diane conseguisse fazer o anúncio e que não fosse suspensa por isso.

Como presidente do Conselho Estudantil, Diane era responsável pelos avisos



às sextas de manhã. Geralmente, ela apenas editava os anúncios que todos os clubes tinham enviado durante a semana e deixava que os outros membros do conselho os lessem ao microfone.

Não dessa vez.

Hilary Jacobs e eu trocamos olhares quando o sinal tocou, e todo o mundo começou a sentar-se em seus lugares.

Tínhamos distribuído novos panfletos ao longo da semana no estacionamento da escola. Precisamos fazer vários turnos para nos certificarmos de que não seríamos pegas. Uma garota ficava do lado de fora da sala do diretor com o celular em punho, enquanto outras duas monitoravam a saída perto do estacionamento. O restante de nós ficava cada uma em uma fileira de carros do estacionamento, distribuindo os panfletos. Outro grupo vinha depois, e se certificava de que ninguém tinha jogado panfleto no chão, para que não houvesse provas.

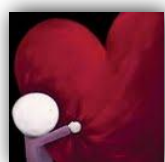
De acordo com o que eu sabia, o diretor Braddock não fazia nem ideia de que ainda faríamos a noite de caraoquê. Mal podia esperar para ver a cara dele quando Jen aparecesse com o dinheiro, na segunda.

O ruído do alto-falante soou.

— Bom dia a todos, e feliz sexta-feira — Diane anunciou. — Esses são os avisos da semana. A venda anual de flores do Key Club começa na semana que vem. Os cravos custam um dólar e vocês podem...

Eu mal conseguia me concentrar nos avisos, de tão nervosa por Diane. Rezei para que o diretor Braddock não estivesse por perto e para que ela tivesse tempo suficiente para dar o aviso.

— E finalmente, por favor, anotem aí que a noite de caraoquê para arrecadar fundos para o time feminino de basquete, no sábado, às sete da noite, mudou do ginásio para o Bowlarama, na Cook Street. — Ouviu-se um barulho ao fundo, mas



Diane parecia calma como sempre. — A entrada custará cinco dólares, o que inclui comida e bebida. Esperamos todos no sábado à noite no Bowl...

O alto-falante ficou mudo.

— Você é minha heroína, Diane — Jen me disse, a caminho do Bowlorama. Ela estava radiante enquanto comprávamos os ingressos. — Já tem tanta gente! Tenho que olhar a lista de músicas. Queria lembrá-las de que vocês ainda não estão dispensadas.

Eu não queria me lembrar disso.

Diane sorriu para ela enquanto pagava a entrada.

— Ei, eu me sacrifiquei pelo time. Qualquer um teria feito a mesma coisa.

Eu não sei quantas pessoas aceitariam tão bem o fato de serem suspensas do jogo de basquete de terça e terem seu direito de fazer anúncios no alto-falante revogado, mas Diane estava exultante.

Entramos no salão lotado — já devia haver bem mais de cento e cinquenta pessoas lá dentro. O local era escuro e pequenas luminárias pendiam do teto. Era bonitinho para uma pista de boliche.

Vi o palco lá na frente, com um grande holofote e um monitor no qual apareceriam as letras das músicas. Enquanto caminhávamos para lá, Jen veio correndo.

— Isso vai ser um completo desastre!

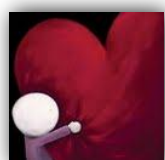
— Tudo parece ótimo, e olha quantas pessoas estão aqui, o que poderia dar errado? — perguntei.

— Erin está doente, completamente sem voz.

Uau, Jen realmente precisava relaxar. Com todo o drama das semanas anteriores, eu realmente não achava que uma pessoa doente fosse um desastre.

— Jen, tem um monte de gente que vai cantar, não se preocupe.

— Mas quem vai começar? Todo o mundo que pôs o nome na lista se recusa



a ir primeiro. Por favor, Penny, você precisa me ajudar.

Olhei em volta e notei que Tracy tinha desaparecido.

— Sério, Jen, você não quer minha ajuda. Se eu for a primeira a cantar, vou esvaziar o salão.

— Por favor, Penny. Todo mundo está contando com você. Se você cantar, tenho certeza de que o restante do clube canta também.

Tudo bem, eu estava errada. Aquilo seria um desastre.

— Tudo bem.

— Obrigada, obrigada. Eu fico lhe devendo essa.

Ah, fica mesmo. Não vou me esquecer disso tão cedo.

Fui andando até as cinco mesas do clube, bem na frente.

— Tudo bem, gente, eu vou primeiro. Quem quer ir comigo?

Dava pra ouvir um alfinete caindo. Pela primeira vez desde que o Lonely Hearts Club começara, ninguém me olhou nos olhos.

— Sério, gente, se formos todas juntas, como um grupo, não vai ser tão ruim.

— Por favor, por favor, alguém precisa ir comigo. — Ninguém?

Tracy estava brincando com o saco de batatas fritas e se recusava a fazer contato visual.

Até você, Tracy?

Aquilo era ridículo. Era só cantar uma música.

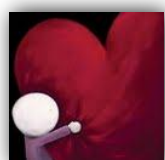
Jen olhava para os lados, nervosa. Se eu não fizesse alguma coisa logo, ela ia ter um treco.

— Tudo bem, Jen, vamos acabar logo com isso! Que música vou cantar?

Uma expressão de alívio se espalhou pelo rosto dela.

— Qualquer música que você quiser. Lembre-se: temos Beatles!

Embora amasse os Beatles, eu me achava um pouco ridícula cantando músicas deles na frente dos outros. Como Ryan tinha aprendido, só havia quatro



peessoas que podiam fazer jus àquelas músicas, e eu não era uma delas.

Comecei a folhear a pasta nervosamente, mas nada parecia chamar minha atenção. Eu precisava de algo que não fosse difícil de cantar e que talvez as pessoas se animassem a me acompanhar. Nada parecia adequado, então pensei que talvez o jeito fosse cantar um velho sucesso. Estava folheando a seção B, e começava a dar uma olhada nas músicas dos Beatles, quando encontrei.

Perfeito.

Tudo bem, eu não era um Paul, nem um John, nem um George, mas talvez só talvez, eu pudesse ser um Ringo.

Subi relutante no palco e, quando o clube começou a aplaudir, dei a todas elas um olhar raivoso. Traidoras. Minhas mãos tremiam enquanto eu olhava a pequena multidão à minha frente — parecia que a escola inteira estava lá. Perto do fundo, vi Ryan batendo palmas para mim. Comecei a sorrir, até notar quem estava em pé ao lado dele: Missy. Como ele podia ficar perto dela, depois de tudo o que tinha acontecido?

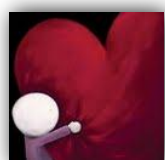
E mais importante, o que diabos eu fazia no palco?

Jen pegou o microfone.

— Muito obrigada por terem comparecido a este evento de arrecadação de fundos para o time de basquete. Todo o lucro obtido hoje à noite vai ajudar a custear nossos novos uniformes. Então, não sejam tímidos: venham aqui em cima pedir uma música. Dando início às festividades, ninguém menos que a Srta. Penny Lane Bloom.

Ouvi gritos, mas me concentrei no monitor, tentando controlar a respiração. Eu não precisava ler a letra, mas não conseguia olhar para a plateia.

A música quase não tinha introdução, então, quando notei, já estava cantando, perguntando a todos “what would you do if I sang out of tune, would you stand up and walk out on me?” — eles se levantariam e me dariam as costas?



Até agora não.

Mas, se eu continuasse a cantar, isso certamente aconteceria, e, sério, acho que não seria nada mal.

Fechei os olhos e comecei a me mexer no ritmo da música enquanto cantava. Olhei para a primeira fila: Por favor, me ajudem. Eu não estava apenas implorando, na verdade estava cantando por ajuda. A platéia começou a bater palmas acompanhando a música.

Fui andando até o lugar no qual Diane e Tracy estavam sentadas, incentivando-me. Apontei para elas enquanto continuava a cantar: “ I get by with a little help from my friends.” Fiz um gesto para que elas se juntassem a mim no palco.

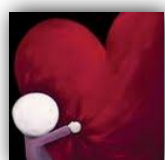
Diane entendeu a deixa e subiu no palco, arrastando Tracy. Morgan e Amy foram em seguida, e até Erin foi parar lá em cima — ela não perderia uma oportunidade de ser o centro das atenções.

Todas nos juntamos ao microfone, e o restante das integrantes do clube ficou de pé e bateu palmas no ritmo da música. Peguei o outro microfone e fui para a plateia. Comecei a dançar com as outras meninas, que passaram a se alternar ao microfone

E, sim, de alguma maneira eu fui em frente com uma pequena ajuda das minhas amigas.

A música terminou, e fomos ovacionadas. Voltei a me juntar a elas no palco e nos cumprimentamos, batendo as mãos espalmadas umas nas outras. Jen estava dando pulinhos, e algumas pessoas entraram na fila para escolher músicas.

Teve de tudo, desde garotas cantando músicas de boy band até o time de futebol americano interpretando uma versão desafinada de “We Are the Champions”. Até Morgan e Tyson fizeram um dueto fofo. O Clube não se cansava de cantar. Mas o mais importante: Jen estava cheia de grana.



Quando Morgan, Eileen, Meg e Kara terminaram de cantar “We Are Family”, nós estávamos de pé novamente.

Eu me sentei ao lado de Tracy e roubei uma batata do pacote dela.

— Ah, meu Deus, Penny! — disse ela.

— Relaxe, Tracy, é só uma batata.

Ela apontou para o palco. Eu vi Ryan em pé, sozinho. Comecei a rir — ele estava tentando provar para a escola inteira que era completamente imperfeito? Ele olhou para mim e deu uma piscadinha.

— O que foi? — perguntei.

Tracy me olhou com os olhos arregalados.

— Você viu a música que ele escolheu?

A música começou, e senti um aperto no coração.

Reconheci a canção imediatamente.

Como não reconheceria?

Meu nome era em homenagem a ela.

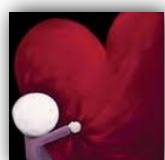
O clube inteiro olhou para mim quando Ryan começou a cantar “Penny Lane” Inacreditavelmente desafinado. Eu queria sentir vergonha por ele enquanto ele se esforçava para cantar o primeiro verso, mas estava tentando controlar minha emoção enquanto todos olhavam de Ryan para mim e de mim para Ryan.

Tive de me concentrar na respiração. Eu estava tão comovida! Não podia acreditar que aquilo estivesse acontecendo, que Ryan estivesse fazendo aquilo na frente de toda a escola.

Ele gostava de mim. Muito, muito mesmo.

E eu gostava dele. Muito, muito mesmo.

Não podia mais negar meus sentimentos e dizer a mim mesma que eu não poria o clube em risco. Como poderia não querer ficar com alguém como ele? Por quanto tempo continuaria a lutar contra isso? Por quanto tempo mais eu iria mentir



para mim mesma?

Os primeiros versos terminaram e Ryan deu um passo para trás, como se tivesse se dando conta do grande erro que tinha cometido. Foi de partir o coração de muitas maneiras! De repente, Diane pulou de sua cadeira para ajudá-lo. Um segundo depois Tracy se juntou a eles, seguida pela maior parte do Lonely Hearts Club. Ryan pareceu imediatamente aliviado por ter esse apoio. Eu sabia exatamente como ele estava se sentindo.

E também sabia que haveria muita fofoca depois disso.

Mas, no momento, eu não estava nem aí. Aquela era simplesmente a coisa mais legal que um cara já fizera para mim.

Tudo bem, “Penny Lane” não era uma grande canção de amor, mas para mim era o maior gesto romântico que uma pessoa poderia fazer. A música terminou, e eu ovacionei o grupo de pé. Olhando para todo o mundo, menos para Ryan, tive um breve ataque de pânico. O que eu deveria fazer agora? Quem sabe, uma vez que todo o clube se juntara a nós, as pessoas não se concentrariam tanto em mim e no Ryan?

Altamente improvável.

Ryan desceu do palco e veio até mim.

— Caso não tenha percebido — disse ele —, a música foi para você.

Eu sorri, sem saber exatamente o que dizer a ele.

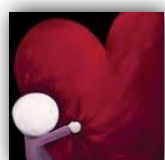
— Tudo bem, só temos tempo para mais uma — Jen anunciou ao microfone.

— Penny?

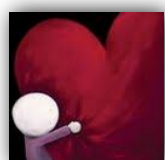
— Eu, hum, preciso ir — eu disse, mas apertei a mão dele antes de ir para o palco.

A última música começou, e todo o clube estava no palco cantando “Sgt. Peppers’ Lonely Hearts Club Band”.

“We hope that you enjoyed the show”. Esperamos que vocês tenham gostado do



show.



Trinta e Quarto

Tracy, Diane, Jen, Laura e eu fomos para o estacionamento com a sensação de que a noite tinha sido um sucesso.

— É, meninas, arrecadamos mais de três mil dólares! As pessoas me subornavam para eu colocar seus nomes no início da lista — Jen me disse enquanto segurava o envelope de dinheiro com toda a força.

— Isso é fantástico, Jen, parabéns! — disse Diane.

— Ora, ora, vejam quem vem vindo: a Srta. Penny *Maldita* Lane! — Nos viramos e vimos Todd, com os casais de sempre: Brian e Pam, Don e Audrey, Ryan estava logo atrás dele. E Missy estava lá também. Mas não dava para saber se com Ryan ou Todd... ou apenas com o grupo.

Ryan tentou segurar Todd pelo ombro, mas ele o afastou.

— Todd, você está bêbado? — Diane perguntou, impassível.

— Vai se ferrar, Diane.

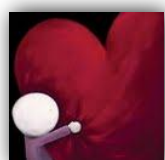
Todd estava *claramente* bêbado, andando entre os carros. Eu não o vi durante a maior parte da noite. Sei que o teria ouvido minha musica... e de Ryan.

Ryan tentou mais uma vez levar Todd para o carro, dessa vez Todd o empurrou.

— Ryan, você é tão patético!

— Ah, claro, ele é patético.

Demorei alguns segundos para me dar conta de que eu dissera aquilo. De repente, Todd veio para cima de mim.



— Fique fora disso, Bauer. Isso é entre mim e a sapatão aqui.

Tentei desviar meu rosto do bafo horroroso de Todd.

— Do que você está falando, hein, Todd? — perguntei. Ryan se aproximou, e perdi a paciência. — Eu sei me cuidar, Ryan!

Ele me afastou um pouco, mas manteve os punhos cerrados, como se estivesse pronto para entrar na briga a qualquer momento.

Todd continuava me encarando.

— Sabe, só porque você é tão patética que nenhum cara no seu juízo perfeito iria querer sair com você, não significa que tenha que sair convertendo todas as outras garotas da escola.

— Sério? Porque, se eu me lembro bem, teve uma época em que você queria sair comigo, mas aparentemente tenho um cérebro que evitou que isso acontecesse. Se o deixa feliz, vá em frente e ponha em mim a culpa de nenhuma garota querer sair com você. — Eu comecei a me afastar dele, mas Todd deu um passo à frente.

— Sério, Todd, é melhor você deixá-la em paz — Diane disse enquanto se aproximava de mim, com Tracy, Jen e Laura atrás dela.

— Ooh! — Ele se virou na direção delas e jogou os braços para o alto fingindo estar com medo. — Estou com taaaaaaaanto medo de um bando de meninas.

— Na verdade, preferimos ser chamadas de mulheres — eu disse, e em seguida mordi o lábio.

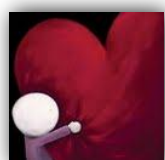
Eu não conseguia me controlar, mas sabia que só piorava as coisas.

Atrás de Todd, Missy observava tudo com pura satisfação no olhar.

Todd continuava cambaleando.

— Olhe aqui...

— Não, olhe aqui você, Todd. — Eu já estava farta daquele comportamento infantil e não deixaria que ele arruinasse nossa noite. — Talvez a razão de você não sair com ninguém a algum tempo seja o fato de que nenhuma garota em sã



consciência vai querer sair com um cara que tem o intelecto de um menino de 4 anos.

Ele se inclinou na minha direção.

— Bem, talvez a razão de os garotos a sacanearem tanto seja o fato de você ser uma vadia que só olha para o próprio umbigo. — Ele riu quando estremei.

— Quer saber? Talvez a razão de todas as meninas da escola estarem no clube seja o fato de vocês, garotos, serem todos uns babacas. Preferimos a companhia uma das outras a sair com qualquer um de vocês. — Percebi que fazia uma generalização que incluía Ryan. — Você não passa de um garotinho, Todd. Por que não volta para o campo de futebol americano de onde você veio e vai correr atrás de uma bola, em vez de ficar atrás de garotas que são dez vezes mais inteligentes que você?

Isso o tirou completamente do sério.

— Sua vadiazinha! — Ele agarrou meu pulso com força.

Senti uma onda de dor enquanto ele apertava e torcia meu braço.

Eu gritei, e Brian e Don tiraram Todd de cima de mim.

Brian segurava Todd pela cintura.

— Ela não vale a pena, cara. Não vale nem um pouco a pena. Vamos, vamos...

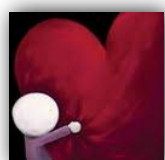
Todd se livrou de Brian e ficou de pé. Ele me mostrou o dedo médio enquanto voltava para perto de seu grupo de amigos. Missy bateu palmas quando ele voltou.

E eu é que era a vadia?

Ryan veio até mim.

— Você está bem? Eu não tinha percebido que ele estava tão bêbado.

Eu estava tremendo e meu pulso latejava, mas fora isso, tudo estava ótimo! Consegui fazer que sim, enquanto as meninas se aproximavam para se certificarem



de que eu estava bem.

Diane se virou para Ryan.

— Sério, como você pode ser amigo dele, de qualquer um deles?

Ele simplesmente deu de ombros.

— Você sabe que ele não é sempre assim.

— Ryan, Todd acabou de agredir Penny, e você simplesmente vai voltar para lá e fingir que está tudo bem? — Diane balançou a cabeça.

Ryan olhou para seus supostos amigos.

— Tudo bem, não vamos exagerar — disse ele.

— Você só pode estar brincando. — Eu olhei para ele, incrédula. — Você vai defendê-lo?

Você está do meu lado, pensei. Cantou para mim, não foi?

— Não, claro que não. É só que...

Toda frustração acumulada nas ultimas semanas transbordou. Eu estava tão indignada, que não enxergava nem um palmo diante do meu nariz.

Eu me virei para Ryan, e o calor subia por minhas bochechas. Podia sentir o acido na língua. Ele deveria ser um dos meus amigos, mas ia ficar lá parado, permitindo que aquilo acontecesse, porque não queria criar atrito com o melhor amigo idiota e seus desprezíveis companheiros de equipe.

— Uau, Ryan, que *decepção*! Você não iria querer ser você mesmo não é?

Ryan olhou para mim como se eu tivesse dado uma punhalada nele. Nós dois ficamos olhando um para o outro.

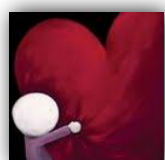
Imediatamente me arrependi.

— Eu não quis... — gaguejei.

Ele se virou e me deixou ali parada, com uma expressão de puro horror.

Como eu podia ter dito aquilo para ele na frente de todo mundo?

Tracy passou o braço em volta de mim e me levou para o carro.



— Pen, ele é um babaca, esquece tudo o que ele disse.

— Mas o Ryan...

Tracy ficou confusa.

— Eu não estou falando do Ryan, estou falando Todd.

Ah, claro, Todd.

Repassei o diálogo milhares de vezes na cabeça.

— Tome, coloque isso no pulso. Eu vou arrumar a cama. — Tracy me deu u
saco com gelo, pegou o lençol da minha mãe e começou a encher o colchão no
chão do meu quarto. — Penny, pare de se torturar por causa disso. Ele é um idiota.

Eu olhei para ela.

— Você realmente acha que incomodamos tantas pessoas assim na escola
quando começamos o clube? Primeiro, o diretor Braddock, agora...

— Sente-se aqui. — Ela sentou na minha cama e deu tapinha no almofada a
seu lado. — Penny, o clube é uma das coisas mais importantes que já fizemos. Todd
Chesney é um idiota. Fim de papo. Não o deixe estragar o sucesso que foi nossa
noite.

Eu olhei para meu pijama de flanela e abracei minhas pernas, apoiando meu
queixo no joelho.

— Só não quer ser responsável por deixar ninguém chateado.

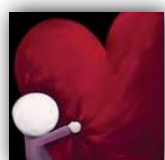
— Você sabe pelo que é responsável?

Eu dei de ombros. Não sabia mais o que pensar. Toda vez que achava que
podia dar conta do clube e ser amiga de Ryan, as coisas acabavam dando errado.

Tracy segurou meus ombros, e fui obrigada a olhar para ela.

— Você é responsável por ter deixado Kara confortável o suficiente para falar
com as pessoas sobre seu distúrbio alimentar.

A transformação de Kara realmente tinha sido fantástica. Nada mais de



suéteres largos, fotos de modelos esqueléticas no armário e uma rotina no almoço que consistia em beliscar uma salada sem molho. Agora ela estaca usando roupas que valorizavam mais o corpo, tinha fotos das amigas no armário, e não das modelos magricelas, e comia com o grupo. ainda havia um longo caminho a percorrer, mas já era um começo.

— Você é responsável por teresa ter conseguido manter a bolsa de estudos para a universidade.

Teresa acabou tirando dez na prova de cálculo, graças a Maria.

— Você é responsável pelo fato de, pela primeira vez na vida, Diane Monroe ter a própria identidade. Lembra como ela era no começo do ano?

Lembrei-me de Diane no restaurante, completamente arrasada, mas fingindo que tudo estava bem.

— E agora, toda vez que você vê Diane, ela está muito feliz por fazer parte do clube e por ter amigas. Ela realmente me surpreendeu.

Tracy não era a única pessoa a quem Diane tinha surpreendido. Eu ainda não podia acreditar que ela tivesse arriscado sua reputação com Braddock para ajudar o clube, ou que tivesse enfrentando Todd naquela noite... ou Missy, quando o artigo foi publicado.

Senti um aperto no peito e meus olhos começaram a arder.

— Essas coisas não aconteceram por minha causa. Não posso me sentir responsável por elas.

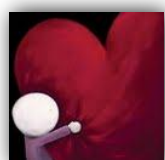
Tracy se levantou e pegou minhas mãos.

— Foi você que abriu nossos olhos. Você é a mais forte de todas nós.

meu lábio inferior começou a tremer.

— Ah, sim, sou muito forte...

— Pare com isso, Penny. Não se diminua. Você é a líder do grupo porque todo mundo a respeita, porque você apoia as pessoas e porque é uma das melhores



pessoas que já conheci. Fico tão feliz por você ser minha melhor amiga! Quantas vezes preciso repetir isso?

Tracy me abraçou, e eu abracei de volta, bastante apertado.

— Além do mais — ela continuou —, todo mundo morre de medo de mim assim que me conhece, e Diane parece a Miss Perfeição, então acho que você foi o menos dos três males. — Eu me soltei do abraço quando Tracy começou a rir. — Desculpe-me, você sabe que eu não consigo me conter. É exatamente por isso que precisamos tanto de você!

Voltei a me sentar na cama e me deu conta de que estava muito cansada. Tracy se deitou no colchão e se cobriu.

— Chega de drama por hoje. Câmbio, desligo.

Apaguei o abajur na mesa de cabeceira e me cobri. Ouvi risos que vinham de baixo.

— O que foi?

Tracy ria sem parar.

— Só queria ver a cara do Todd amanhã de manhã. Ele vai vomitar *tanto*. Vamos torcer pra ele vomitar na Missy! Eu pagaria pra ver isso!

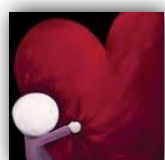
Eu ri por um segundo antes de pensar em Ryan. Eu precisava pensar em um jeito de fazer as coisas ficarem bem entre a gente — de *novo*.

Como era possível que eu fizesse parte de um grupo de meninas, mas não conseguisse para de criar problemas com um garoto?

Estremeci quando me lembrei da expressão dele.

Fechei os olhos e afastei esse pensamento. Resolveria tudo no dia seguinte. Esta noite, eu ficaria contente pelo nosso sucesso. Tinha sido uma noite incrível, tirando a parte em que Todd gritou comigo e eu gritei com Ryan.

Deitada na cama, ainda acordada, tentei visualizar todas as coisas boas que tinham acontecido: Jen arrecadando o dinheiro para o time, a versão inspirada de "



I Will Survive" de Kara, Diane e Tracy cantando comigo...

Mas toda vez que começava a ficar feliz, o rosto magoado de Ryan invadia minha mente.

— Ai! — Exclamei quando bati minha cabeça um pouco forte demais na tentativa de me livrar daquele pensamento.

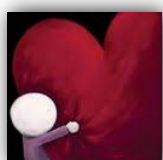
— Penny, você está bem? — Tracy disse um pouco grogue.

Não, não estou.

— Está tudo bem. Boa noite.

Eu realmente tinha de parar de mentir para minha melhor amiga.

E para mim mesma.



Trinta e cinco

O RELOGIO NÃO SE MOVIA RÁPIDO o bastante. Eu estava andando de um lado para o outro em frente ao meu armário há o que parecia uma eternidade. Era verdade que eu chegara à escola muito mais cedo que o normal. Tinha pedido a mamãe que me desse uma carona, para poder estar lá bem cedo. Meu estômago se comprimiu — Ryan ia chegar a qualquer momento.

Ele apareceu no corredor e tirou o gorro de lã, deixando o cabelo todo bagunçado. Começou a passar os dedos para penteá-lo, depois enquanto se aproximava do armário.

— Oi...- eu disse.

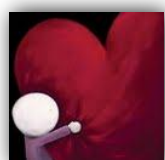
Ele apenas me cumprimentou com um gesto de cabeça enquanto tirava o pesado casaco preto de inverno.

Eu sabia que merecia isso.

— Ryan, eu sinto muito, muito mesmo pelo que disse. Você sabe que não tive a intenção.

Ele colocou a mochila no armário e começou a tirar os livros de dentro dela. Tentei imaginar quanto tempo levaria para ele me olhar outra vez.

— Eu sei — ele disse em voz baixa, ainda sem fazer contato visual. — O problema é que você disse porque sabia que iria me magoar. Bem, missão cumprida. — Ele balançou a cabeça. — De todas as pessoas da escola, achei que você seria a última a ir tão baixo. — Ele bateu a porta do armário e começou a se afastar. Então parou e se virou para mim — Você sabe o que tenho feito toda



manhã nas últimas semanas? Dirijo para a escola tentando adivinhar qual Penny vai estar me esperando em frente ao meu armário. Será que vai ser a Penny doce, afetuosa e engraçada ou a Penny fria e distante? Eu praticamente prendo a respiração até ver como você vai reagir, então tento entender o que fiz para merecer seu comportamento. Foi por isso que fiquei sem falar com você aquelas semanas. Eu estava magoado.

Fiquei olhando para ele. Não podia negar nada do que ele estava dizendo. Sabia que tinha sido inconstante com ele e não podia confessar o motivo.

Ele balançou a cabeça.

— Eu nunca sei qual é a nossa situação. — E começou a se afastar.

— Espere. — Corri para ficar na frente dele. — Eu sei que o que eu disse é imperdoável, e realmente sinto muito. Aconteceu muita coisa nos últimos meses, e acabei descontando um pouco em você.

— Por quê? — Ele me olhou intensamente.

— Eu... — Peguei minha bolsa. — Eu... queria lhe dar isso.

Estendi a mão e dei a Ryan a única coisa que, imaginei, poderia dizer a ele como eu estava me sentindo.

Ele estendeu a mão e pegou o CD. Abriu a caixinha de plástico, e sua expressão mudou enquanto passava o dedo pela lista de músicas.

— Você fez isso? — Ele olhou para mim.

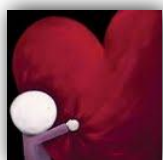
— Fiz.

Ele observou o interior da caixinha e leu a dedicatória em voz alta.

— From me to you... De mim para você.

— É de uma das músicas, esta aqui.

Eu peguei a caixinha do CD e apontei para o título de uma das músicas. Não tive coragem de escrever a letra inteira: seria dizer demais. Ele precisaria escutar o CD pra entender tudo.



Ryan não parava de olhar para a caixinha.

— Eu sei que parece um pouco bobo, mas foi a única coisa em que consegui pensar.

Comecei a sentir o desespero na minha voz, e lágrimas começando a se formar. Tudo na minha vida, a não ser o clube, parecia estar desmoronando ao meu redor: os olhares dos garotos na escola, Todd gritando comigo, o diretor Braddock pegando no meu pé... Eu não ia aguentar se Ryan me odiasse também.

Ele ouviu minha voz falhar e me olhou nos olhos de novo.

— Eu adorei. Obrigado.

— É sou um CD idiota. — Eu me virei para o corredor, tentando controlar as lágrimas que tinham começado a rolar por meu rosto.

O que estava pensando? Que uma coletânea dos Beatles faria tudo ficar bem? Se ele ao menos soubesse o que aquelas músicas, erma minha alma e meu coração. Que eu estava dando a ele. Nos quais eu estava deixando entrar. Só queria que ele pudesse perceber isso.

— Ryan veio até mim e chegou muito perto, sabendo que, ao fazer isso, protegia minhas lágrimas do mar de estudantes que começava a invadir corredor. A proximidade dele me deu uma sensação de bem-estar, em vez de desassossego.

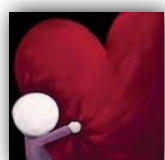
— Penny, isso significa tanto vindo de você! Por favor, não fiquei triste. — Ele colocou as mãos em volta da base do meu pescoço e se aproximou ainda mais, de forma que seu queixo se apoiasse em minha testa.

— Desculpe-me, eu só... — Tentei me controlar. — Foram semanas muito longas.

Ele esperou um pouco.

— É, foram.

Mais lágrimas correram por meu rosto. Tentei me recompor enquanto os corredores eram inundados de gente.



— Ótimo, tudo o que preciso é de mais fofocas sobre mim. Estou ficando cansada de as pessoas falarem de mim pelas costas, e tenho certeza de que isso só vai alimentar mais boatos.

Ele se inclinou e secou minha lágrima com as mãos. Eu olhei no fundo de seus olhos azuis, e desejei que todas as barreiras simplesmente desaparecessem.

— Sabe, você ser legal comigo não está ajudando em nada — eu disse.

Ryan olhou intensamente para mim durante alguns segundos, e depois um sorriso se espalhou por seu rosto.

— Já chega, pare com essa lamentação, mulher! Está parecendo uma louca chorona.

— O quê? — eu dei um grito de surpresa. Não consegui conter o riso. — Que diabos foi isso?

Ele deu de ombros.

— Bem, você estava precisando dar uma boa risada.

— Tudo bem, mas "louca chorona"?

— Eu estava sob pressão, tive de improvisar. — Ele se aproximou mais uma vez para secar as lágrimas das minhas bochechas. E sorriu de leve para mim. — Tudo bem?

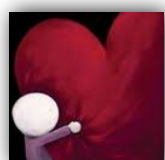
Enquanto eu fazia que sim, algo me chamou atenção no corredor. Vi Tracy olhando boquiaberta para nós dois. Ela sumiu rapidamente quando percebeu que eu a tinha visto.

— Olhe só, a gente ainda tem duas semanas antes das férias. Vamos fazer um pacto de não deixar nada atrapalhar... a nossa amizade de novo — ele disse.

Eu sorri.

— Seria muito bom.

— Então combinado, agora vamos voltar para nossos armários, senão vamos chegar atrasados na primeira aula. — Ele me abraçou e me levou até meu armário.



Uma onda de alívio me invadiu enquanto eu pegava meus livros.

Droga. Eu tinha esquecido completamente que minha primeira aula era espanhol, com Todd. Droga.

Mais apropriadamente, *caca*.

Daquele jeito eu não passaria em espanhol. Continuava copiando tudo que a *Señora* Coles escrevia no quadro, mas não conseguia me concentrar. Todd chegou alguns minutos atrasado com uma autorização, e eu estava com muito medo para me virar e olhar para ele.

— Tudo bem, só quero lembrar que as provas finais serão na próxima terça. Por hoje é só. Agora está na hora da conversação. *En Español*, por favor — a *Señora* Coles disse para a turma enquanto voltava para sua mesa.

Eu me virei para encarar Todd, e vi que ele estava olhando para meu pulso. Eu estava usando um suéter de mangas compridas para esconder o hematoma, mas dava pra ver um pouco da mancha marrom e azul. Abri a boca pra falar, mas não sabia o que dizer.

Todd disse alguma coisa, mas a voz dele saiu tão baixa, que não consegui entender.

— Quê? — perguntei.

Todd olhou para mim.

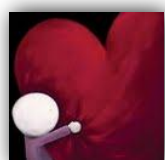
— Lo siento, Margarita. Lo siento.

Ele parecia exausto. Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, o sinal tocou. Comecei a reunir meus livros. Quando sai da sala, Todd estava me esperando.

— De verdade, Penny. Desculpe-me. — O rosto dele estava vermelho, e ele estava encostado nos armários do lado de fora da sala, cabisbaixo.

— Valeu, Todd.

Ele me deu um breve sorriso antes de ir para a próxima aula. Todd não parecia Todd se não estivesse fazendo piada ou provocando alguém. Fiquei



um pouco triste — quantas coisas ainda mudariam? Eu mal conseguia acompanhar, do jeito que tudo estava.

Na hora do almoço a escola inteira já sabia que Todd se embebedara no sábado à noite, e que os pais dele tinha descoberto, e que segunda de manhã tinham tido uma reunião com o diretor Braddock, que não teve escolha a não ser suspendê-lo do time de basquete por três partidas.

Agora eu entendia por que ele estava tão chateado... Mesmo que a culpa fosse inteiramente dele.

— Então... — Jen perguntou assim que Morgan se sentou à mesa — para onde foi que você e o Tyson fugiram depois da festa?

Morgan corou.

— É isso aí! — Jen riu. — Estou vendo que foi um noite bem-sucedida pra todo mundo.

— Sem comentários — disse Diane.

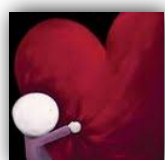
— Na verdade, era mais ou menos sobre isso que queria falar com o vocês — Tracy começou.

Morgan ficou horrorizada.

— Não. — Tracy balançou a cabeça. — Quer dizer, sobre o clube.

Ela começou a distribuir folhas de papel.

Meu coração bateu acelerado quando peguei a minha. Fiquei um pouco magoada por não ter ficado sabendo nada até aquele momento. Tínhamos conversado sobre aquilo, mas...

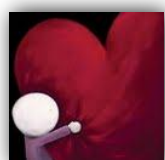


As novas e melhoradas regras do Lonely Hearts Club

Até o momento, estão aqui estabelecidas as regras para as integrantes do Lonely Hearts Club. Todas devem estar de acordo com esses termos, ou suas participação será removida dos registros do referido clube.

1. É permitido às integrantes namorar, contanto que nunca, nunca esqueçam que suas amigas vêm em primeiro lugar e acima de tudo.
2. Não é permitido às integrantes namorar babacas, cretinos, mentirosos, a escória da humanidade, ou, basicamente, qualquer um que não as trate bem.
3. É obrigatória a presença em todas as reuniões nos sábados à noite. Nenhuma integrante deixará de comparecer devido a um encontro com um garoto. As exceções ainda são apenas os casos de emergência familiar e os dias em que o cabelo estiver ruim.
4. As integrantes comparecerão juntas a todos os eventos de casais, como um grupo, incluindo, sem limitar-se a, Festa dos Ex-alunos, a Festa de Formatura, festas e outros eventos para casais. Podem escolher levar um garoto com elas, mas o referido garoto comparecerá ao evento pela própria conta e risco.
5. As integrantes devem, primeiro e acima de tudo, apoiar suas amigas, independentemente das escolhas que elas façam, O mais importante é ficarmos juntas.
6. E, acima de tudo, em nenhuma circunstância, ninguém poderá usar o que for dito no clube contra outra pessoa. Todas sabem a que eu estou me referindo.

As integrantes que violarem as regras citadas acima estarão sujeitas ao desligamento do clube, à humilhação pública, a fofocas maldosas e à possível decapitação.



Conforme as pessoas liam, houve muitos gestos de aprovação e apoio verbal às novas regras, levantei os olhos da folha e vi que Tracy esperava minha reação.

— O que achou, chefe?

— Vamos fazer uma votação. Todas as que são a favor das novas regras, levantem a mão.

Todas as mãos à mesa se levantaram.

— Graças a Deus! — Tracy exclamou. — Michelle, será que pode voltar a namorar meu irmão, para ele voltar a falar comigo?

Michelle começou a corar.

— Tome, convide-o para a festa. — Amy começou a distribuir envelopes. — Tem um para cada uma, mas fiquem à vontade de levar um convidado. Até mesmo do sexo masculino. — Ela piscou para Morgan.

Amy me entregou o meu, na frente do que estava escrito " Penny Lane, Líder Destemida" em bela caligrafia. Ela daria uma grande festa de fim de ano para o clube depois das provas finais.

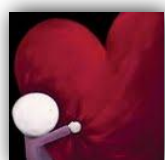
Todas começamos a falar sobre a festa, e voltei a olhar para Tracy. Ela não tinha dito nem uma palavra sobre o que vira entre mim e Ryan. E eu não queria mais drama em minha vida. Precisava apenas sobreviver às provas finais.

— Ei, Tereza — eu fritei do outro lado da mesa. — Você fez Espanhol 3 no ano passado, não fez?

— Si — Tereza respondeu.

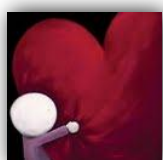
Uma lâmpada se acendeu em minha cabeça.

— Ei, meninas. — Fiquei de pé, e todas pararam de falar. — Talvez a gente devesse usar as duas próximas reuniões para estudar em grupo para as provas finais. — Ouvi alguns muxoxos. — Eu sei, eu sei, mas pensem um pouco. Podemos ajudar umas às outras com as provas, especialmente aquelas que cursaram a matéria no ano anterior.



Eu queria ter notas ainda melhores neste semestre, só para provar que o Braddock estava errado. E, é claro, queria que todas no clube tirassem boas notas nas provas. Quando Jen foi entregar o dinheiro ao diretor Braddock na sala dele naquela manhã, ele apenas resmungou enquanto contava as notas.

Haveria algo que pudesse fazer aquele homem feliz?



Trinta e seis

ERA ESTRANHO, PORQUE POR MAIS que eu acreditasse no sigilo a respeito dos assuntos do clube, queria que alguém contasse a Ryan sobre novas regras. Ao mesmo tempo, ainda não tinha certeza se estava pronta para namorar novamente e correr o risco de não dar certo. Era muito injusto: quanto mais eu gostava de Ryan, mais sabia que ele podia partir meu coração.

Decidi que estudar junto seria um não encontro seguro. Então, convidei Ryan à minha casa, para revisarmos a matéria de história mundial. Ele pareceu um pouco surpreso com o convite, mas não hesitou em aceitar.

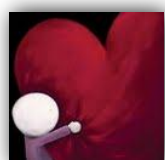
— Como exatamente você tem acesso a toda essa informação privilegiada? — Ryan me perguntou enquanto repassávamos nossas anotações no porão.

— Ah, eu tenho minhas fontes. — Peguei um mapa da Europa ocupada pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial.

Durante a reunião de sábado, eu tinha descoberto que a Sra. Barnes incluía na prova anterior várias questões sobre a Segunda Guerra Mundial. Eu sabia que os professores não usavam as mesmas provas duas vezes, mas era bom ter uma noção do que eles tinham feito antes.

Além do mais, eu não considerava isso trapacear, pois não recebíamos nenhum gabarito, apenas informação sobre o que tinha rolado no ano anterior. E toda ajuda era bem-vinda.

— Ah, oi, Ryan — minha mãe disse ao descer para o porão. — Quer ficar para o jantar?



Ryan olhou para mim, e encolhi os ombros.

— Seria ótimo. Obrigada, Sra. Bloom.

Mamãe nos olhou com um grande sorriso nos lábios. Nós não estávamos aprontando nada — havia livros espalhados no chão, e Ryan e eu estávamos a pelo menos uns dois metros de distância um do outro. Eu fiquei olhando para ela, esperando que dissesse alguma coisa, mas ela ficou apenas parada, olhando nós dois.

— Mãe...

— Ah, desculpe-me... — Ela voltou lá pra cima.

Será que aquela mulher podia, pelo menos uma vez na vida, tentar, apenas tentar, não me envergonhar?

Eu estava admirada comigo mesma: Ryan e eu tínhamos conseguido ser amigos por quase duas semanas, sem dramas. Esse parecia ser nosso trato. E eu de fato pensava nele, às vezes, de maneiras não apropriadas para uma amiga, mas eu sou humana.

— E aí, grandes planos para as férias? — Ryan levantou e começou a se alongar.

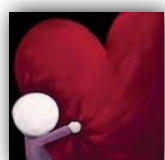
Eu olhei para o relógio, surpresa por perceber que tínhamos ficado estudando por duas horas seguidas.

— Comprar vestido de noiva — desdobrei as pernas e tentei desfazer a sensação de dormência no pé esquerdo.

— E quem é o sortudo? — Ele piscou para mim.

Eu revirei os olhos.

— Não para mim, para Lucy. Ela vem passar o Natal com a gente, e eu, ela e Rita vamos procurar vestidos de madrinha. — Rita deixara muito claro para Lucy que nós duas tínhamos de participar, porque ela não queria ficar parecendo “um pesadelo de tafetá rosa”. Deitei-me no chão e olhei para o teto. — Não vejo a hora



de elas duas estarem em casa. Só queria que as provas terminassem logo.

— Só falta mais um dia — ele me lembrou, enquanto voltava a se sentar.

— Ei, estou realmente animado com a festa na casa da Amy, amanhã à noite.

Eu me levantei tão rápido, que senti uma pequena vertigem.

— O quê? Você vai?

Os olhos de Ryan se arregalaram.

— Vou, isso é ruim?

— Não, não, é que eu não sabia que Amy tinha convidado você.

Ele balançou a cabeça.

— Bom, obviamente eu não receberia um convite seu. — Ele jogou a pasta em mim.

— Ah, foi mal... — Por que mesmo eu não o tinha convidado?

— Mas não foi Amy que me convidou.

É claro, Diane. Como eu tinha sido idiota de pensar que ela não ia convidá-lo.

— Tracy me chamou para sair.

Tracy? A minha Tracy?

Chamando ele pra sair?

Tentei assimilar que não apenas Tracy tinha convidado Ryan para a festa, mas também não tinha me contado. Ela geralmente me conta tudo.

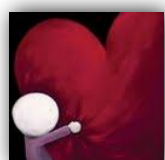
Era eu quem guardava segredos.

Meu estômago se revirou. Ah, meu Deus! Eu sabia exatamente o que aquilo significava.

Ryan tinha finalmente entrado para a lista da Tracy.

Era ridículo. Tracy nunca tinha demonstrado interesse por ele antes.

Talvez fosse por isso que ela não falara nada sobre ter visto a gente aquele dia, em frente aos armários. Mas ela não dissera alguns meses antes que eu e ele formaríamos um casal fofo?



É claro, a última coisa que eu tinha dito sobre o assunto era minha declaração de que nunca sairia com Ryan, nem em um milhão de anos. E realmente nunca contara a Tracy o que eu estava sentindo. Não.

Olhei para o lado e vi Ryan copiando umas anotações.

Eu não podia culpar Tracy.

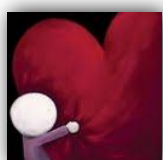
Eu tive semanas — meses! — para convidá-lo para sair.

Mas fiquei em silêncio.

E Tracy não.

Tracy queria o Ryan.

E eu queria me encolher como uma bola e morrer.



Trinta e Sete

EU ESTAVA COM PAVOR DA FESTA desde que descobrira que Tracy convidara Ryan. Fiquei esperando que ela falasse alguma coisa, mas ela não disse nada. E eu não tocara no assunto. Nem mesmo agora, enquanto estávamos nos arrumando.

Tirei a tampa do pó iluminador e comecei a aplicar no rosto.

— Não se esqueça do colo — Diane disse, apontando para minha blusa marrom justa com decote vê.

Eu estava usando uma calça jeans escura nova, cinto prateado brilhoso e botas de salto alto. Dei um passo atrás pra me ver no espelho e fiquei satisfeita.

— Deixe-me experimentar — Tracy disse enquanto pegava o pó iluminador da minha mão e começava a aplicar.

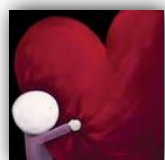
Ela estava usando uma blusa de renda justa com uma calça preta de risca de giz. Tracy ficava tão bonita de cabelo solto! Ela quase sempre andava de rabo de cavalo. Era óbvio que estava usando todas as armas para conquistar o Ryan.

— Tudo bem, acho que estamos prontas. — Diane disse quando demos uma última conferida no espelho do banheiro.

Diane, como sempre, estava perfeita. Vestia uma saia preta e blusa de gola rolê azul-clara transparente, com uma blusinha combinando por baixo.

Fomos até meu quarto pegar os casacos, mas Diane se sentou na minha cama e pegou uma bolsa azul-clara, que combinava com a roupa.

— Tenho um presente para vocês duas — ela disse enquanto tirava duas



caixinhas embrulhadas em papel prateado com uma fita vermelha, que entregou a mim e a Tracy. — Queria que vocês soubessem com sou grata por tudo o que fizeram por mim este ano.

— Diane, não precisava ter feito isso — protestei.

Ela simplesmente balançou a cabeça e fez um gesto em direção ao embrulho. Eu tirei a fita vermelha e tentei tomar cuidado para não rasgar o frágil papel prateado. Ofeguei quando vi uma caixinha azul da joalheria Tiffany's.

— Diane! — Eu mal podia acreditar.

Olhei para ver se Tracy tinha sido mais apressada que eu. Ela fez um sinal para mim, e nós duas abrimos nossas caixinhas.

Dentro da caixa havia uma bolsinha azul combinando. Eu abri e encontrei uma pulseira: uma correntinha prateada, com um pingente de coração no fecho.

— Que lindo! — Tracy e eu dissemos em uníssono.

— Leiam o que está escrito — Diane disse ao vir ate mim e segurar o coração.

De um lado havia as iniciais LHC e do outro, meu nome. Ela pegou a correntinha e a colocou no meu pulso.

— Diane, é demais. Você não devia... — eu disse.

— É, Diane... Quer dizer, Tiffany's — Tracy estava atrapalhada com o fecho.

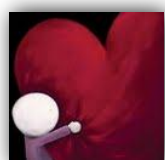
Diane se aproximou para ajudá-la.

— Vocês fizeram tanto 'por mim este ano, que isso é só uma maneira singela de dizer " obrigada". Além disso... — Diane levantou o braço esquerdo e puxou a manga, para mostrar que também usava uma pulseira igual. — Não acham muito brega, acham?

Eu não conseguia parar de olhar para a pulseira. Era o presente mais legal que alguém já tinha me dado.

— Não, nem um pouco. — Tracy e eu abraçamos Diane.

— E tem mais uma coisa que eu queria lhes dizer. — Diane parecia nervosa.



— Sei que as coisas estão mudando no clube, e que provavelmente logo, logo vocês vão estar namorando... e eu queria que soubessem — ela olhou para mim — que vou apoiá-las, quem quer que seja a pessoa que escolherem.

Ela sabia.

Diane sabia sobre Tracy.

Tracy fez um carinho nas costas dela.

— Obrigada, Diane. Você sabe que vamos fazer o mesmo por você.

Elas foram em direção à porta do quarto.

— Hoje vai ser muito divertido — Tracy disse.

Fale por você.



Parecia que éramos praticamente as últimas pessoas a chegar à casa de Amy. Tivemos de estacionar no outro quarteirão.

Nós nos demos os braços enquanto tocamos a campainha. Ouvimos o barulho que vinha lá de dentro silenciar quando Amy abriu a porta usando um lindo vestido vermelho na altura do joelhos.

— Sejam bem Vindas. — Ela se afastou pra entrarmos, e vimos todas as pessoas reunidas na sala e se espalhando pela cozinha ao lado.

— Boas Festas! — Todos disseram juntos, e começaram a bater palmas.

— Uau, vocês já devem estar cansando de fazer isso, a essa altura. — Tracy disse.

Nós Três demoramos um tempo pra entender que aquilo era pra nós. Todas as meninas do clube estava de pé dando vivas a nós. Eu vi Ryan, Tyson e o irmão de Tracy em um canto fazendo o mesmo.



— O que é isso? - Diane perguntou a Amy.

— Nada. Só queríamos dar a vocês três a recepção que merecem. — Ela fez sinal para entrarmos e pegou nossos casacos.

A comemoração foi diminuindo aos poucos, mas percebemos que todos estavam olhando na nossa direção e sorrindo. Olhei pra Jen e pra Morgan, tentando ver se elas me davam uma pisa, mas ambas apenas sorriam.

— Então — Amy disse para as pessoas reunidas na sala, queríamos que vocês soubessem como foram importantes para nós este ano.

Tracy pegou minha mão e a apertou. acho que ela estava certa, no fim das contas: nós três realmente tínhamos criado algo especial. Algo positivo, que valia a pena. A despeito do que as outras pessoas da escola e Braddock pensavam.

— E queríamos dar a uma coisa a vocês em agradecimento. — Amy pegou três presentes debaixo da árvore de Natal perto da janela. — Jen e eu estávamos nos lembrando de quando entramos para o clube, e de tudo sobre o que conversávamos. Não fazia a menos ideia, naquela época, que debaixo de uma árvore em frente a escola algo tão grande estivesse começando — Amy apontou em direção a sala cheia de gente.

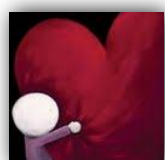
Diane, Tracy e eu começamos a abrir nossos presente, mas eu estava ficando nervosa com as risadinhas que ouvia na sala. Eu me atrapalhei com o papel de embrulho, então Tracy foi a primeira a abris o presente.

— É perfeito! — ela exclamou.

Olhei para o lado e vi que ela segurava uma camiseta branca com mangas três quartos rosa. ela me mostrou a camiseta, e na frente, estavam escritas as iniciais LHC e, atrás, LARSON.

Comecei a rir, e Amy continuou.

— Bem, nós pensamos que já estava na hora de termos uma camiseta oficial. — Todas as meninas na sala seguravam camisetas iguais. — O que vocês acham



que o diretor Braddcok faria, se todas entrássemos na escola no primeiro dia de aula usando nossas camisetas?

— Ei, não quero ser responsável por manda o homem para o hospital. — Tracy foi até a mesa das bebidas, pegou três copos de suco de maçã e deu para mim e outro para Diane. — Penny, acho que deveríamos brindar.

Eu levantei meu copo.

— Ao Lonely Hearts Club!

Todos levantaram seus copos.

— Ao Lonely Hearts Club!

— E — Tracy continuou — a todos os que nos apoiaram. — E fez um gesto em direção ao canto onde estavam seu irmão, Tyson e Ryan, depois se virou para mim e pegou minha mãe. — Vamos socializar.

Demos uma volta pela sala, agradecemos e desejamos boas festas a todo o mundo. Todas as meninas que faziam parte do clube estavam super animadas e lindas. Não podia imaginar minha vida sem elas.

— Ei, vamos lá. — Tracy começou a me arrastar para o canto onde Ryan conversava com Mike e Michelle.

Por favor, eu não queria ser a ligação entre eles. Preferia não estar lá para presenciar aquilo. Achei que meu coração não fosse suportar.

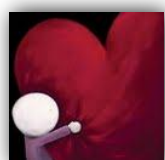
— Boas Festas! — Tracy disse.

E me empurrou com tanta força, que eu acidentalmente esbarrei em Ryan.

— Nossa, o que você está bebendo? — Ele fez um gesto em direção ao meu suco de maçã.

Eu corei, e subitamente senti uma onda de energia dentro de mim. Provavelmente era por causa de toda a animação da noite. Ou dos doze pedaços de bolo de chocolate que eu havia comido.

— Então, conseguimos. Sobrevivemos — Ryan encostou o copo dele no meu.



Eu sorri, mas não disse nada esperando que a qualquer momento Tracy se aproximasse e começasse a jogar charme para ele. Eu me virei em direção a Tracy e notei que ela não estava mais lá. Mike e Michelle também tinham sumido. Estávamos só Ryan e eu.

— Ei, você. — Ele colocou a mão na parte de baixo das minhas costas — Está tudo bem? Seu cérebro derreteu por causa das provas finais? — E começou a brincar com meu cabelo.

Eu dei um tapa na mão dele.

— Cuidado, demora séculos para arrumar isso, sabia? Especialmente com a grande fenda que tenho no crânio.

Ele começou a rir.

— Tudo bem.

Eu dei um sorriso malicioso.

— Vamos ver o que você acha. — Estiquei o braço e fiz o que sempre tive vontade: desarrumar o cabelo dele. E era macio, como eu imaginava.

Dei uma risada. Notei que todo mundo estava olhando para nós, mas desviaram o olhar quando me virei.

Tudo bem, Eu não devia estar fazendo aquilo com o carinho de quem Tracy estava a fim.

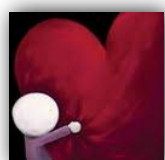
Eu me afastei até não haver mais contato físico.

Talvez eu não devesse ficar tão constrangida. Todo mundo sabia que éramos amigos. Com certeza eu estava imaginando coisas.

Mas só por precaução, dei mais um passo para trás.

Eu não podia acreditar em quanto tinha comido, mas conclui que não faria mal se devorasse um derradeiro pedaço de bolo de chocolate. Coloquei a boca o último pedaço que havia no prato enquanto começava a limpar a mesa.

A festa já se aproximava do fim, e restavam apenas umas doze pessoas na



casa de Amy. Eu tinha tirado minhas botas quando comecei a catar todo o lixo que estava espalhado.

Tracy veio até onde eu estava, grudou o braço no meu e me levou até o hall de entrada.

Por tudo que é mais sagrado — ela disse —, achei que se convidasse ele você finalmente faria alguma coisa, mas não. Você consegue ser tão frustrante às vezes...

O quê?

— Convidei-o para sair de uma vez, você esta me deixando maluca!

O quê?

Eu fiquei olhando para ela. Tracy deu um suspiro.

— Pen, eu sou sua amiga há anos. Achou mesmo que eu não tivesse percebido o que estava rolando entre você e Ryan?

O quê?

— Olhe só, Penny, eu sei que você esta preocupada com o clube e essa coisa de namorar. Mas as regras mudaram, lembra? Pare de mentir para si mesma. — Ela começou a sorrir. — Além do mais, você fica muito chata quando tenta esconder seus sentimentos, então vá lá dentro e o chame para sair de uma vez.

— Espere. — Eu estava chocada. — Você convidou Ryan por mim?

Tracy suspirou.

— Claro que sim! Que outro motivo eu teria?

Droga.

Comecei a balançar a cabeça.

— Eu não posso...

Ah, meu Deus.

Olhei para o lado e o vi conversando com Morgan e Tyson. Eu nunca tinha chamado nenhum garoto para sair antes, e se ele dissesse não?

— Ele não vai dizer não.



Como ela...?

— Mas e Diane? — perguntei, na esperança de adiar aquilo mais alguns dias, meses ou anos.

— Você não prestou atenção a nada do que ela disse antes de irmos para festa?

Olhei para Tracy, incrédula.

— Ela estava falando para mim...

Sério, Pen. Diane e eu já discutimos esse assunto...

— Espere aí! *Você e Diane já discutiram esse assunto?*

— Pen, o cara cantou para você na frente de toda a escola, só isso. Praticamente não se fala em outra coisa no Lonely Hearts Club, quando você não está por perto.

Que ótimo, o clube sabe. Então as pessoas *estavam* olhando! Estava com tanta vergonha! Isso não podia estar acontecendo.

— Além disso, você e Ryan são os melhores amigos da Diane. Ela quer que vocês dois sejam felizes.

— Bem, eu preciso falar com ela antes...

Tracy riu.

— Ela já foi embora: não queria que você se sentisse desconfortável. Ela me pediu para lhe dizer que é pra você ligar para ela amanhã, para vocês combinarem o que vai vestir no seu encontro com o Ryan.

Diane tinha ido embora. Mas... Mas...

Tracy balançou a cabeça.

— Às vezes eu fico me perguntando qual é o seu problema. Fale com ele de uma vez!

Antes que eu pudesse recuperar o fôlego, Tracy gritou:

— Ei, Ryan, você pode vir aqui rapidinho?



Ah. Meu. Deus. Agora não, eu não posso fazer isso agora.

Ryan pediu licença e veio até onde estávamos, parecendo um pouco confuso.

— O que foi, Tracy?

Tracy apenas sorriu e puxou-o de forma que ele ficasse bem na minha frente.

— Não tem mais espaço no meu carro. Será que você poderia levar a Penny para casa?

— Claro — ele respondeu.

— Ótimo! Ainda mais por que Penny precisa perguntar uma coisa a você. — Tracy virou as costas e saiu andando.

Eu estava completamente aterrorizada.

— Ah, e tem mais uma coisinha. — Tracy se virou e apontou para cima de nós. — Vocês dois estão embaixo do visco e conhecem a tradição: vão ter de se beijar. Tchau!

Ryan e eu olhamos para o alto e vimos o visco bem acima de nós.

Olhei para o lado e vi Tracy empurrando o restante das pessoas para a cozinha.

Eu ia matá-la.

Eu me virei e me retrai ao dar de cara com Ryan inclinando para me beijar.

Ele percebeu minha reação e recuou.

— Desculpe-me, é só que ... é uma tradição. — Ele apontou para cima. — Acho que eu não deveria ... — Ele se afastou ainda mais.

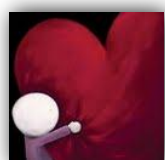
— Não, não, tudo bem. Eu só...

Como eu deveria fazer isso?

— Você queria me pergunta alguma coisa? — Ele cruzou os braços, e uma expressão divertida começou a tomar conta de seu rosto.

— Hum, queria. É que...

A falta de jeito mandou lembranças, Penny.



Então, é uma historia engraçada...

Vamos lá, eu consigo fazer isso.

Parece que as coisas mudaram um pouco no clube.

— Eu perdi alguma coisa? Elas expulsaram você?

— Ainda não. — Respirei fundo. — Bem, você sabe que a gente não podia, hum... não deveria...

Ryan endireitou a postura, e o sorriso diminuiu um pouco.

— Você não pode namorar.

— Bem, é. Mas chegamos à essa conclusão de que isso talvez não fosse justo com as pessoas...

— Sei. E agora?

Comecei a oscilar de leve para frente e para trás . Por que Tracy tinha feito isso comigo? Eu não estava nem um pouco preparada.

— Agora... Eu queria.... tentar...

Eu não tinha dado muito credito aos garotos em todos esses anos, aquilo era mesmo uma tortura.

— Penny, quer sair comigo?

Uau, foi fácil.

Felizmente Ryan sabia aproveitar uma deixa.

— Quero. Vai ser ótimo .

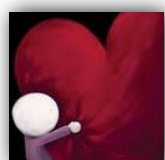
Sorrimos um para o outro. Ele deu um passo para a frente e colocou o braço em volta da minha cintura. Então eu me dei conta de uma coisa.

— Espera! Não podemos sair sábado a noite. Essas noites são do clube.

— Tranquilo. A semana tem mais seis dias.

Ele estava tornando tudo fácil demais. Talvez essa coisa de encontro não fosse ser tão difícil, no fim das contas.

— Ah, E eu almoço com minhas amigas, e se você quiser fazer alguma coisa,



tem de me avisar com

Antecedência porque eu não vou mudar meus planos com nenhuma delas só porque você ligou.

Ryan concordou .

— Tudo bem , mais alguma coisa ?

— Hum, na verdade, eu vou precisar dar uma olhada nas regras. Só quero ter certeza de que...

Ryan pegou minha mão e se inclinou na minha direção.

— Penny, eu não vou roubar você de suas amigas. Acha que podemos sair algumas vezes, antes de começarmos a fazer regras demais para nós dois ?

Eu corei. Precisava diminuir a afobação antes que começasse a decidir qual seria o desenho do nosso aparelho de jantar.

— Claro que podemos.

— Que bom. Vamos nos despedir de todo mundo , e depois vou levá-la para a casa.

Ele começou a ir em direção à cozinha.

— Espere! — eu chamei. Apontei para o visco que ainda estava acima da minha cabeça. — Seria errado quebrar uma tradição.

Ryan sorriu e veio até onde eu estava. Meu coração estava batendo acelerado quando ele pegou minha cabeça entre as mãos. Ele se inclinou na minha direção,mas em vez de ficar paralisada ou fugir, eu me aproximei e ele me beijou.

Afastamos nossos lábios, e o rosto dele ficou a centímetros do meu.

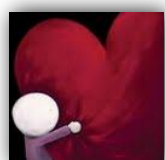
— Esperei o ano inteiro pra fazer isso. — ele disse.

— Por que demorou tanto? — eu perguntei.

— Quer realmente que eu lembre você?

Nós sorrimos.

Quando entramos na cozinha , todos ficaram em silencio.



Não foi difícil adivinhar do que eles estavam falando.

Enquanto nos despedíamos do pessoal, a Tracy veio me dar um abraço.

— Então... — Ela olhou atentamente para mim , e eu tive certeza de que ela sabia exatamente o que tinha acontecido.

Tracy mordeu o lábio e tentou conter um sorriso. Eu comecei a rir. Estava feliz por minha amiga me apoiar tanto. Ryan se aproximou e estendeu meu casaco aberto para eu vestir.

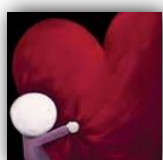
— Ei, Tracy, obrigado por me convidar — ele disse.

Tracy deu um pulinho e abraçou Ryan bastante forte.

— *Eu* é que agradeço.

Enquanto saíamos, ela fez com os lábios.

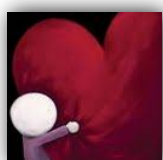
— Ligue pra mim!



Here Comes the Sun

"Little darling, it's been a long cold lonely winter..."

Querida, foi um longo gelado e solitário inverno...



Trinta e oito

FOI UM CHOQUE SAIR DA CASA de Amy para o ar frio do inverno. Comecei a tremer enquanto andávamos até o carro do Ryan, e ele me abraçou.

De repente, eu não sentia mais frio.

Ryan abriu a porta para eu entrar. Eu me sentei no banco do carona e coloquei o cinto enquanto ele entrava pelo outro lado. Ryan ligou o motor e o som começou a tocar. Ele ficou vermelho.

— CD maneiro.

— Valeu. Eu adoro.

— Eu também — eu disse, mas não estava mais falando sobre a música.

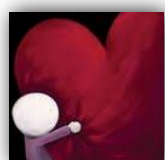
Eu me recostei no banco do carona e apoiei a cabeça no encosto. Tínhamos levado algum tempo, mas finalmente conseguimos.

Eu me recostei no banco, mas finalmente conseguimos.

Eu me inclinei para a frente, aumentei o volume e cantei a última música do CD que tinha feito para ele.

Porque mesmo que estivéssemos no meio da noite, eu ainda podia cantar "Here Comes the Sun", lá vem o sol, e as palavras e os sentimentos seriam verdadeiros.

Especialmente a parte sobre ficar tudo bem.



Estava mais que bem.

Estava perfeito.

Fim.

